

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS
TECNOLOGIAS**

RAQUEL PINTO CORREIA

**e-MAPEAMENTO DE PRÁTICAS SIGNIFICATIVAS DE BIBLIOTECAS
ESCOLARES E SUAS ESTRUTURAS ESPACIAL, FORMATIVA,
PEDAGÓGICA E HUMANA**

**CURITIBA
2022**

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS

RAQUEL PINTO CORREIA

**e-MAPEAMENTO DE PRÁTICAS SIGNIFICATIVAS DE BIBLIOTECAS
ESCOLARES E SUAS ESTRUTURAS ESPACIAL, FORMATIVA, PEDAGÓGICA E
HUMANA**

CURITIBA
2022

RAQUEL PINTO CORREIA

**e-MAPEAMENTO DE PRÁTICAS SIGNIFICATIVAS DE BIBLIOTECAS
ESCOLARES E SUAS ESTRUTURAS ESPACIAL, FORMATIVA, PEDAGÓGICA E
HUMANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre em Educação e Novas Tecnologias.

Área de Concentração: Educação

Orientadora: Prof. Dra. Luana Priscila Wunsch

**CURITIBA
2022**

C824e Correia, Raquel Pinto
e-Mapeamento de práticas significativas de bibliotecas
escolares e suas estruturas espacial, formativa, pedagógica e
humana / Raquel Pinto Correia. - Curitiba, 2022.
119 f. : il. (algumas color.)

Orientadora: Profa. Dra. Luana Priscila Wunsch
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e
Novas Tecnologias) – Centro Universitário Internacional
UNINTER.

1. Bibliotecas escolares. 2. Bibliotecários de escolas.
3. Profissionais da educação. 4. Bibliotecas e educação.
5. Administradores escolares. 6. Bibliotecas – Inovações
Tecnológicas. I. Título.

CDD 371.334

Catálogo na fonte: Vanda Fattori Dias - CRB-9/547



CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO-PGPE
PROGRAMA DE MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS
Secretaria do Mestrado e Doutorado Profissional em Educação e Novas Tecnologias

Defesa Nº 017/2022

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE EM
EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS**

No dia 23 de agosto de 2022, às 9h reuniu-se via web conferência a Banca Examinadora designada pelo Programa de Mestrado e Doutorado Profissional em Educação e Novas Tecnologias, composta pelas professoras doutoras: Luana Priscila Wunsch (Presidente-Orientador-PPGENT/UNINTER), Liliana Giusti Serra (Integrante Externo/ SOLUÇÕES SOPHIA), Siderly do Carmo Dahle de Almeida (Integrante Interno Titular - PPGENT/UNINTER), Desiré Luciane Dominschek Lima(Integrante Interno Suplente - PPGENT/UNINTER), para julgamento da dissertação: "e-MAPEAMENTO DE PRÁTICAS SIGNIFICATIVAS DE BIBLIOTECAS ESCOLARES E SUAS ESTRUTURAS ESPACIAL, FORMATIVA, PEDAGÓGICA E HUMANA", da mestrande Raquel Pinto Correia. A presidente abriu a sessão apresentando os professores membros da banca, passando a palavra em seguida à mestrande, lembrando-lhe de que teria até vinte minutos para expor oralmente o seu trabalho. Concluída a exposição, a candidata foi arguida oralmente pelos membros da banca.

Concluída a arguição, a Banca Examinadora reuniu-se e comunicou o Parecer Final de que a mestrande foi:

- (x) APROVADA, devendo a candidata entregar a versão final no prazo máximo de 60 dias.
- () APROVADA somente após satisfazer as exigências e, ou, recomendações propostas pela banca, no prazo fixado de 60 dias.
- () REPROVADA.

A Presidente da Banca Examinadora declarou que a candidata foi aprovada e cumpriu todos os requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação e Novas Tecnologias, devendo encaminhar à Coordenação, em até 60 dias, a contar desta data, a versão final da dissertação devidamente aprovada pelo professor orientador, no formato impresso e PDF, conforme procedimentos que serão encaminhados pela secretaria do Programa. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata que vai assinada pela Banca Examinadora.

Recomendações: o trabalho é indicado para publicação em revistas e eventos científicos.



Dra. Luana Priscila Wunsch
Presidente da Banca

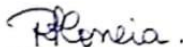


Dra. Liliana Giusti Serra
Integrante Externo



Dra. Siderly do Carmo Dahle de Almeida
Integrante Interno Titular

Dra. Desiré Luciane Dominschek Lima
Integrante Interno Suplente



Raquel Pinto Correia
Mestranda

AGRADECIMENTO

A Deus toda honra e glória! Agradeço o cuidado, a proteção e por permitir a realização desse sonho, aprender mais e participar do Programa do Mestrado.

Ao meu querido e amado esposo, Wilson Richeta Correia pelo incentivo e companheirismo. Neste período teve acúmulos de tarefas, inclusive aprimoramento na culinária.

Aos filhos, amores da minha vida, Priscila Raquel Pinto Correia Nicholls e Bruno Wilson Pinto Correia, presente em todos os momentos, perto ou à distância. Também aos que chegaram e estão chegando na família, Michael David Nicholls, Eloise Olivia Nicholls, Theodore Nicholls e Paola Couto Braga.

Ao meu pai João, o maior exemplo de leitor, tanto em textos impressos quanto nos digitais. Tem uma visão de mundo ampliada e aos 86 anos ainda é um leitor voraz. Agradeço a toda a família pelo carinho e compreensão pelas ausências em alguns momentos durante o estudo.

As garotas do Quarteto Fantástico, Liriane Borges (Bibliotecária), Madalena Lopes (Coordenadora Técnica) e Rosane Vitto (Matrículas) que a todo momento ajudaram com discussões, ideias e palavras de ânimo. Vocês são realmente fantásticas!!

Ao Departamento da Educação Adventista da Associação Central Paranaense, Pedro Renato Frozza, Jhonatan Coelho, Tarcísio Matos e Keila Kloss pelo apoio acadêmico e financeiro. Também agradeço ao grupo de diretores, assistentes financeiros, secretárias, coordenadores pedagógicos, orientadores educacionais, professores, auxiliares de biblioteca e demais funcionários pelo incentivo.

Ao Grupo de Bibliotecários da Educação Adventista, pois de uma forma ou outra contribuíram com ideias e relatos que auxiliaram na construção desse estudo. E que os apontamentos dessa dissertação venham fortalecer o espaço da Biblioteca Escolar como um lugar de aprendizagem e o papel educativo do bibliotecário.

A minha amiga, professora e orientadora Dra Prof^a. Luana Priscila Wunsch que me acolheu nessa jornada acadêmica durante a pandemia, período que deixou uma marca na Educação. Num cenário de muitas incertezas e de isolamento não foi fácil

enfrentar esses momentos, porém suas aulas e palavras de ânimo contribuíram para aquisição do conhecimento e a saúde emocional. Suas palavras no final de cada aula e de cada encontro, “Fique bem! Tudo vai dar certo” ficaram gravadas com a seguinte mensagem: Tenha esperança! Levo também como exemplo, a sua garra e determinação, pois admiro seu trabalho. E estaremos juntas para sempre, “mamãe acadêmica”.

Agradeço profundamente todos os professores que estiveram comigo nessa caminhada do Mestrado, mas em especial, preciso agradecer com muito amor e carinho, as professoras Dra Siderly Almeida e Dra Liliana Giusti Serra que participaram da banca, por compartilharem seus pareceres e correções sobre a temática.

A amiga e Prof^a. Fabiana Alexandre Paulino Retamero pelas diversas discussões pedagógicas que incentivaram a busca por mais conhecimento e revisão desse texto.

Enfim, tenho certeza que não fui capaz de citar aqui todos que caminharam comigo nesse tempo, todos que me apoiaram nos momentos difíceis. Mas sou grata a cada um que, de alguma forma, fez parte da minha vida nesse período.

A todos o meu muito obrigada!

*O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria".
(Provérbios 9:10).*

CORREIA, Raquel Pinto. **e-mapeamento de práticas significativas de bibliotecas escolares e suas estruturas espacial, formativa, pedagógica e humana**. Curitiba, 2022. 111 f. Orientadora: Prof^a. Luana Priscila Wunsch. Dissertação (Mestrado Profissional e Educação e Novas Tecnologias) – Centro Universitário Internacional UNINTER.

RESUMO

Dentro do projeto de Pesquisa “Perspectivas Inovadoras, Híbridas e Ativas no Contexto Educacional Pós-Março de 2020”, do Programa de Pós-Graduação Profissional – Mestrado e Doutorado – Educação e Novas Tecnologias – Uninter, esta dissertação apresenta uma análise sobre a biblioteca escolar (BE) no período dos últimos cinco anos (2017-2022) com base em publicações (Teses e Dissertações) da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), objetivando estabelecer uma linha-base das principais estruturas das bibliotecas escolares, espacial, formativa, pedagógica e humana. Como procedimento metodológico foi utilizada a Revisão Sistemática de Literatura (RSL) que analisou o posicionamento dos autores sobre o tema. Nessa análise foi possível organizar um framework com as estruturas citadas denominadas como e-BE. A estrutura **espacial** compreende os espaços, aqui são considerados os espaços, físico e digital; a **formativa** envolve a formação do bibliotecário, do professor e do gestor para desenvolvimento e atuação; a **pedagógica** incentiva as competências leitoras, de ColInfo e cultural na organização dos serviços e projetos para atender as demandas informacionais; e a **humana** que busca conhecer e entender as características e necessidades informacionais dos usuários. Após essa análise foi possível levantar os principais avanços e estagnações que aconteceram no contexto. As principais estagnações observadas são: muitas escolas brasileiras sem bibliotecas; muitos municípios e escolas privadas não tem um programa para organização e funcionamento do seu projeto político pedagógico; legislação ainda não efetiva em vigor, ausência do profissional bibliotecário e falta de apoio administrativo e pedagógico para desenvolvimento das atividades. Quanto aos principais avanços se pode citar: o bibliotecário escolar como educador e sua atuação pedagógica; o uso do Manifesto da BE e das diretrizes como base para implantação e organização; o fortalecimento do trabalho em rede; aumento de projetos e atividade de incentivo à leitura e a leitura literária; o desenvolvimento das ColInfo em diversas escolas; o aumento da parceria professor-bibliotecário; diálogo entre gestores e bibliotecários; bons exemplos de sucesso. Como produto de aplicação pedagógica foi realizado um levantamento em dados abertos (websites) de instituições e/ou projetos que apontasse um bom exemplo para as práticas bibliotecária no cenário nacional e internacional com destaque nas estruturas da e-BE.

Palavras-chave: Bibliotecas escolares. Bibliotecários de escolas. Bibliotecas e Educação. Estruturas da Biblioteca escolar. Administradores escolares.

CORREIA, Raquel Pinto. **e-mapping of significant practices of school libraries and their spatial, formative, pedagogical and human structures**. Curitiba, 2022. 111 f. Advisor: Prof. Luana Priscilla Wunsch. Dissertation (Professional Master's and Education and New Technologies) – UNINTER International University Center.

ABSTRACT

Within the research project "Innovative, Hybrid and Active Perspectives in the Post-March 2020 Educational Context", of the Professional Graduate Program - Master's and Doctorate - Education and New Technologies - Uninter, this dissertation presents an analysis of the school library (BE) in the period of the last five years (2017-2022) based on publications (Theses and Dissertations) of the Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), aiming to establish a baseline of the main structures of school, spatial, formative libraries, pedagogical and human. As a methodological procedure, the Systematic Literature Review (RSL) was used, which analyzed the authors' position on the subject. In this analysis it was possible to organize a framework with the aforementioned structures called e-BE. The **spatial** structure comprises the spaces, here the spaces are considered, physical and digital; the **formative** one involves training the librarian, the teacher and the manager for development and performance; the **pedagogical** one encourages reading, Colnfo and cultural skills in the organization of services and projects to meet informational demands; and the **human** that seeks to know and understand the characteristics and informational needs of users. After this analysis, it was possible to raise the main advances and stagnations that happened in the context. The main stagnations observed are: many Brazilian schools without libraries; many municipalities and private schools do not have a program for the organization and operation of their pedagogical political project; legislation not yet in force, absence of professional librarians and lack of administrative and pedagogical support for the development of activities. As for the main advances, we can mention: the school librarian as an educator and his/her pedagogical performance; the use of the BE Manifesto and the guidelines as a basis for implementation and organization; strengthening networking; increase in projects and activities to encourage reading and literary reading; the development of Colnfo in several schools; increasing teacher-librarian partnership; dialogue between managers and librarians; good examples of success. As a product of pedagogical application, a survey was carried out in open data (websites) of institutions and/or projects that pointed to a good example for library practices in the national and international scenario, with emphasis on the structures of e-BE.

Keywords: School library. School librarian. School Library Structures. Libraries and Education Educational managers.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Ranking das universidades brasileiras – 2021 | 41 |
| Figura 2 – Modelo de estruturas para biblioteca escolar (e-BE) | 48 |
| Figura 3 – Biblioteca escolar como espaço de aprendizagem | 54 |
| Figura 4 – Como se configura a estrutura espacial da biblioteca escolar | 65 |
| Figura 5 - Como se configura a estrutura formativa da biblioteca escolar | 81 |
| Figura 6 - Como se configura a estrutura pedagógica da biblioteca escolar | 86 |
| Figura 7 – Como se configura a estrutura humana da biblioteca escolar | 90 |
| Figura 8 – Como se configura as estruturas da biblioteca escolar | 92 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 - Publicações que contém no título biblioteca escolar ou bibliotecas escolares | 42 |
| Quadro 2 - Relação das publicações encontradas na BDTD considerando as 5 melhores | 42 |
| Quadro 3 - Agrupamento dos principais temas e seus autores..... | 47 |
| Quadro 4 – Posicionamento dos autores sobre o espaço da biblioteca escolar | 50 |
| Quadro 5 – Posicionamento dos autores sobre os profissionais da biblioteca escolar – Bibliotecário | 66 |
| Quadro 6 - Posicionamento dos autores sobre os profissionais da biblioteca escolar – Professor-Bibliotecário..... | 71 |
| Quadro 7 - Posicionamento dos autores sobre os profissionais da biblioteca escolar..... | 76 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|-----------|---|
| ALA | American Library Association |
| AVL | Alliance Virtual Library |
| BDTB | Biblioteca Digital de Teses e Dissertações |
| BE | Biblioteca Escolar |
| BNCC | Base Nacional Comum Curricular |
| ColInfo | Competências em Informação |
| CRA | Centro de Recursos de Aprendizagem |
| CVL | Community Virtual Library |
| GEBE | Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar |
| IBICT | Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia |
| IDEB | Índice de Desenvolvimento da Educação Básica |
| IFLA | International of Federation Library Associations and Institutions |
| INEP | Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais |
| IPL | Instituto Pró-Livro |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional |
| Lei | Lei Nº 12.244 de 24 de maio de 2010 |
| Manifesto | Manifesto da Biblioteca Escolar |
| MEC | Ministério da Educação |
| PMDB/RJ | Partido do Movimento Democrático Brasileiro – Rio de Janeiro |
| PMLLL | Plano Municipal do Livro Leitura e Literatura |
| PPS/SC | Partido Popular Socialista – Santa Catarina |
| PRBE | Programa de Rede de Bibliotecas Escolares |
| RSL | Revisão Sistemática de Literatura |
| SAEB | Sistema de Avaliação da Educação Básica |
| TDICs | Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação |
| UCD | University College Dublin |
| UFMG | Universidade Federal de Minas Gerais |
| UFRJ | Universidade Federal do Rio de Janeiro |
| UNESP | Universidade Estadual de São Paulo |
| UNICAMP | Universidade Estadual de Campinas - São Paulo |
| USP | Universidade de São Paulo |

CAMINHOS E CAMINHADAS: UM MEMORIAL

Caminho, palavra que se abre para várias oportunidades. Todas as pessoas nesse mundo trilham um caminho. Algumas vezes, o caminho é escolhido por outrem, porém a maioria das vezes cada um escolhe o seu trajeto, se ele é certo ou errado, se é de fracasso ou de sucesso, isso depende da visão de mundo de cada pessoa.

Com esse pensamento, aproveito para contar as oportunidades que fizeram e fazem parte do meu caminhar. Não escolhemos a família, nem nossos pais, mas posso dizer que a minha família é especial, extraordinária e não tem igual nesse mundo. Não é a família perfeita, porém a forma como lidamos com os problemas nos tornam fortes e resilientes. Além das dificuldades, temos momentos de alegria, de confraternização, muitas brincadeiras e risadas, esses momentos são muito divertidos e ficam marcados na memória.

Além da boa convivência, perto ou à distância, uma característica da nossa família é que todos gostam de ler, uns leem muitos (até demais), outros um pouco, contudo a leitura sempre foi incentivada na família. Meus pais sempre incentivaram os filhos a lerem, em primeiro lugar a Bíblia, por ser uma família cristã e depois os demais livros e revistas. Meu pai é o maior incentivador, ele gosta de ler, e quando éramos crianças lia para nós, quando podia comprava livros e revistas, porém o mais importante é o seu exemplo, agora aposentado sempre tem um livro à mão, inclusive no digital, apesar de ter estudado até o terceiro ano do Ensino Fundamental, na década de 40, sempre gostou de ler e esse gosto transmitiu para os filhos. Ainda guardo os livros que ganhei dos meus pais, pois eles influenciaram o meu gosto pela leitura. E como sabemos a leitura é uma das formas de se conhecer o mundo.

Quando acabei o Ensino Fundamental, em 1980, as opções da época eram os cursos técnicos, em que o estudante já saía com uma profissão. A minha opção foi o curso do Magistério, ele foi a minha porta de entrada para a Educação, um mundo fascinante.

Tive professores incríveis, eles me mostraram como as crianças aprendem, como sistematizar os conteúdos para uma aula, como preparar recursos para deixar a aula mais interessante e atrativa, enfim, foi um período maravilhoso da minha vida! Não me esqueço desse período, e por isso menciono a Prof^a. Helena Passos Wichert. Ela era a professora de Didática, nessa época tinha acabado de chegar da Suíça e feito um curso com Jean Piaget sobre desenvolvimento infantil e a aprendizagem. Ela

falava com tanta empolgação sobre o assunto, que deixava as alunas encantadas. Talvez por isso o construtivismo faz parte da minha formação.

Após concluir o Magistério, trabalhei por 11 anos em escolas privada e pública como professora do Ensino Fundamental - Anos Iniciais. Foram anos de constatações, diálogos e comparações sobre teorias de aprendizagens, domínio de sala de aula, políticas públicas e problemas sociais realizadas com os colegas de profissão.

Durante esse período de trabalho veio a escolha do curso superior e como já tinha aprendido sobre educação, agora queria aprender sobre outra área e escolhi a Biologia, pois queria ser cientista, descobrir e inventar coisas, assim era o meu pensamento. Mas, conciliar o trabalho na escola e os horários da faculdade de Biologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR), com aulas o dia todo, não era tarefa fácil. Até que um dia o coordenador do curso me disse que do jeito que eu estava levando o curso eu não conseguiria terminá-lo, pois não conseguia fazer muitas disciplinas devido aos horários: aula teórica pela manhã e prática a tarde.

Então, um dia peguei o caderno de cursos da UFPR e escolhi um curso que tivesse aulas em um só período e não fosse à noite.

Os meus olhos brilharam quando enxergaram o curso de Biblioteconomia. Era uma graduação só pela manhã. Assim, eu poderia trabalhar à tarde sem dificuldade. Foi assim que coloquei o pé no mundo das bibliotecas.

Já atuei em diversos tipos de bibliotecas, mas o coração bateu mais forte pela Biblioteca Escolar, acredito que talvez seja a ideia de que na escola você pode mudar o mundo enquanto ensina e aprende. Assim, a BE faz parte da minha caminhada a muito tempo, em torno de uns 25 anos.

Trabalho em uma rede educacional privada e confessional, com a finalidade de incentivar a leitura de crianças e adolescentes (e dos professores também), orientar trabalhos escolares por meio de atividades pedagógicas, faço a curadoria de acervo, capacito e supervisiono o trabalho da equipe da biblioteca e, assim, mostro a importância da BE para as equipes pedagógicas e administrativas das nove unidades escolares que compõem a região administrativa da rede de ensino que atuo.

Foi por meio da realização dessas atividades que surgiram indagações sobre como melhorar o meu trabalho enquanto bibliotecária escolar e a performance da BE.

Durante esse período, foi possível perceber que os profissionais da educação amam a biblioteca, assim como os bibliotecários, porém não conseguem trabalhar de forma integrada.

Desse modo, observei que a Educação e a Biblioteconomia escolar andam lado a lado e raros são os momentos que se juntam, isto é, que andam de mãos dadas, e quando isso acontece, é por pouco tempo.

Essa situação chamou minha atenção e acabei levantando alguns questionamentos que me fizeram refletir sobre essa temática, entre eles: Será que a conceituação da BE e as suas funções que ainda não estão esclarecidas? Ou será a formação do bibliotecário ou do professor ou das equipes, pedagógicas e administrativas? Ou quais as competências que devem ser desenvolvidas em seus usuários? Ou será que é a falta de acervos para leitura? Ou o uso das tecnologias digitais? Ou falta de políticas públicas para as BEs? Ou definição de orçamento para sua estrutura?

Apesar das leituras que realizei, elas não foram suficientes para encontrar as respostas para esses questionamentos. Então, comecei a procurar cursos na área educacional, para conhecer os pensadores, teorias e tendências, com a finalidade de entender a minha crise existencial como bibliotecária escolar e assim ter uma prática mais contextualizada.

Por isso, resolvi cursar uma pós-graduação em Gestão da Bibliotecas na UFPR, com o intuito de aprender mais sobre a gestão da BE e dessa forma melhorar a prática bibliotecária. Depois veio a pós-graduação em Psicopedagogia na UNICURITIBA, com o objetivo de alinhar as conversas com os professores, ampliar a discussão sobre os teóricos da área de Educação e Biblioteconomia e fortalecer o trabalho integrado.

Num segundo momento, analisei alguns cursos de mestrado, então cursei a disciplina isolada, Tecnologias educacionais do Mestrado em Educação da UFPR, com a Prof^a Gláucia Brito, essa disciplina me levou a refletir sobre o papel das tecnologias no ambiente escolar, o papel do professor no uso das tecnologias, porém ainda era preciso saber mais. Por isso, em busca de outros cursos que atendesse essa demanda, de aliar bibliotecas, tecnologias e educação, encontrei a disciplina de Educação e novas tecnologias: aprendizagens ativas digitais e metodologias híbridas do Mestrado em Educação e Novas Tecnologias da Uninter.

Essa disciplina, abriu caminhos para novos posicionamentos sobre Educação e organização dos serviços na BE. Esses conhecimentos também mudaram a percepção do meu trabalho e fiz ajustes na minha prática educativa.

Por fazer parte do comitê que gerencia o sistema de bibliotecas para a Rede educacional em todo Brasil e por sempre estar sempre capacitando bibliotecários, a disciplina “Formação docente em contexto inovador”, do mesmo programa de Mestrado, veio contribuir para entendimento da necessidade de formação dos bibliotecários escolares como educadores.

Cursar essas disciplinas, aumentou o desejo de participar do processo seletivo do programa, com o intuito de buscar novos conhecimentos para fortalecer o meu trabalho na rede, ampliar o diálogo sobre a BE e o papel educativo do bibliotecário, e assim melhorar a minha prática bibliotecária e pedagógica. Esse foi o caminho que trilhei na companhia de todos que participaram e participam da minha história de vida.

Assim, nas seções que seguirão apresentarei as reflexões, dados, resultados e análise do meu percurso investigativo.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| 1 INTRODUÇÃO | 21 |
| 2 BIBLIOTECA ESCOLAR: AQUI! | 29 |
| 3 DESIGN METODOLÓGICO: REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA | 36 |
| 3.1 Biblioteca escolar: RSL | 40 |
| 4 VENHA! VAMOS REVISITAR BIBLIOTECA ESCOLAR: ANÁLISE DE DADOS .. | 48 |
| 4.1 Panorama da Estrutura Espacial | 49 |
| 4.2 Panorama da Estrutura Formativa | 66 |
| 4.3 Panorama da Estrutura Pedagógica | 81 |
| 4.4 Panorama da estrutura humana | 87 |
| 5 LINDEZAS DA BIBLIOTECA ESCOLAR: PRODUTO DE APLICABILIDADE PEDAGÓGICA | 92 |
| 5.1 Bons exemplos de práticas nacionais | 95 |
| 5.1.1 Prefeitura Municipal de Florianópolis/SC – Bibliotecas escolares | 95 |
| 5.1.2 Resource Center - Casa Thomas Jefferson | 96 |
| 5.1.3 Prefeitura Municipal de Seara/SC – Biblioteca Escolar Alberta Lyra | 97 |
| 5.1.4 Bibliotecas Escolares – Prefeitura Municipal de Belo Horizonte/MG | 98 |
| 5.1.5 Farol do Saber – Curitiba/PR | 98 |
| 5.1.6 Bibliotecas Escolares – Educação Adventista – Região Central do Estado do Paraná | 100 |
| 5.2 Bons exemplos e práticas internacionais | 101 |
| 5.2.1 Centro de Recursos de Aprendizagem – Chile | 101 |
| 5.2.2 Rede de Bibliotecas Escolares – Portugal | 102 |
| 5.2.3 Thurgood Marshall Middle School –The library is the heart of the school | 103 |
| 5.2.4 Biblioteca itinerantes – Territórios de conhecimento | 104 |
| 5.2.5 Bibliotecas da Ucrânia – Livros, sim! | 106 |
| 6 CONSIDERAÇÕES (PARA RECOMEÇAR) | 108 |
| 7 REFERÊNCIAS | 114 |

1 INTRODUÇÃO

Atualmente vivemos em um mundo sob a perspectiva da mudança e da inovação, onde todos precisam se reinventar a cada dia. No contexto da BE isso não é diferente, pois as inovações são constantes e contínuas contribuindo para o desenvolvimento estudantil e social dos educandos.

Muitas são as situações vivenciadas nas BEs e por bibliotecários, elas são variadas, muitas desvalorizam a BE, entre elas se encontram a omissão de administradores, falta de bibliotecários e das falas que apregoam o seu fim, porém não é isso que se constata nas escolas brasileiras e no cenário mundial. O que se observa são escolas que valorizam esse espaço, por isso são constantes os movimentos de campanhas de arrecadação de livros, com objetivo de formar ou atualizar os acervos, o desenvolvimento de projetos que visam incentivar a leitura e a dinamização dos espaços, portanto, independente das situações vividas, a BE tem suas funções reconhecidas por sua comunidade escolar.

A BE tem sua existência pautada na participação do processo de aprendizagem dos educandos, com o propósito de contribuir para o seu desenvolvimento ao longo da vida, e assim prepará-lo para ser um cidadão responsável e participativo na sociedade.

Essa finalidade está declarada no **Manifesto da Biblioteca Escolar** (Manifesto), organizado em 1999 pela *International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA)* e referendado pela Unesco, que estabelece os seguintes objetivos para esse espaço:

apoiar e intensificar a consecução dos **objetivos educacionais** definidos na missão e no **currículo** da escola;

desenvolver e manter nas crianças **o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem**, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida; oferecer oportunidades de **vivências destinadas à produção e uso da informação** voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento;

apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para **avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios**, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos;

prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas ideias, experiências e opiniões;

organizar atividades que incentivem a **tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade; trabalhar em conjunto com**

estudantes, professores, administradores e pais, para o alcance final da missão e objetivos da escola proclamar o conceito de que a **liberdade intelectual e o acesso à informação** são pontos fundamentais à **formação de cidadania** responsável e ao exercício da democracia; promover leitura, recursos e **serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar** e ao seu derredor. (grifos da autora), (IFLA, 2022, p.2).

Por meio desses objetivos se percebe a abrangência do papel da BE, eles justificam a sua existência no ambiente escolar, bem como as contribuições no processo de ensino e de aprendizagem como apoio aos objetivos educacionais e a proposta curricular.

O Manifesto ainda aponta para a importância da leitura e da aquisição do conhecimento dos educandos, portanto a BE deve oportunizar vivências que contribuam para a produção intelectual e que o espaço da biblioteca faça parte de sua vida, não apenas durante o período escolar, mas como espaço de aprendizagem contínua.

Ainda é preciso pontuar a sua relevância para o desenvolvimento das competências em informação (ColInfo) dos educandos, pois nesse cenário de cultura digital, se faz necessário selecionar e avaliar informações, nas diversas variações e suportes, por isso é imprescindível que o educando saiba usar adequadamente as informações na sociedade em que está inserido e participe ativamente no exercício da sua cidadania.

A organização e funcionamento da BE envolve um conjunto de atores, estudantes, professores, bibliotecários e pais, que formam a comunidade escolar e que trabalham em parceria com a finalidade de alcançar sua missão.

Nessa parceria se afirma o papel do bibliotecário, como articulador na comunidade escolar, responsável por promover ações educativas que colaboram com a reconstrução do conhecimento, a liberdade intelectual por meio da leitura, da escrita e da pesquisa, essas ações colaboram para a formação cidadã dos educandos.

O último objetivo prevê que a BE seja um espaço de serviços organizados junto à comunidade escolar, por isso, ela precisa ser ativa, dinâmica, interativa, tecnológica, com atividades que estimulem a leitura, as ColInfo e a consciência cultural e social dos usuários da comunidade.

Esse Manifesto é divulgado e utilizado por instituições governamentais, instituições da área biblioteconômica e por bibliotecários que atuam nessa área, pois visa a organização e desenvolvimento das BEs em todos os países. No Brasil já são

22 anos de divulgação e uso, mas quando se olha para a situação atual das BEs brasileiras, ainda há muito a ser feito, pois, se constatam muitas dificuldades que interferem na solidificação desse espaço na escola e na participação no processo educativo.

Em paralelo a análise dos objetivos do Manifesto em que se apresenta a finalidade da BE, também foram considerados os resultados da pesquisa do Instituto Pró-Livro (IPL), que objetivou demonstrar a validade das BEs brasileiras no processo educativo e seu impacto na performance em provas da língua portuguesa do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), com base nos dados do Censo Escolar do Ministério da Educação (MEC) de 2017. Com o resultado foram realizadas as seguintes correlações:

aumenta **5 pontos** na escala SAEB, o que equivale a ½ ano de aprendizado, entre o 5º e 9º Anos, se tem uma **biblioteca em funcionamento**;
o efeito é de **4 pontos** (SAEB), ou 1/3 de um ano de aprendizado, entre o 5º e 9º Anos. O efeito é ainda mais forte nas escolas mais vulneráveis: 16 pontos (SAEB), se tem um **profissional qualificado** atuando na biblioteca;
aumenta em até **7 pontos** na escala SAEB, o que representa 63% de um ano de aprendizado, **se o professor se envolve** em atividade de pesquisa e leitura, e incentiva os estudantes a frequentarem a BE;
o acervo influencia positivamente o desempenho em Língua Portuguesa até **6 pontos** SAEB;
o **uso de recursos eletrônicos** nas bibliotecas aumenta até **9 pontos** em Língua Portuguesa na escala SAEB;
a **coesão entre os atores**, (diretores, professores e profissional da biblioteca) sobre a concordância dos indicadores na avaliação, demonstra uma **correlação forte, com valores 2,5**. (grifos da autora) (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2019, p. 47-54).

Esses resultados mostraram que a BE faz a diferença no processo educativo quando está em funcionamento na escola, pois como se vê, contribui com a vida estudantil durante a formação básica, ainda apontam a presença do bibliotecário, o envolvimento do professor durante o desenvolvimento das atividades, a composição do acervo, o uso de tecnologias e o relacionamento entre professores, diretores e bibliotecários.

Os resultados são animadores, porém Campello, Barbosa e Proença (2018, p. 616) alertam sobre a fragilidade desses dados, pois apesar das definições no *Caderno de Instrução* do censo, as informações sobre BE e Sala de Leitura aparecem juntas nos resultados, não sendo possível distinguir uma da outra e suas contribuições. Outra situação que merece ser pontuada, foi o momento do preenchimento do censo, pois

as informações geraram dúvidas. Assim, salas de leituras foram consideradas BE e vice-versa, e muitos professores foram considerados bibliotecários.

Contudo, os autores destacam que no *Caderno de Instrução* não apresenta critérios claros sobre o que é uma BE, apenas a considerada como um espaço específico ou uma coleção com materiais variáveis, com um profissional especializado.

Por isso, devido à “instabilidade das variáveis e a falta de sistematização na forma de apresentação dessas variáveis, não permite saber se houve aumento da quantidade de bibliotecas em etapas específicas de ensino ou em determinada região geográfica, ao longo de todo o período do Censo (2009 a 2017)” (CAMPELLO; BARBOSA; PROENÇA, 2018, p. 618) e qual a efetiva relação entre a melhoria das notas do SAEB e a existência da BE. Apesar dos dados fragilizados, pois os censos não apresentam a real situação das BEs brasileiras, mesmo assim houve melhoria no desempenho dos estudantes.

Ainda é preciso considerar os documentos oficiais/legais da educação e sua relação com a BE, pois esses documentos regulam e organizam o espaço escolar e a proposta curricular. Essa relação pode ser constatada pelo estudo de Pereira, Cola e Costa (2021, p. 817), quando analisaram as Leis de Diretrizes e Bases da Educação para identificar as menções feitas à BE e ao bibliotecário. Entretanto, o resultado da análise revelou a ausência do termo “biblioteca escolar” na legislação, apenas o texto da Lei Nº 9.394/1996, menciona à palavra “leitura” que pode pressupor a existência da BE.

A falta de amparo legal continua com a chegada da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e isso é constatado na pesquisa de Duarte (2021, p. 30), quando comenta sobre a “invisibilidade histórica” da BE no espaço da escola, bem como sua participação no processo de ensino e aprendizagem, pois considera que,

com a evolução das discussões sobre a necessidade da biblioteca na escola, desejava-se a menção nos documentos recentes. Após tantas discussões sobre a biblioteca e o bibliotecário escolar, a legitimação e reconhecimento do trabalho, apesar de todos os aparatos legais que regulamentam a profissão, pode-se inferir que houve pouca evolução sobre a conscientização da importância do trabalho do profissional da informação. (DUARTE, 2021, p. 40).

Os diálogos são importantes, porém como constatado, acontecem de forma letárgica, o que dificulta a legitimação da BE. Ainda nas palavras de Duarte (2021, p.

45), é “um eterno recomeço”, em que toda vez se retoma, a importância da biblioteca, o espaço físico, o papel do bibliotecário, quais serviços e produtos serão oferecidos, a interação com o corpo docente, a formação do acervo, a formação cidadã, entre outras. Essas questões e discussões existem devido à falta de estruturas organizacionais, legais e documentais sobre a BE.

Acrescente-se, a esse panorama, a Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010 (Lei), que dispõe sobre a Universalização das BEs no Brasil, que diz que as instituições de ensino, públicas e privadas deverão contar com uma BE no seu espaço (BRASIL, 2022).

A chegada dessa Lei foi a concretização dos esforços das entidades da classe bibliotecária (conselhos, sindicatos e associações), e do apoio de políticos (deputados e senadores) em apresentar nas casas legislativas a importância das BEs nas escolas.

A Lei foi recebida com entusiasmo, porém, novamente, a ausência de diálogos, deixou o texto comprometido em relação a sua execução. Isto se observa na descrição de J. Silva (2019, p. 69), quando coloca que

as deficiências são múltiplas, pois envolve a carência de políticas, considerando a falta de integração entre setores interessados como profissionais, professores, pesquisadores, gestores e parlamentares, órgãos de classe etc. (técnicos, gerenciais e políticos), além da escassez de punições, de determinação orçamentária, de pessoal, o que ocasiona deficiências para o aprofundamento continuado dos mecanismos que possibilitam o cumprimento da Lei.

Em decorrência dessas fragilidades, ainda há o prazo de aplicabilidade da Lei que ocorrerá somente em 2024. Neste cenário se observa poucos avanços, principalmente em políticas públicas que integrem os poderes (executivo, legislativo e judiciário) nas esferas federal, estadual e municipal e direcionem o preparo para execução da Lei. A ausência dessa organização dificulta o cumprimento da Lei e segundo Silva (2019, p. 68) a tornam “inócua e improfícua”, pode-se dizer, inútil e enfraquecida.

A BE é considerada um espaço de aprendizagem e traz muitas contribuições para a área educacional, porém não há nenhuma intervenção e apoio dos profissionais da educação em sua defesa solicitando a sua efetivação e atuação no contexto escolar.

Diante desse panorama, acrescenta-se uma pandemia que trouxe muitas mudanças para o mundo a partir de 2020. Nesse período, as BE tiveram alteração das suas rotinas e uma nova maneira de trabalhar. Por causa do isolamento social todas fecharam, porém algumas encontram novas formas de prestar serviços e estar em contato com seus usuários, para isso fizeram uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), que continuam cada vez mais presente nas diversas atividades da biblioteca.

Tendo em vista o Manifesto, as estatísticas do IPL, a análise dos documentos oficiais e da Lei, a ausência de manifestações dos profissionais da educação em prol da BE, um contexto pandêmico, o apoio ao processo educativo e o auxílio ao desenvolvimento da cidadania dos educandos, se destacam alguns pontos para reflexão, *os quais justificam a importância desse estudo:*

- diante da importância e das contribuições para o processo de ensino e de aprendizagem, por que ainda não existe BE em todas as escolas brasileiras?
- por que nos documentos oficiais (Projeto Político Pedagógico (PPP), Regimento) e legais (LDB, BNCC) não se mencionam a BE como parte integrante da escola e de apoio ao currículo?
- por que os dados do censo escolar são instáveis e as informações coletadas não apresentam o panorama real da BE na educação brasileira?
- o desconhecimento sobre a BE por parte dos legisladores contribuiu para as fragilidades da Lei?
- o pouco uso da BE por parte dos professores é devido a sua formação?
- a BE é apresentada como um espaço de aprendizagem?
- quais contribuições o cenário pandêmico trouxe para o desenvolvimento da BE?
- por que o bibliotecário ainda não é visto como educador? Por que ele não faz parte das equipes administrativas e pedagógicas da escola? Nesse cenário educacional quem é o bibliotecário escolar e quais são as suas atribuições?

Com esse contexto problematizador, estabeleceu-se a seguinte pergunta de pesquisa: **quais são os principais avanços (e estagnações) sobre a BE nos últimos 5 anos e como impactam nas atuações do bibliotecário escolar atualmente?**

Assim, este estudo objetiva **estabelecer um panorama das principais estruturas da BE: espacial, formativa, pedagógica e humana, a fim de contribuir na atuação do bibliotecário escolar.**

Para a consecução desse objetivo, especificamente serão realizadas as seguintes ações:

- I. levantar e analisar as publicações sobre BE nos últimos 5 anos (2017-2022) da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD);
- II. desenhar o panorama da BE contidas nas publicações a partir de uma revisão sistemática de literatura;
- III. mapear ações nos cenários nacional e internacional como exemplo para a prática bibliotecária, no formato de um guia.

Para a consecução desses objetivos foi utilizado como procedimento metodológico a RSL que consistiu na busca por trabalhos que incluísse como temática a BE. O levantamento trouxe uma variedade de trabalhos (resumos, papers, artigos, monografias, dissertações e teses) e quantidades enormes que fugiriam do tempo proposto para esse estudo, por isso se delimitou a BDTD como banco de dado principal para identificar as publicações. Também foi acrescentado como delimitador para análise das publicações, o *Topuniversities*, site que ranqueia as melhores universidades do mundo, nesse caso a delimitação contemplou apenas as universidades brasileiras com publicações sobre BE. Do ranqueamento das universidades a busca resultou em 5 universidades e 12 trabalhos da BDTD.

Além dessa introdução, o estudo aqui relatado está estruturado em mais quatro capítulos, seguido das considerações. O *capítulo 2* apresenta o referencial teórico, sobre a BE e sua importância para a escola, em Biblioteca escolar: Aqui!, relacionando a evolução dos principais conceitos sobre a BE

No *capítulo 3* apresenta o design metodológico que norteou a construção do estudo com o uso da RSL. O propósito de levantar e analisar as publicações sobre BE foi identificar as principais temáticas pesquisadas e discutidas pelos autores a fim de verificar os possíveis avanços e estagnações, e assim sistematizar e estabelecer um panorama sobre a área.

O *capítulo quatro* mostra o panorama sobre a BE desenhado com base nas publicações, essa visualização permitiu a organização das temáticas abordadas em

quatro macroestruturas, a espacial, a formativa, a pedagógica e a humana. Essas estruturas visam contribuir para a atuação do bibliotecário escolar, pois permitem acompanhar o desenvolvimento da BE e quais estruturas devem ser priorizadas.

No *capítulo cinco* se apresenta o produto de aplicabilidade que se consistiu no mapeamento de ações nos cenários nacional e internacional com exemplos para a prática bibliotecária. Esse produto foi construído com base na análise de *cases* da área que apontam para as estruturas identificadas nas publicações. Assim, foi feito um levantamento em websites para selecionar os bons exemplos e práticas bibliotecárias para a organização de um guia digital. O guia indica a instituição/escola da BE, sua localização, endereço eletrônico, breve descrição e indicação das macroestruturas em destaque. O produto de aplicabilidade, o guia, foi construído na plataforma Canva, em formato PDF e está hospedado na rede social Issuu.

Finaliza com as principais considerações levantadas sobre a temática que possibilitam reflexões sobre a BE quanto aos avanços e estagnações, bem com oportunidades para um novo ciclo de recomeços e caminhadas.

Na seção a seguir será discorrido sobre a BE, ao abordar o conceito, com intuito de compreender e esclarecer o papel desses espaços educativos/formativos na escola.

2 BIBLIOTECA ESCOLAR: AQUI!

As BEs sempre estiveram presente na escola, em alguns momentos elas se encontram como “belas adormecidas”, estão lá dormindo, quase sem vida (atividades e interações), outras vezes como “miseráveis”, fazem de tudo para sobreviver, apesar do descaso dos gestores e da apatia de seus usuários, e raras vezes se encontram em “berço esplêndido” atuando de forma integrada, como apoio as atividades curriculares, um verdadeiro espaço de aprendizagem na comunidade escolar.

Nesse capítulo, se abordará a conceituação da BE a fim de esclarecer o seu papel no ambiente escolar.

Com o propósito de contextualizar a compreensão sobre a BE, se faz necessário pontuar alguns marcos históricos da sua trajetória na realidade brasileira entrelaçando pontos da história do Brasil e da Educação, a fim de estabelecer um ponto de partida. Com base em Guida (2019, p. 1), é possível citar os seguintes marcos:

a chegada dos portugueses ao Brasil, com os jesuítas trazendo livros para evangelizar os índios, assim nascem as bibliotecas brasileiras, ligadas a religião (conventos) e ao ensino;

em 1808 acontece a chegada da Família Real, nessa mudança trazem a imprensa (tipografia) e a Biblioteca Real;

a partir 1930, foi realizada a reforma educacional no Brasil baseada nos princípios da “Escola Nova”, com destaque para as propostas de Fernando Azevedo e Anízio Teixeira, nesse período se legitima a BE na escola;

na década de 70 ocorre mais uma reforma educacional, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), com a Lei Nº 5.692/1971 que estabelece a ampliação do acesso à educação e aponta o início de políticas públicas. Essas políticas em alguns momentos apresentam avanços ou retrocessos na área educacional, porém foi nesse período que a BE passou a fazer parte do plano escolar;

no anos 90, entra em vigor a LDB 9.394/1996 que reorganiza a educação no Brasil. Em relação a BE, o governo criou programas de distribuição de livros e projetos de incentivo à leitura que envolveram a BE;

em 2010, aconteceu a aprovação da Lei das BEs, que efetiva a biblioteca para a comunidade escolar;

em 2014 tem início as discussões referentes a organização da BNCC ao estabelecer as competências para o ensino nas escolas brasileiras e em 2019 foi homologada como a nova base curricular;

e o último marco histórico, acontece em 2020 com a chegada da pandemia (COVID-19) que trouxe muitas mudanças e inovações no contexto educacional e biblioteconômico.

Nessa trajetória se delineia a inserção da BE na escola brasileira, a partir da década de 30 a BE foi considerada como um lugar na escola (Presente!), e de lá para cá são descritos registros de sua atuação, em proporcionar acesso ao conhecimento para os educandos. Nos anos 70, passou a ser vista como espaço de apoio a pesquisa, porém sem nenhuma orientação de organização e funcionamento. Com a LDB dos anos 90, o foco se volta para o incentivo à leitura e programas nacionais de distribuição de livros nas escolas. E, mais recentemente, a Lei que regulamenta a existência da BE na escola como apoio educativo. Em 2019, a BNCC chegou para estabelecer as competências a serem desenvolvidas no processo de aprendizagem dos estudantes, com a organização dos conteúdos integrados nas diversas disciplinas com a possibilidade de maior atuação para a BE. E, finalmente, em 2020 a pandemia que revolucionou o jeito de ensinar e de aprender num contexto digital nos diversos níveis de ensino e, também, mudou a forma de agir da BE e bem como da atuação do bibliotecário.

Ao pontuar esses marcos, é possível perceber que o conceito de BE se desenvolveu com o decorrer do tempo, acompanhou as mudanças da sociedade, conseqüentemente, da educação.

Assim, a visão sobre BE se inicia como um lugar para armazenamento de livros, como pequenas estantes, armários e pequenas salas para acomodar o acervo e disponibilizá-los para leitura mediante solicitação dos alunos, essa posição predomina até o final da década de 70, no Brasil.

Com a LDB, Lei Nº 5.692/71, as escolas passaram por transformações, pois o foco estava no ensino profissionalizante e na variedade dos novos recursos de comunicação para a transmissão do conhecimento, e é nesse contexto que Cerdeira (1977, p. 36) descreve a BE, pois

passou a ser concebida como um novo tipo de **centros de recursos educativos** no qual a ênfase não é apenas colocada na **leitura**, mas, igualmente, em **ouvir e observar materiais** que compreendem slides, transparências, filmes, diagramas, reproduções de arte, fitas gravadas etc. Como se vê, o conceito de biblioteca escolar **alargou-se** enormemente, passando a ser o de um **centro em que a interação do educando com uma variada gama de recursos de comunicação os transforma em verdadeiros laboratórios de autoaprendizagem**. (grifos da autora).

Neste conceito, destacam-se as palavras que contribuem para ampliar o papel da BE, pois passa a ser considerada como **recursos educativos**, isto é, não se exime

da função tradicional, o armazenamento, porém aponta para o currículo, o incentivo à leitura e ampliação da quantidade de recursos que são agregados a esse espaço, como as coleções de livros, periódicos e materiais audiovisuais; também a denominação do local como **centro**, denota a possibilidade de aumento do espaço para armazenamento dos materiais e utilização de recursos de comunicação; já com a palavra **interação**, se percebe a necessidade de relacionamento entre o centro e os educandos, porém não faz menção de como essa interação irá acontecer e nem quem serão os profissionais responsáveis, por exemplo, bibliotecários; e encerra com a palavra **autoaprendizagem**, isto é, a BE como um espaço para se aprender de forma autônoma. Nesses conceitos, o que chama a atenção, é que o foco está na cultura e no conhecimento por meio de acesso a materiais instrucionais.

Cerdeira (1977, p. 36-37), ainda complementa ao apontar como funções da BE, a apreciação artística, e o aprofundamento científico e tecnológico, em suma, a busca contínua do conhecimento, isto é, a educação permanente.

Em continuidade ao desenvolvimento histórico, nos anos 90, Valio (1990, p. 20) apresenta a BE como mediadora do processo de aprendizagem, “como uma instituição que **organiza a utilização dos livros**, orienta a **leitura** dos alunos, coopera com a educação e o **desenvolvimento cultural** da comunidade escolar e dá suporte ao atendimento do **currículo** da escola”, esse conceito mostra que a BE passa a ser um lugar para se aprender por meio da leitura e da cultural, com serviços estruturados no currículo, por isso o entendimento como espaço de aprendizagem.

No início do milênio, novas considerações são realizadas sobre a BE, nesse âmbito e com o propósito de esclarecer o papel educativo da BE, Campello (2003, p. 21), realizou um estudo, tendo por objetivo identificar as contribuições da BE na educação básica.

Esse estudo apontou três aspectos pedagógicos relacionadas a BE, o **primeiro** refere-se a leitura e suas múltiplas interações; o **segundo**, a pesquisa escolar no desenvolvimento das habilidades em letramento informacional (atualmente denominada ColInfo) e a necessidade de estrutura metodológicas para esse processo; e **terceiro**, a ação cultural que visa o compartilhamento do conhecimento por meio do acervo e de atividades ligadas a cultura. O estudo de Campello (2003) aproxima a BE do contexto pedagógico e assim reforça a sua presença na escola.

Vale informar de que não é pretensão desse estudo relacionar todos os conceitos existentes sobre a BE, porém comentar aqueles que podem contribuir para uma visão mais ampla sobre a temática.

Assim, os conceitos de Cerdeiras (1977), Valio (1990) e Campello (2003) pontuam aspectos que justificam a existência da BE e a sua contribuição como espaço de aprendizagem, constituída de envolvimento cognitivo, social e cultural.

Convém nesse momento trazer as diretrizes do Manifesto. Este documento traz a missão da BE, pois considera que ela “habilita os alunos para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve sua imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis” (IFLA, 2000, p.1). Neste ponto, se constata a importância da BE na construção do pensamento crítico, no desenvolvimento intelectual do estudante, incentivando a aprendizagem e a construção do seu conhecimento de forma autônoma.

Esse Manifesto, é uma recomendação da Unesco para que os países atentem para a importância da BE, por isso aponta aspectos fundamentais para sua organização, com o esclarecimento da sua missão, objetivos, pessoal, financiamento e legislação a serem considerados no processo de implantação.

Ainda, comentando sobre a missão da BE, Macedo (2005, p. 168) coloca de forma bem sucinta, que seu propósito é “informar o educando”, e diz que para isso há necessidade de intenções que formalizem a BE na escola, bem como as “interações entre professor-bibliotecário”, pois elas produzirão uma ação educacional mais efetiva a fim de tornar o estudante (usuário-aprendiz), capacitado para um complexo de ações que envolve o uso apropriado da informação e do conhecimento ao longo da vida, e assim se tornar influenciador no contexto social no qual está inserido, isto é fazer a diferença.

Macedo (2005) organizou um Fórum para discussões sobre a BE e após comentários sobre a missão, indicado no Manifesto, ela coloca a necessidade de conceitos extensivos, a fim de clarificar ainda mais a missão, entre eles, há o conceito de Antunes (1998) *apud* Macedo (2005, p. 169), que considera a BE “um centro dinâmico de informação da escola, que permeia o seu contexto e o processo de ensino-aprendizagem, interagindo com a sala de aula”. Essa concepção mostra que a BE tem vida, pois a palavra “dinâmico” envolve movimento, assim favorece as interações, o desenvolvimento do currículo, da leitura e da pesquisa.

Outro conceito apresentado é da BE interativa e com essa concepção, a BE “é um serviço de informação que busca estabelecer relações de interação entre sujeitos e a informação e a cultura, para que ele não seja só receptor, mas também produtor” (AMARO (1998), citada por MACEDO (2005, p. 169), e é com essa visão que a BE passa a ser um espaço de expressão do usuário, ampliando o seu propósito na escola.

Ainda no posicionamento de Amaro (1998) citada por Macedo (2005, p. 170), cabe destacar a sua defesa em relação ao uso do termo BE e para isso se baseia em Fonseca (1983)¹, quando ele diz que a BE não deve ser “chamada de centro de instrução, centro de aprendizado, centro de mídias educativas, centro de recursos audiovisuais ou outro rótulo qualquer”, com a justificativa de ampliar e atualizar o conceito e acrescenta que a terminologia BE já está consolidada em diversas pesquisas e estudos, além da concepção histórica e que a troca de nomenclatura descontextualizaria sua missão e demais características.

Aqui cabe fazer um adendo sobre a confusão existente entre o que é uma BE e uma sala de leitura. As características entre elas são diferentes, pois a sala de leitura não tem função de aprendizagem como a BE. Na maioria das unidades escolares é um espaço que apresenta alguns livros e com um professor readaptado responsável. A proposta da sala de leitura envolve um posicionamento de fingimento, “finjo que existe BE”, isto é, se diz que há incentivo à leitura, mas não tem acervo e nem profissional habilitado que desenvolva atividades pedagógicas com os estudantes. Aí fica o questionamento, a quem se engana com as salas de leituras? Porém, ainda se percebe estudantes com dificuldade de leitura e investimentos aplicado erroneamente, que não trazem resultados pedagógicos e nem financeiros.

No contexto brasileiro, se faz necessário analisar o conceito de BE trazido pela Lei, que dispõe sobre a presença da BE nas instituições de ensino do país. Essa Lei gerou um misto de sentimentos nos bibliotecários, principalmente naqueles que atuam em escolas, num primeiro momento de alegria, a tão sonhada efetivação da BE e posteriormente de desapontamento, tendo em vista a fragilidade do texto para sua execução.

Isso, pode ser constatado na análise feita por J. Silva (2019, p. 67-69), ao apontar as principais deficiências e o fracasso político-jurídico da Lei. Inicia com a debilidade do conceito, pois a BE é caracterizada como “uma coleção de

¹ FONSECA, Edson Nery da. **A biblioteca escolar e a crise da educação**. São Paulo: Pioneira, 1983.

documentos”, isto é, uma visão reducionista, que limita a esfera de atuação, principalmente da função educativa; informa que todas as instituições de ensino, privado e público, deverão ter uma BE, porém não determina um orçamento para investimentos, o que dificulta o desenvolvimento da sua estrutura no espaço escolar; não relaciona punições para o descumprimento da Lei, o que implica na falta de fiscalização e gera o desinteresse das instituições de ensino no planejamento e organização das BEs; indica a falta de propostas e de mecanismos para aplicabilidade da Lei, como comissões de bibliotecários e educadores; e finaliza com a ausência de sistematização da Lei e sua integração a nível nacional e local, entre os poderes governamentais e as instituições de ensino, bem como a falta de um órgão nacional para regulamentação das BEs; ainda a essas questões, se acrescenta o prazo da aplicabilidade da Lei, inicialmente 10 anos (2010-2020).

Diante dessas fragilidades, houve reações e questionamentos, principalmente da classe bibliotecária aos órgãos de classes e do meio acadêmico, solicitando um posicionamento mais participativo no Poder Legislativo e melhoria na redação do texto.

Durante esse período em que se aguardava a aplicabilidade da Lei, foi elaborado o Projeto de Lei nº 9484/2018, da Deputada Federal Laura Carneiro (PMDB/RJ) e da Senadora Carmen Zanotto (PPS/SC), no qual altera o conceito de BE, também cria o SNBE e muda o prazo de execução da Lei, de 2020 para 2024. Essas alterações amenizam as fragilidades apontadas.

O novo conceito apresentado no Projeto de Lei considera BE como um “equipamento cultural obrigatório e necessário ao desenvolvimento do processo educativo”, que objetiva “disponibilizar e democratizar a informação e o conhecimento nos mais diversos suportes; promover as habilidades; constituir-se como espaço de recursos educativos e apresentar-se como espaço de estudo, encontro e lazer” (BRASIL, 2022, p. 1).

Esse novo conceito e objetivos se alinham com algumas orientações indicadas no Manifesto, quando aponta a BE como parte integral do processo educativo e da democratização da informação e do conhecimento. Assim, se confirmam os poucos esforços de apoio e valorização da BE no Brasil, além da falta das políticas públicas que, quando existem, são deficientes.

Diante desse contexto, cabe o comentário de Paula (2019, p. 19), quando coloca que “raros são os momentos em que a BE realmente funciona como veículo

de propagação da cultura da leitura, promovendo encontros de interlocução e de leitura interativa”, e pode-se acrescentar a essa fala, que são poucas as instituições de ensino que primam em ter uma BE funcionando em todos os seus aspectos, que incentivam a democratização do saber, a construção do conhecimento e a interação entre os sujeitos da comunidade escolar.

Entra em cena nessa discussão, o conceito de Durban Roca (2012, p. 24), ao dizer que há necessidade de uma visão mais nítida da BE, especialmente quanto a atuação na área educacional, isto é, no sentido de renovar e justificar a sua existência no espaço escolar.

Assim, esclarece-se que as mudanças sociais e da cultura digital geraram reformulações metodológicas nos processos de ensino e de aprendizagem e que o novo posicionamento da BE deve contemplar esse cenário.

Por isso, Durban Roca (2012, p. 20), propõe que a BE seja “um agente que apoia, de forma estável, o desenvolvimento do projeto curricular da escola”, contudo, esse agente deve “fazer parte do processo educacional”, participar, e não apenas inferir existência na dependência da estrutura organizacional, dos serviços bibliotecários ou das possibilidades didáticas dos materiais, mas de proporcionar um relacionamento com a comunidade.

Portanto, aponta uma nova perspectiva, olhar a BE do ponto de vista do sistema educacional e dentro desse contexto considerar “a ação de coordenação e promoção como um conjunto de tarefas de apoio pedagógico” (DURBAN ROCA, 2012, p. 24). Dessa forma contribuirá para o desenvolvimento do projeto curricular da escola.

O conceito de BE está sempre em transformação, pois acompanha as mudanças históricas, educacionais, sociais, informacionais e digitais apontadas pela sociedade. Entretanto, nos conceitos comentados se confirma o papel educativo da BE, com a compreensão de espaço de aprendizagem e suporte ao currículo; com atuação integrada entre bibliotecário, professor e gestor; e atividades pedagógicas, com foco na leitura, na investigação científica, ColInfo e a cultura, como estímulos a aprendizagem ao longo da vida e partes da engrenagem do sistema educacional.

Na seção a seguir será apresentado o design metodológico desta investigação científica, bem como a revisão sistemática que deu base para a produção deste trabalho.

3 DESIGN METODOLÓGICO: REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Na pesquisa acadêmica, o encaminhamento metodológico se estrutura na construção do conhecimento sobre o objeto de estudo. Esse processo acontece por meio de métodos e técnicas que fazem parte da pesquisa científica.

No campo das ciências humanas e sociais, há duas abordagens metodológicas, a quantitativa e a qualitativa. A diferenciação entre elas, é que a metodologia quantitativa, olha para o comportamento humano, por meio de variáveis dependentes e independentes, por isso se baseia na representação numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito; já a metodologia qualitativa, segue um paradigma diferente, estuda o homem e suas relações com o mundo, pois considera seus valores e experiências nos diversos contextos, porque o homem não é um ser passivo, pois as suas interpretações e reproduções influenciam o ambiente onde está inserido e o seu modo de viver (GUERRA, 2014, p. 10).

Este estudo, utilizará como metodologia a abordagem qualitativa, que segundo Guerra (2014, p. 11) se aprofunda na “compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social – interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação”. Portanto, a metodologia qualitativa não se fundamenta em uma única teoria ou paradigma, mas em múltiplas, como a fenomenologia, o interacionismo, o pós-modernismo, por isso se estrutura em processos da pesquisa e na concepção contextualizada de encontrar sentido para as atitudes dos participantes.

A metodologia qualitativa chegou ao Brasil na década de 70, segundo Zanette (2017, p. 159), seu desenvolvimento e uso aconteceram nos anos 80 e 90, em meio as muitas discussões, por isso é possível destacar as contribuições desta metodologia na área educacional.

Com a metodologia qualitativa, se observou avanços nos estudos sobre a dinâmica e estruturas do processo educacional, na compreensão da aprendizagem, nas relações internas e externas das instituições de ensino e na importância da escola como processo de humanização.

De acordo com Gil (2021, p. 16), as principais características da metodologia qualitativa são:

foco no significado e no entendimento - compreende como as pessoas dão significado para suas experiências e constroem o seu mundo;
pesquisador como principal instrumento na coleta de dados – entende o contexto da pesquisa, o que amplia sua compreensão das respostas, pois processa e acura a informação recebida do participante com rapidez;
processo indutivo – coleta dados mediante entrevistas, observações e documentos a fim de estabelecer categorias, hipóteses e teorias;
rica descrição – os materiais coletados na pesquisa são comunicados em palavras e figuras, e isto enriquecem a descrição do relatório final.

De acordo com as características, se ressalta o ambiente onde o problema foi identificado, o papel do pesquisador na coleta de dados, o significado das experiências das pessoas e a descrição com a riqueza de informações e reflexividade, por isso, se justifica o uso dessa metodologia na investigação científica.

Creswell (2014, p. 45), um dos autores dessa temática, apresenta como definição que,

a pesquisa qualitativa começa com **pressupostos e o uso de estruturas interpretativas/teóricas** que informam o estudo dos **problemas** da pesquisa, abordando **os significados que os indivíduos ou grupos** atribuem a um **problema social ou humano**. Para estudar esse problema, os pesquisadores qualitativos usam uma **abordagem qualitativa** da investigação, **a coleta de dados** em um contexto natural sensível às pessoas e aos lugares em estudo e a **análise dos dados que é tanto indutiva quanto dedutiva** e **estabelece padrões** ou temas. O relatório final ou a apresentação incluem as **vozes dos participantes**, a **reflexão do pesquisador**, uma **descrição complexa** e **interpretação do problema** e a sua contribuição para a literatura ou um **chamado à mudança**. (grifos da autora).

A conceituação de Creswell reforça as características da pesquisa qualitativa, (conforme grifos), e salienta que a descrição é complexa, pois são muitos os aspectos envolvidos na interpretação do problema. Ainda evidencia a contribuição da pesquisa para a mudança, o resultado deve levar a sociedade a refletir sobre as possíveis soluções, pois é um estudo emergente, que reflete a realidade das pessoas ou grupos, portanto, mais uma vez se nota a importância do papel do pesquisador frente aos resultados obtidos.

Esses resultados, estão relacionados com as experiências do pesquisador e dos participantes, elas levam as possíveis conexões e soluções do problema. Por mais, que a metodologia qualitativa esteja sujeita a ambientes naturais, a interpretação da realidade, aos emaranhados da subjetividade e as aproximações com os sujeitos, sempre deve seguir critérios e estratégias para manter o rigor da pesquisa e ressaltar o valor científico do estudo.

Nesse ponto, se destaca a validação da metodologia que acontece por meio da credibilidade, esse processo envolve a comunicação e documentação das etapas construídas durante a pesquisa e o uso de múltiplos procedimentos (CRESWELL; CRESWELL, 2021, p. 168).

Na metodologia qualitativa, são utilizados múltiplos procedimentos, porém Creswell (2014, p. 63), apresenta cinco modalidades mais usadas neste tipo de pesquisa: a *pesquisa narrativa* que são relatos de indivíduos para conhecer um fenômeno específico; a *pesquisa fenomenológica* que descreve e interpreta os fenômenos que se apresentam à percepção do pesquisador; a *pesquisa etnográfica* que trata do estudo de uma comunidade, organização ou grupo que compartilha uma cultura; a *grounded theory* que fundamenta os dados obtidos em campo, especialmente nas ações, interações e processos sociais das pessoas; e o *estudo de caso* que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto.

Na pesquisa científica, tudo começa com o mapeamento sobre o que já foi produzido sobre a temática, com o propósito de problematizar e identificar as tendências e os desafios, pois nenhuma pesquisa começa do zero, enfim, é durante as leituras e análise dos dados que surgem conceitos, opiniões, críticas que geram concordância ou discordância sobre o assunto, esse processo é o ponto de partida para estruturação da pesquisa.

Atualmente, a realização dos mapeamentos de literatura em diversas áreas, tem utilizado como procedimento metodológico a Revisão Sistemática de Literatura (RSL), que de acordo com Galvão e Ricarte (2020, p. 58), é uma modalidade que segue “protocolos específicos, e que busca entender e dar alguma logicidade a um grande *corpus* documental, especialmente, verificando o que funciona e o que não funciona num dado contexto”. Assim, busca conhecer as estratégias e conhecimentos utilizados pelos pesquisadores, bem como as limitações das pesquisas, pois apresenta uma análise de estudos primários, com base em evidências.

Esse método de investigação também contribui para validação da pesquisa qualitativa, pois organiza o estudo, esclarece significados e conceitos, relaciona a temática com as demais produções e auxilia na identificação dos pontos fortes e fracos da área pesquisada, isso acontece devido as três características que possui: procedimentos transparentes, replicabilidade, imparcialidade e por ser uma pesquisa rigorosa que pode ser auditada e continuada (MAIA, 2020).

As revisões apresentam diversos formatos ao redor do mundo, por isso Galvão e Ricarte (2020, p. 61), citam 3 ferramentas internacionais que estabelecem critérios mínimos que contribuem para a qualidade da RSL, entre elas a Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA), CASP Systematic Review Checklist e a Mixed Methods Appraisal Tool (MMAT). No Brasil se indica o software State of the Art through Systematic Review (StArt), desenvolvido pelo laboratório de Pesquisa em Engenharia de Software (LaPES) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) que permite a inclusão de critérios para organização da RSL (MAIA, 2020).

Os principais critérios indicados para RSL, segundo Galvão e Ricarte, (2020, p. 63) envolvem:

- a delimitação da questão que problematiza a temática;
- a seleção das bases de dados que serão consultadas na busca dos materiais bibliográficos;
- a elaboração da estratégia de busca que propõe a definição dos termos e o uso de filtros para delimitar as consultas, como busca avançada e operadores booleanos nas bases de dados;
- seleção, sistematização e equipe que envolve quais produções farão parte da revisão, como será sistematizada e o auxílio de *software* para controle e análise dos documentos.

O uso desses critérios facilita a publicação das revisões em periódicos nacionais e internacionais, pois essas revisões são divulgadas em artigos e relatórios científicos.

A metodologia utilizada na RSL, tem como base o uso da informação, nessa perspectiva, Martinez-Silveira (2011) observa que o bibliotecário tem sido membro-chave na organização de equipes neste tipo de estudo, devido ao manejo e tratamento da informação.

Galvão e Ricarte (2020, p. 71) reforçam essa parceria entre bibliotecários e equipes de RSL, pois ele se dedica “aos fenômenos relacionados à seleção, organização, representação e disseminação da informação”, a base de seu trabalho.

Na próxima subseção será apresentado como foram estabelecidos os critérios, procedimentos da RSL sobre a BE.

3.1 Biblioteca escolar: RSL

Para entender mais sobre a BE foi realizada uma RSL com o foco na análise de dissertações e teses BDTD do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

A escolha da BDTD levou em consideração a amplitude de programas de pós-graduação *strico-senso* das universidades brasileiras. A biblioteca digital possui uma variedade de estudos sobre a temática e sua relação com as demais áreas. Apresenta filtros que diversificam a variedade na busca das informações, bem como a tipologia dos materiais, dissertações e teses. Esses estudos apresentam aprofundamento sobre o tema em questão e, também, permitem identificar a autonomia dos conhecimentos produzidos pelos autores.

Como delimitação para as buscas foram utilizadas as seguintes palavras-chave: “biblioteca escolar” ou “bibliotecas escolares” no campo título, da busca avançada da BDTD.

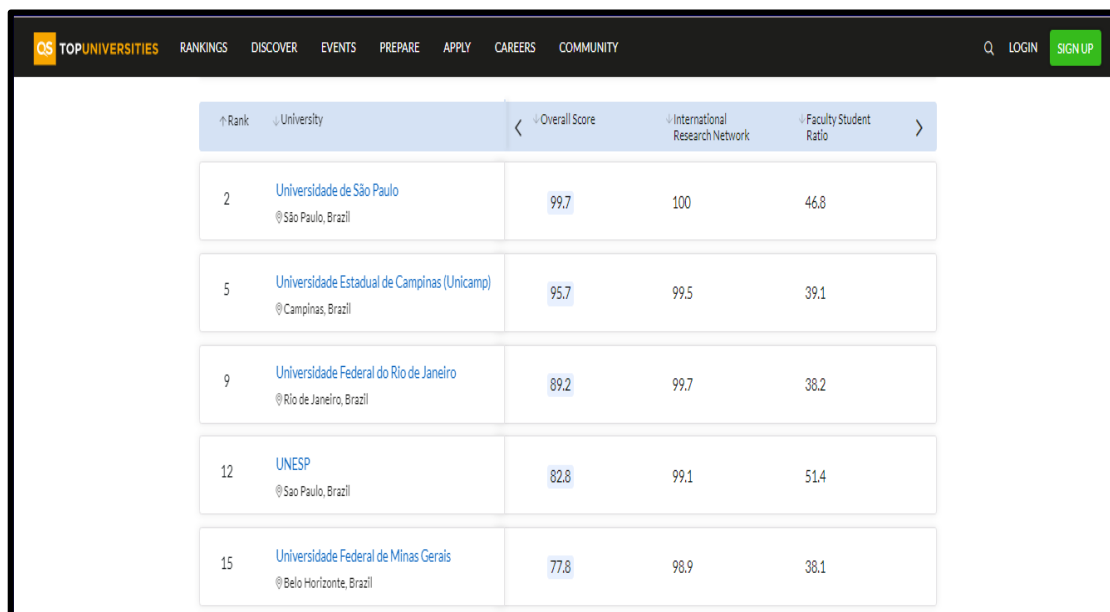
Como resultado foram encontradas 143 publicações que continham “Biblioteca escolar” e 94 com “Bibliotecas escolares”, num total de 237 dissertações e teses, nesta quantidade algumas publicações se repetiram. Com o propósito de afunilar ainda mais o resultado foi acrescentado como critério o período das publicações acadêmicas, entre os anos de 2017 a 2022, cinco anos de publicações. Como retorno da busca se obteve 46 trabalhos.

Com base nesse resultado, ainda foi acrescentado mais um critério delimitador, a relação das publicações com as universidades mais pontuadas do *Topuniversities*.

O *ranking do Topuniversities* relaciona as melhores universidades do mundo, atualmente, são 1.000 instituições que fazem parte desse ranqueamento. Para isso, utilizam como indicadores de avaliação os seguintes itens: a pesquisa, o desenvolvimento acadêmico, o ensino, a empregabilidade dos graduados, a internacionalização, a responsabilidade social, a inovação, a arte e cultura, a inclusão, o impacto ambiental, o ambiente de aprendizagem, a infraestrutura, a aprendizagem *on-line*, incluindo a reputação acadêmica e do empregador, pois contribuem para credibilidade da pontuação.

Na pesquisa realizada para identificar *as melhores universidades do Brasil*², o site indicou 410 instituições de ensino. Fazendo um recorte, foram selecionadas as 5 melhores, a saber: Universidade de São Paulo (USP) com score de 99,7, Universidade Estadual de Campinas, SP (UNICAMP) com 95,7, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com 89,2, Universidade Estadual Paulista (UNESP) com 82,8 e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com 77,8 na pontuação geral (Fig. 1).

Figura 1 - Ranking das universidades brasileiras – 2021



| Rank | University | Overall Score | International Research Network | Faculty Student Ratio |
|------|--|---------------|--------------------------------|-----------------------|
| 2 | Universidade de São Paulo @ São Paulo, Brazil | 99.7 | 100 | 46.8 |
| 5 | Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) @ Campinas, Brazil | 95.7 | 99.5 | 39.1 |
| 9 | Universidade Federal do Rio de Janeiro @ Rio de Janeiro, Brazil | 89.2 | 99.7 | 38.2 |
| 12 | UNESP @ Sao Paulo, Brazil | 82.8 | 99.1 | 51.4 |
| 15 | Universidade Federal de Minas Gerais @ Belo Horizonte, Brazil | 77.8 | 98.9 | 38.1 |

Fonte: <https://www.topuniversities.com/university-rankings/latin-american-university-rankings/2021>. Acesso em: 12 maio 2022.

No cruzamento dos resultados, entre as buscas da BDTD, *biblioteca escolar*, ano das publicações e as 5 *Topuniversity* brasileiras, resultaram em 12 trabalhos, sendo 8 dissertações e 4 teses (Quadro 1). Na USP foi encontrado 1 (um) trabalho, a UNESP e a UFMG apresentaram as maiores quantidades de publicações com a temática, Unesp 6 (seis) e UFMG 5 (cinco) publicações. Já a UNICAMP e a UFRJ não apresentaram publicações no período delimitado.

Dessas publicações (12), 8 são pertencentes aos programas de Pós-graduação em Ciência da Informação, 2 em Educação, 1 em Letras e 1 em Urbanismo.

² QS World University Rankings 2021. Disponível em: <https://www.topuniversities.com/university-rankings/latin-american-university-rankings/2021>. Acesso em: 12 maio 2022.

Quadro 1 - Publicações que contêm no título biblioteca escolar ou bibliotecas escolares

| UNIVERSIDADE | QUANTIDADE | ANO DE PUBLICAÇÃO |
|--------------|------------|-------------------|
| USP | 1 | 2017 |
| UNICAMP | 0 | 0 |
| UFRJ | 0 | 0 |
| UNESP | 6 | 2017-2020 |
| UFMG | 5 | 2018-2019 |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Apesar da BE ser foco de estudo da Ciência da Informação, se percebe a preocupação das demais áreas e a sua relação com desenvolvimento da BE (Quadro 2). Nos programas de Educação os estudos têm como foco a perspectiva do apoio ao currículo e ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola com vista ao desenvolvimento e formação do leitor. Já em Letras, a formação do leitor continua em pauta, porém se destaca o desenvolvimento através da literatura, isto é o leitor literário. O programa de Arquitetura se detém na construção dos espaços físicos e a preparação do ambiente visando a permanência do estudante no espaço da BE.

Quadro 2 - Relação das publicações encontradas na BDTD considerando as 5 melhores

| IES | ANO | NÍVEL | AUTOR | TÍTULO | PROGRAMA |
|-------|------|-----------|------------------|--|-------------------------|
| USP | 2017 | Mestrado | AMORIN, A. P. O. | Design e Arquitetura: a criança e as bibliotecas pública infantil e escolar | Arquitetura e Urbanismo |
| UNESP | 2017 | Mestrado | GONZAGA, M. M. | Biblioteca escolar e projeto político-pedagógico: um estudo de caso | Educação |
| UNESP | 2018 | Mestrado | FERREIRA, T. G. | Contribuição das bibliotecas escolares para construção do conhecimento: estudo para adaptação de um instrumento de avaliação | Ciência da Informação |
| UNESP | 2018 | Mestrado | SALA, F. | Políticas públicas do livro, leitura e biblioteca escolar no Brasil: das iniciativas federais à implementação municipal | Ciência da Informação |
| UNESP | 2018 | Mestrado | SANTOS, I. D. | Um lugar onde moram e se escondem os livros: as bibliotecas escolares e a formação de leitores | Educação |
| UNESP | 2019 | Doutorado | PEREIRA, R. | Biblioteca escolar Sul-Mato-Grossense: cenários e perspectivas | Ciência da Informação |
| UNESP | 2020 | Mestrado | JESUS, M. F. | A Competência em Informação na Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo: uma reflexão e análise sobre a ação integrada entre bibliotecários e professores | Ciência da Informação |
| UFMG | 2018 | Doutorado | PAIVA, R. M. V. | A biblioteca escolar e os nativos digitais | Ciência da Informação |
| UFMG | 2018 | Doutorado | AGUIAR, N. C. | O letramento para a competência informacional em bibliotecas escolares: estudo a partir dos projetos político-pedagógicos dos colégios de aplicação das universidades federais brasileiras | Ciência da Informação |
| UFMG | 2019 | Mestrado | ABREU, F. F. | Mediação e leitura na biblioteca escolar: estudo de casos múltiplos | Ciência da Informação |

| | | | | | |
|------|------|-----------|-----------------|--|-----------------------|
| UFMG | 2019 | Mestrado | PAULA, C. D. G. | Formação do leitor literário e a dinamização da biblioteca escolar | Letras |
| UFMG | 2019 | Doutorado | SILVA, E. V. | O processo de integração entre a biblioteca escolar e o currículo | Ciência da Informação |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Em relação ao ano de publicação, em 2017 são 2 (duas), 2018 são 5 (cinco), 2019 são 4 (quatro) e 2020 apenas 1 (um) trabalho. Com esse levantamento e os critérios estabelecidos se percebe que o ano de 2018 foi o mais produtivo na área da BE e a IES com maior número de publicações foi a Unesp.

No levantamento realizado sobre a BE foram encontradas temáticas variadas nas 12 publicações analisadas, por isso será apresentado um breve comentário de cada uma de modo a contextualizar suas abordagens.

O estudo de Amorim (2017) mostra a importância do *design* e da arquitetura de bibliotecas infantis e escolares e a relação das crianças com esse espaço. Para isso, realiza um estudo de caso e compara os espaços das bibliotecas, nos quesitos: mobiliários, equipamentos, atividades e as implicações quanto ao uso, portanto o foco está no aspecto físico da biblioteca, com a finalidade de atrair o usuário e aumentar a permanência dele nesse espaço.

Ao escrever seu texto, Gonzaga (2017), faz uma análise do enfoque dado à BE no Projeto Político Pedagógico da escola (PPP) e sua contribuição no trabalho de formação de leitores, no acesso a objetos informacionais e bens culturais. Com esse enfoque procurou refletir sobre o tipo de BE e suas características no atendimento das demandas da comunidade escolar, e sua importância na participação do planejamento coletivo da escola, isto é, ser uma BE atuante.

Acrescenta-se a esses estudos, o de Aguiar (2018), quando realiza uma análise do papel pedagógico das BEs dos Colégios de Aplicação das universidades brasileiras no desenvolvimento de atividades de ColInfo. Como resultados dessa análise, obteve a ausência do papel educativos da BE no PPP, também constatou que o bibliotecário não é visto como colaborador no processo de aprendizagem e que as ColInfo são pouco desenvolvidas nessas BEs. Triste constatação.

Com o intuito de saber se a BE contribui efetivamente para o desenvolvimento dos estudantes, Ferreira (2018), buscou conhecer o impacto da BE no processo de aprendizagem. Assim, embasou sua proposta de estudo no instrumento criado para a pesquisa *Student Learning through Ohio School Libraries* do *Center for International*

*Scholarship in School Libraries*³ realizada por Ross Todd e Carol Kuhlthau da Universidade de RUTGERS Center for International Scholarship in School Libraries, portanto propôs a tradução desse instrumento, sua adaptação e a possível aplicabilidade na BEs no contexto brasileiro.

Por outro lado, Paiva (2018) investigou a necessidade de compreender como os estudantes veem a BE no contexto informacional e tecnológico. Para isso, analisou o perfil dos estudantes, os nativos digitais, sobre o que pensam das contribuições da BE e a formação do bibliotecário escolar, diante de tantas inovações tecnológicas aplicadas à educação. Conclui ao afirmar que a BE é um espaço de conhecimento, de leitura e de pesquisa, e ainda acrescenta que os nativos digitais têm acesso ao mundo da informação, porém não sabem como trilhar esse caminho, portanto sugere que bibliotecários e professores sejam guias nesse processo.

No trabalho de Sala (2018), se destaca o processo de formulação e implementação do Plano Municipal do Livro Leitura e Literatura (PMLLL) do município de Anhumas-SP e como esse processo pode contribuir com as discussões sobre a construção de políticas públicas, locais e nacionais no escopo da BE, pois ela é considerada por diversos autores, como um instrumento pedagógico, capaz de promover a construção de conhecimentos dos estudantes ao decorrer da vida. Ao finalizar, chama a atenção sobre a ausência de bibliotecários na participação do PMLLL, no atendimento das BEs, na falta de investimentos e na definição de orçamentos para execução das políticas públicas já estabelecidas. Ainda recomenda a organização das bibliotecas em redes (institucionais) o que facilitaria a contratação de bibliotecários e a dinâmica do trabalho da BE no município.

A BE no Brasil tem como parâmetros os indicadores estabelecidos pelo Grupo de Estudos em Bibliotecas Escolares (GEBE) e pela Lei, e com base nesses documentos, Santos (2018), investigou a organização das BEs municipais de Pirapozinho/SP e se elas estavam seguindo as orientações indicadas nesses documentos. Verificou quanto a Lei, apesar das lacunas existentes e da confusão entre o que é Sala de Leitura e BE, o município cumpre a lei, pois todas as unidades possuem espaços que denominam de BE. Já quanto aos parâmetros do GEBE, nem todas as unidades escolares conseguem atender aos indicadores propostos para

³ RUTGERS Center for International Scholarship in School Libraries. Fonte: <https://cissl.rutgers.edu/research/>

organização, por exemplo o espaço, o acervo, o mobiliário, a profissionais e atividades.

Em seu estudo, Abreu (2019) investigou a contribuição do trabalho do bibliotecário escolar no desenvolvimento de ações na mediação e incentivo à leitura e como ele pode colaborar na formação de leitores como sujeitos críticos, aumentar o gosto pela leitura e a autonomia na busca da informação. Como resultado, apontou o bibliotecário e o professor, atores responsáveis pela formação do leitor. Também acrescentou a necessidade no domínio da disciplina de literatura, com destaque para o conhecimento dos autores e suas obras, dos gêneros literários e do compartilhamento das leituras realizadas, para dar o exemplo aos estudantes; coloca que as ações e mediações precisam estar alicerçadas no tripé, planejamento, formalização e colaboração; e que o bibliotecário deve possuir competências e habilidades em educação para fazer a gestão do espaço da BE.

Ainda falando da formação do leitor, Paula (2019) investigou como um projeto de leitura literária favorece a formação de jovens leitores sobre a compreensão de si mesmo e do mundo que os cerca, na cidade de Dom Cavati/MG, com estudantes do 9º Ano do Ensino Fundamental. Como resultado do projeto, as atividades permitiram o acesso a diferentes maneiras de interação com o texto, assim houve estímulo e um despertar para o interesse pela leitura literária; possibilitou ainda a aproximação dos estudantes com o espaço da BE; ainda constatou maior participação nas atividades culturais da escola e da comunidade; e verificou o aumento dos estudantes em propagar a cultura da leitura.

O estudo de Pereira (2019), constituiu-se em verificar as condições da BEs no Estado de Mato Grosso do Sul, em relação a Lei, com a finalidade de revisitar seus pressupostos, estabelecer as relações entre a ColInfo e a Produção de Informação e Conhecimento. Na análise dos dados constatou o “velho discurso brasileiro”, a BE descontextualizada da prática docente, sem a devida importância no processo de ensino e de aprendizagem, considerada apenas como espaço de leitura. Observou ainda, o protagonismo das TDICs como recurso inovador no acesso à informação e que na perspectiva dos gestores substituem a biblioteca. Esse ponto de vista tem contribuído com o processo de marginalização da BE e seu possível desaparecimento, uma vez que, além da não compreensão de seu real papel, ficou evidente que há um absoluto silêncio na classe docente, que de certa forma, sepulta

a BE, pois, entende que não há um clamor dos docentes pela sua existência. Uma realidade preocupante.

Ainda, sobre a importância da BE, Silva (2019) investiga o processo de integração da BE ao currículo da escola. Parte da concepção da BE como um organismo imprescindível à formação do estudante no espaço-tempo escolar. Para isso, embasa o estudo em documentos curriculares do Brasil (Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica, BNCC do Ensino Fundamental, LDB, Plano Nacional de Educação e os Parâmetros Curriculares Nacionais) e as Propostas Pedagógicas que orientam e sistematizam o trabalho das escolas, a fim de observar como a BE é contemplada nessa diversidade de documentos.

Nos resultados obtidos neste estudo, concluiu-se que os documentos não explicitam a importância das BEs e quando citadas não passam de um equipamento físico ou de apoio aos demais setores da escola, tampouco, estão vinculadas aos fazeres pedagógicos.

Portanto, Silva (2019) propõe a necessidade de se criar uma forma de apresentar a BE, a fim de que seja incluída nos documentos oficiais, para que gradativamente essas alterações reflitam nos documentos, locais e nos das escolas. Sugere ainda que se definam níveis de integração da BE ao currículo e dos níveis de colaboração entre bibliotecários e professores.

Ao fechar a descrição das publicações, Jesus (2020), analisa as atividades de suporte a aprendizagem desenvolvidas em parceria entre o professor e o bibliotecário, ao buscarem aprofundar as ColInfo nos estudantes da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria (SESI) de São Paulo.

Após a análise, o autor constatou que as atividades planejadas e desenvolvidas foram assertivas, pois utilizaram diversos recursos físicos e tecnológicos e ampliaram a utilização qualitativa da biblioteca escolar. Ainda destaca a relevância da parceria entre professor e bibliotecário, e como esse trabalho propicia o aprimoramento de habilidades no uso da informação. Sugere que o modelo, de organização das BEs em rede seja implantado nas demais escolas. Um case de sucesso!

Essas temáticas, de forma geral, apontam os principais assuntos discutidos pelos autores (Quadro 3) nos últimos 5 anos. Após a descrição das publicações foi possível agrupá-las em grandes tópicos que abrangem a BE.

Quadro 3 - Agrupamento dos principais temas e seus autores

| Autores | Tópicos |
|----------------------------------|---|
| Paula (2019) | BE espaço de leitura e de aprendizagem relacionado com a formação do leitor, com foco no leitor literário |
| Abreu (2019), Jesus (2020) | BE espaço de interação entre o bibliotecário e o professor |
| Aguiar (2018) e Paiva (2019) | BE no desenvolvimento da ColInfo aliada ao perfil dos nativos digitais |
| Gonzaga (2017) e Pereira (2019) | BE e as políticas públicas e do livro para implantação, organização e funcionamento |
| Sala (2018) e Silva (2019) | BE inclusas no PPP e sua integração com currículo |
| Ferreira (2018) e Santos, (2018) | BE e os parâmetros do GEBE e IFLA |
| Amorin (2017) | BE e a arquitetura do espaço com foco nas crianças |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Para facilitar a organização do estudo, as temáticas foram organizadas em 4 grandes áreas: o espaço da BE, os profissionais da BE e sua formação, o aspecto pedagógico da BE, e os usuários da BE, com o propósito de identificar as principais informações e contribuições.

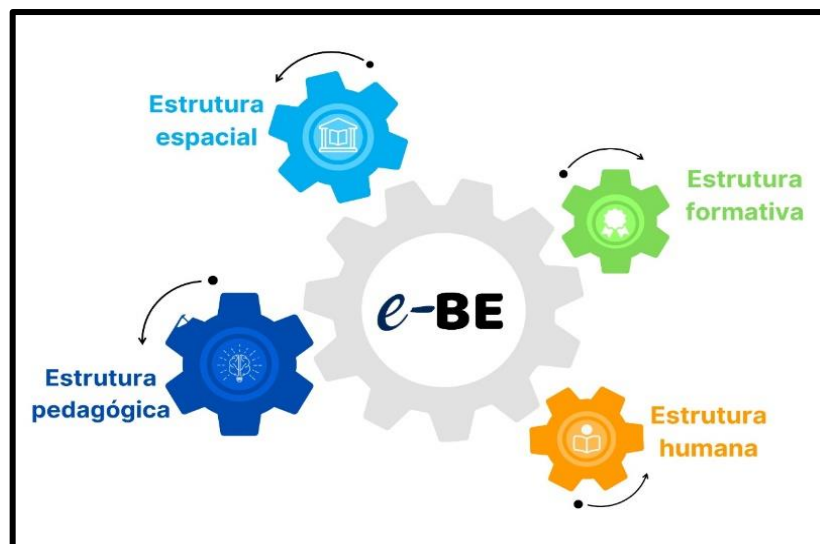
Na próxima seção seguirá a análise dos dados desta pesquisa que apresentará o panorama da BE delineado nessas publicações.

4 VENHA! VAMOS REVISITAR BIBLIOTECA ESCOLAR: ANÁLISE DE DADOS

Com base na análise das publicações foi possível organizar um framework (Fig. 2) com as principais estruturas que contemplam o desenvolvimento de uma BE.

As estruturas foram denominadas de **e-BE** e organizadas em quatro grupos: a **espacial** que compreende os espaços da BE; a **formativa** que envolve a formação do bibliotecário, do professor e do gestor para o desenvolvimento da BE; a **pedagógica** que incentiva as competências leitoras, de ColInfo e cultural na organização dos serviços e projetos para atender as demandas informacionais; e a **humana** que visa o conhecimento dos usuários, em suas características e preferências quanto ao uso da BE.

Figura 2 – Modelo de estruturas para biblioteca escolar (e-BE)



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

As estruturas serão descritas sob a perspectiva dos autores com os principais posicionamentos com a finalidade de se estabelecer o panorama dos últimos cinco anos.

Na próxima subseção será analisada a concepção do espaço para a biblioteca no ambiente escolar, o seu papel enquanto espaço de aprendizagem e a organização física e digital.

4.1 Panorama da Estrutura Espacial

No contexto escolar é necessário compreender a concepção do espaço e sua organização na promoção da aprendizagem. O espaço escolar possibilita ao estudante o contato com o conhecimento e neste processo acontecem as conexões que irão contribuir para a transformação da sociedade, pois de acordo com Trindade (2019, p. 122), a “escola é vista como embrião da vida social e da vida em comunidade, um ambiente simplificado, mas ainda assim repleto de relações sociais”, portanto, a escola deve preparar o estudante para aprender e desenvolver habilidades para a vida em sociedade.

O espaço educacional é estruturado em partes que junto formam o ambiente escolar, entre eles se destacam: a sala de aula, local onde estudantes e professores realizam atividades que levam a uma diversidade de aprendizagens e vivências; o espaço da gestão escolar, que acompanha o desenvolvimento do estudante no contexto administrativo, legal e pedagógico; o pátio, local coletivo para interações e recreação; cantina/refeitório, local para a realização de pequenas refeições; e não menos importante, o espaço da BE, local de fomento à leitura, armazenamento de materiais que proporcionam o conhecimento, vivências e interações de aprendizagem.

Depois da sala de aula, a BE é um dos espaços mais importante, pois propicia ao estudante, autonomia na construção do conhecimento ao acessar materiais nos diversos formatos e ao participar de diálogos e reflexões sobre temas relacionados com seu cotidiano.

Segundo Gallego e Silva (2022, p. 10), todo o espaço na escola é ordenado, portanto é “significativo para o currículo”, pois sua ordenação considera a intencionalidade, a distribuição e a designação para as diversas funções educacionais. Acrescentam ainda que o modelo organizativo do espaço escolar é primordial para “estruturação da aprendizagem, a aquisição dos saberes, influencia a atitude mental e a forma de vida das pessoas”, isso evidencia que a arquitetura escolar envolve todas as dimensões educacionais, desde a organização do currículo, das turmas, da reflexão da equipe pedagógica, do cotidiano da sala de aula e de como os estudantes, professores e funcionários enxergam o trabalho escolar, pois essa organização espacial alicerça as decisões pedagógicas e administrativas.

Ao se referir ao espaço da BE, Gallego e Silva (2022, p. 22), colocam “que se há uma biblioteca na escola, é preciso equacionar o seu uso segundo o número de

turmas, definindo-se, assim, o tempo de permanência das turmas nesse espaço e o número de funcionários necessários” com essa fala, se percebe que a BE faz parte da arquitetura da escola e a necessidade de planejamento para suas atividades.

Com o intuito de verificar a situação da biblioteca no ambiente escolar e identificar a concepção sobre o espaço, tanto do físico como do ciberespaço segue o posicionamento dos autores (Quadro 4).

Quadro 4 – Posicionamento dos autores sobre o espaço da biblioteca escolar

| Autor | Ano | Ponto de Vista |
|-----------------|------------|--|
| Gonzaga | 2017 | Espaço de aprendizagem. |
| Amorim | 2017 | Como um dispositivo cultural carregado de intenções, programações e ações para o seu funcionamento material e simbólico. |
| Aguiar | 2018 | Fomento à competência informacional, inclusão digital, conceitos de transferência de informação e conhecimento, acesso e domínio de novas tecnologias, promoção da cidadania. |
| Ferreira | 2018 | Instrumentos que permitam a verificação, demonstração e acompanhamento da contribuição das bibliotecas escolares para aprendizagem. |
| Paiva | 2018 | Extrapolou sua função meramente informacional, exercendo também funções sociais. Uma ferramenta importante para o processo de ensino-aprendizagem. |
| Sala | 2018 | Espaços políticos e de promoção de debates. |
| Santos | 2018 | Informação, formação e cultura. |
| Abreu | 2019 | Ambiente que proporciona a base do conhecimento necessário para que os alunos possam desenvolver sua formação humana. |
| Paula | 2019 | Veículo de propagação da cultura da leitura, promovendo encontros de interlocução e de leitura interativa. Espaço que conduz os alunos por novas rotas do saber. |
| Pereira | 2019 | Estratégia de ensino, com aprendizagem significativa, e o papel da BE se expande, de maneira disruptiva, abre-se mão da concepção de ofertante de informação, e apropria-se da concepção de mobilizadora de recursos informacionais às práticas pedagógicas efetivas de aprendizagem, avaliando suas ações em função de evidenciar seu impacto na/para aprendizagem. |
| Silva | 2019 | Espaço de aprendizagem, com uma função educativa [...] implica na sua presença no currículo escolar. |
| Jesus | 2020 | Redes de bibliotecas escolares, fortalecendo a atuação dos bibliotecários e professores. |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Ao considerar o espaço da BE, se faz necessário incluir o conceito da IFLA (2015, p. 19), pois a conceitua como “espaço de **aprendizagem físico e digital** na escola”, portanto o espaço da BE é um lugar para se aprender e que precisa de um local físico e, também, no ciberespaço. Com base na concepção de **espaço de aprendizagem** e no levantamento da RSL, segue as ponderações sobre o posicionamento dos autores a respeito da estrutura espacial da BE.

De acordo com Gonzaga (2017, p. 41), a BE é um espaço da escola a disposição da comunidade e que “se torna espaço de aprendizagem quando os alunos aprendem nela e com ela”, assim a construção desse espaço passa pela concepção e vivências de seus membros sobre o que é uma biblioteca.

Muitas vezes, a BE é vista como um local onde apenas “se busca o livro para leitura ou lugar de pesquisas” (GONZAGA, 2017, p. 43), essas atividades representam pouco uso e visão limitada da sua comunidade, pois esse espaço pode ir além, precisa ser visto como lugar para se aprender, e acrescenta que quando é utilizado corretamente “estimula a criatividade por meio do acesso a objetos informacionais, a bens culturais, à leitura, à escrita que são requisitos básicos para aquisição do conhecimento e acesso à cultura letrada”.

Essa concepção permite uma riqueza de interações no espaço, entre os membros da comunidade, os profissionais que a organizam e das atividades que são realizadas, é isto que diferencia a BE da visão de estoque. E acrescenta que desde a década de 60 essa temática vem sendo discutida nos estudos Biblioteconômicos, a BE como um lugar de aprendizagem.

Ainda segundo Gonzaga (2017, p. 36), há necessidade de “esforços da comunidade e, também, das esferas governamentais, no estabelecimento de políticas públicas” em favor do seu desenvolvimento a fim de se tornar um espaço educativo, cultural e de cidadania. Assim, a efetivação da BE como espaço de aprendizagem só acontece com o apoio da comunidade, isto é, precisa do envolvimento de todos.

Por isso, Abreu (2019, p.19) ressalta a importância da BE, pois proporciona a “base do conhecimento necessário para que os alunos possam desenvolver sua formação humana”, a leitura e a discussão humanizam as pessoas e as incentivam a aprender sempre, aprender ao longo da vida.

Portanto, o espaço da BE também contribui para o desenvolvimento da formação cidadã, assim, Sala (2018, p. 20) considera a BE como “espaços políticos e de promoção de debates que possibilitam à comunidade escolar o acesso à informação e ao conhecimento por meio dos diferentes recursos e dos materiais disponíveis”, um posicionamento que vê a BE como um espaço dinâmico e de interações com a comunidade.

Ainda neste ponto de vista, Santos (2018, p. 42), destaca que o espaço da BE é de “informação, formação e cultura”, pois auxilia na formação do leitor e na formação

de um cidadão mais crítico, com atitudes necessárias para reivindicação dos seus direitos que contribuem para uma cidadania mais plena.

Contudo, Paiva (2018, p. 37) vai além e coloca que a BE “extrapolou sua função meramente informacional, exercendo também funções sociais”, que implicam no desenvolvimento da cidadania, por isso concorda que esse espaço é cercado de dinamismo na união das atividades informacionais, pedagógicas e sociais, com essa visão a BE é uma “ferramenta importante no processo de ensino e de aprendizagem”, pois aprendizagem e cidadania caminham juntas, portanto, deve agir além das paredes.

Nesse sentido, Paula (2019, p. 19), comenta que o espaço da BE é para a promoção da leitura, pois a considera como um “veículo de propagação da cultura da leitura, promovendo encontros de interlocução e de leitura interativa”, nesta concepção se destaca a importância da formação do estudante como leitor crítico e literário, por meio de atividades na BE.

Em contrapartida, Aguiar (2018, p. 19) considera que no espaço da BE são de “atividades de fomento à competência informacional, [...] inclusão digital, conceitos de transferência de informação e conhecimento, acesso e domínio de novas tecnologias, promoção da cidadania, questões essas que devem se aliar às demais atividades das escolas”, aqui entra em destaque as atividades de ColInfo, uso de tecnologias relacionadas a cidadania e sua inclusão nas atividades escolares.

Mediante as proposições dos autores, a BE é um espaço de aprendizagem que deve incluir em seu escopo os aspectos informacionais, pedagógicos e sociais de forma a contribuir para a formação cidadã de seus membros por meio da leitura e das competências em informação.

Para entender se isso realmente acontece, Ferreira (2018, p. 13) se preocupa em constatar se as atividades realizadas geram aprendizagem, por isso indica a necessidade de “instrumentos que permitam a verificação, demonstração e acompanhamento da contribuição das bibliotecas escolares para aprendizagem”, essa verificação ocorre por meio do diálogo com a comunidade escolar e relatórios estatísticos, onde é possível verificar a efetividade da aprendizagem. Assim, não basta apenas realizar atividades, elas precisam ter propósitos que contribuam para o desenvolvimento dos estudantes, com a possibilidade de avaliação e melhorias.

Por sua vez, Silva (2019, p. 18), diz que a BE é um “espaço de aprendizagem, com uma função educativa [...], isso implica sua presença no currículo escolar”, aqui

se entende que BE deve ter suas atividades integradas e planejadas de acordo com os conteúdos curriculares expressos na proposta pedagógica da escola.

Com uma visão mais ampliada, Pereira (2019, p. 34), afirma que o espaço da BE deve ser considerado como uma “estratégia de ensino, isto é, que leve o estudante a uma “aprendizagem significativa” (p. 49), aquela que faz sentido no seu cotidiano.

Aqui está um dos elos de sucesso da BE, ela precisa estar ligada ao currículo, pois suas atividades apoiam o desenvolvimento dos conteúdos, assim o seu espaço é considerado como uma estratégia que permite que a aprendizagem tenha sentido para o estudante.

Com esses posicionamentos se confirma que a BE é um espaço de vivências e convivências. As vivências permitem que cada membro da comunidade construa seu conhecimento por meio das leituras e das Colnfo, por outro lado as convivências proporcionam interações por meio dos diálogos realizados nas atividades.

Sobre o espaço da BE, Pereira (2019, p. 70) acrescenta que:

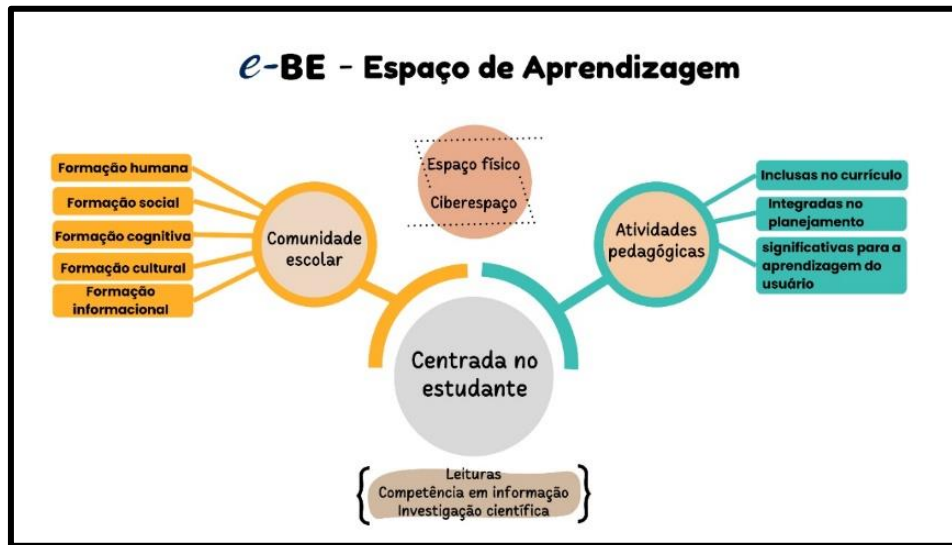
o papel da BE de expande, de maneira disruptiva, abre-se mão da concepção de ofertante de informação, e apropria-se da concepção de mobilizadora de recursos informacionais às práticas pedagógicas efetivas de aprendizagem, avaliando suas ações em função de evidenciar seu impacto na/para aprendizagem.

Essa abordagem evidencia e amplia o espaço da BE, pois mostra o uso desse espaço totalmente diferente do que é visto até então pela comunidade escolar e destaca a importância de integrar/mobilizar o uso dos recursos informacionais com atividades pedagógicas.

Portanto, a BE como espaço de aprendizagem (Fig. 3) precisa levar em conta a comunidade onde está inserida e trabalhar para a construção da sua formação humana, social, cognitiva, cultural e informacional com o propósito de contribuir para o seu desenvolvimento.

Ainda nesse processo, é importante a organização do espaço físico e do ciberespaço, esses espaços devem atender aos usuários nas demandas informacionais e sociais, por isso a inclusão das atividades no currículo escolar, devem ser planejadas e integradas ao fazer pedagógico com base no desenvolvimento da leitura, das Colnfo e da investigação científica.

Figura 3 – Biblioteca escolar como espaço de aprendizagem



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Após essa discussão da BE como espaço de aprendizagem, se faz necessário apresentar a abordagem dos autores sobre os aspectos físicos desse local.

O trabalho de Abreu (2019) contribui com orientações apresentadas pelo o estudo do GEBE⁴ na organização do espaço físico. Aponta diretrizes para instalação de uma BE, como a metragem, a quantidade de móveis, os equipamentos, a formação do acervo e os profissionais responsáveis por esse espaço, estabelecendo os parâmetros básicos. Este estudo foi pioneiro no Brasil, por isso vale verificar a concepção do GEBE sobre a BE, pois a considera como,

um **espaço físico** exclusivo, suficiente para acomodar o **acervo**, os ambientes para **serviços e atividades** para usuários e os serviços técnicos e administrativos; materiais informacionais variados, que atendam aos **interesses e necessidades dos usuários**; acervo organizado de acordo com normas bibliográficas padronizadas, permitindo que os materiais sejam encontrados com facilidade e rapidez; acesso a **informações digitais** (internet); **espaço de aprendizagem**; administração por **bibliotecário qualificado**, apoiado por equipe adequada em quantidade e qualificação para **fornecer serviços à comunidade escolar**. (Grifos da autora). (ABREU, 2019, p. 27).

Assim, de acordo com o GEBE, toda a BE necessita de um local físico estruturado na escola para o desenvolvimento de suas atividades. Porém, o que se constata na arquitetura e *design* das escolas brasileiras é a ausência do planejamento

⁴ <http://gebe.eci.ufmg.br/>

desse espaço, pois geralmente são salas de aulas adaptadas, isto é, a BE do “sem” sem espaço, sem acervo, sem atividades, sem profissional, entre outras fragilidades ocasionadas por essas adaptações, pois elas limitam o trabalho a ser realizado. Dessa forma se percebe a dificuldade para as BEs brasileiras atuarem como espaço de aprendizagem e contribuir para o desenvolvimento da formação da comunidade escolar.

Completa esse pensamento, o estudo de Amorin (2017, p. 57), pois considera a BE como um “dispositivo cultural carregado de intenções, programações e ações para o seu funcionamento material e simbólico” com essa concepção a BE não é um lugar isolado e parado, é um local de movimento e interações com seus usuários por meio das diversas atividades.

Por isso, destaca a importância da arquitetura e do design de bibliotecas para crianças, pois a sua construção deve atender os quesitos básicos que favoreçam o desenvolvimento das ações e interações, elas incluem aspectos lúdicos, linguagem material e espacial que aguçam o interesse e a imaginação das crianças. E acrescenta que o espaço físico da BE precisa ser agradável, confortável e adaptado ao uso de crianças e adolescentes, que incentive a permanência no espaço (AMORIN, 2017, p. 58).

Claro, que ainda há outros quesitos a serem considerados, como mobiliários e equipamentos e que eles respeitem o desenvolvimento físico dos usuários (estudantes), pois são eles que mais frequentam a BE.

Em uma BE é necessário organizar o espaço para os 3 níveis de ensino, a Educação Infantil (3 a 5 anos), o Ensino Fundamental, que é dividido em 2 ciclos, em Anos Iniciais (6 a 10 anos) e Anos Finais (11 a 14 anos) e o Ensino Médio (15 a 17 anos), cada nível possui características distintas, por isso o design da BE precisa ter espaços interativos que atendam às necessidades destes usuários.

Ao relacionar o estudo de Amorin (2017) com as orientações indicadas pela IFLA (2015) sobre o espaço físico não se encontram padronizações, nem existência de dimensões universais e nem design específico para a construção da BE. Porém, a IFLA apresenta diretrizes que norteiam o planejamento da sua instalação e ainda recomenda que o espaço seja centrado no estudante. De maneira geral, indica os seguintes aspectos:

- localização central e em andar térreo;

- facilidade de acesso e/ou proximidade com as salas de aula;
- ruídos, pelos menos uma parte da BE, sem ruídos externos;
- luz adequada e suficiente, podendo ser natural/artificial;
- temperatura ambiente que garantam condições de trabalho e preservação do acervo;
- acessibilidade aos portadores de necessidades especiais;
- área suficiente para acomodar o acervo em seus diversos suportes e formatos;
- área para o estudo em grupo e individual, e para leitura, acesso a computadores, espaço para exposição e área de trabalho;
- flexibilidade de espaço para permitir a multiplicidade de atividades e futuras mudanças no currículo e das tecnologias. (IFLA, 2015, p. 38).

Com base nessas orientações, cabe aos arquitetos, engenheiros, bibliotecários e gestores respeitarem o espaço da BE, durante o planejamento e execução do projeto arquitetônico. Geralmente, os aspectos relacionados a ruídos, luz, temperatura e acessibilidade já são respeitados nas construções, porém as orientações de uma localização central, espaço para armazenamento do acervo, uso de recursos tecnológicos, espaço para estudos e flexibilidade não são respeitados com tanta facilidade.

Por isso, se observa a dificuldade de muitas BE na realização das atividades por estarem fora destas orientações e que se elas fossem respeitadas fariam a diferença no ambiente escolar. Uma delas é a flexibilidade, ter um espaço para desenvolver múltiplas atividades tornaria a BE mais dinâmica, mas não é isso que se encontra atualmente, elas são tão pequenas que mal acomodam o básico, isto é, acervo, mobiliário e equipamentos. Ainda falta espaço para divulgação dos trabalhos escolares, pois o ambiente escolar é rico na produção do conhecimento e que muitas vezes não são compartilhados nem com a própria comunidade escolar. Os estudantes (crianças e adolescentes) gostam de ver e interagir com a diversidade dos trabalhos que são realizados na escola, pois esse tipo de vivência aguça a curiosidade e a criatividade em querer saber mais, além de contribuir para a formação cultural.

As orientações da IFLA (2015, p. 39) ainda recomendam o design do espaço interno da BE, pois é preciso ter espaços diferenciados para atender as diversas demandas, são chamados de áreas funcionais, entre elas se destaca:

área de estudo e pesquisa – esse espaço inclui o balcão de atendimento/circulação de materiais, computadores com Internet para acesso ao catálogo e banco de dados, mesas, cadeiras para estudo e pesquisa, acervo com materiais de referências e a coleção básica;

área de leitura informal – espaço aconchegante para exposição de livros e periódicos que incentive a ColInfo, a aprendizagem ao longo da vida e a leitura por prazer;

área de ensino – espaço para uma turma inteira para uso do professor e contação de histórias;

área de produção de projetos e mídias – espaço para os estudantes individualmente ou em grupo para fazer atividades, como vídeos, makerspaces, entre outras;

área administrativa – sala para processamento técnico, físico e armazenamento de materiais e equipamentos.

São poucas as BEs que tem esses espaços internos organizados. O documento do GEBE (2015, p. 12), considera os espaços das BEs em dois níveis, básico e exemplar, indicando a metragem de 50m² para o básico e 300m² para o exemplar, porém não relaciona a metragem com a quantidade de estudantes, mas indica que o espaço seja suficiente para acomodar a maior turma da escola. Já, as diretrizes IFLA (2015, p. 39), recomendam que o espaço físico seja suficiente para acomodar 10% dos estudantes matriculados sentados, assim o espaço físico de cada unidade será diferenciado, porém com capacidade de atender uma turma ou mais.

Com essas considerações se confirma a importância e a necessidade do planejamento do espaço físico da BE, um espaço adequado, que atenda as demandas do ambiente escolar, que seja atrativo e agradável para permanecer.

Em continuidade ao conceito de BE, a IFLA (2015, p. 19), indica atividades como “a leitura, pesquisa, investigação, pensamento, imaginação e criatividade” a serem desenvolvidas como apoio a aprendizagem. Por isso, Gonzaga (2017, p. 37) aborda a importância dessas atividades estarem descritas no PPP, dentro da proposta curricular, atendendo as necessidades dos professores e estudantes.

Nessa perspectiva, Silva (2018, p. 18) comenta que a “função educativa da BE”, por isso afirma que essas atividades devem estar registradas e definidas nos documentos oficiais e legais da escola, pois além de contribuir com o currículo formal, também atua com um currículo não-formal.

O fomento a leitura é a atividade mais comentada pelos autores, entre eles se destacam os estudos de Sala (2018), Santos (2018), Abreu (2019) e Paula (2019) principalmente em decorrência da formação do acervo, pois possibilita as leituras literárias e informacionais. Por isso, Gonzaga (2017, p. 36) ressalta que as políticas públicas em relação a BE devem “promover o acesso ao livro e o fomento à leitura” para o seu desenvolvimento, portanto essas políticas são a garantia de materiais para leitura.

Outra atividade indicada nas publicações de Aguiar (2018), Paiva (2019) e Jesus (2020), se refere ao desenvolvimento das ColInfo. De acordo com Aguiar (2018,

p. 19), elas são necessárias no contexto atual da sociedade, e se torna imprescindível que o estudante tenha domínio sobre o uso da informação e das tecnologias digitais. As atividades de ColInfo também estão inclusas na BNCC e assim se fortalece o trabalho da BE.

Portanto, o ensino das ColInfo envolve saber acessar, selecionar e avaliar informações, a fim de contribuir para o desenvolvimento escolar, por isso a BE é um do espaço para esse tipo de formação e aprendizagem.

Ao comentar sobre as ColInfo, Jesus (2020, p. 15), afirma a importância das BEs estarem organizadas em redes. A organização em rede (institucional) amplia o espaço da BE para realização das atividades, pois aumenta a parceria entre os membros da comunidade escolar e apresenta serviços mais colaborativos e integrados.

Nesse modelo de organização se consegue maior otimização de recursos e de profissionais, proporcionando mais qualidade ao trabalho. Portanto, recomenda essa forma de trabalho, em rede, para as instituições públicas e privadas como possibilidade de organização para as BEs.

Diante das atividades de fomento a leitura e ColInfo, a IFLA (2015, p.19) coloca que elas “são fundamentais para o percurso dos alunos da informação ao conhecimento e para o seu crescimento pessoal, social e cultural”, mais uma vez se reforça que o espaço da BE é interativo e dinâmico.

Em consonância com esse posicionamento estão as publicações de Gonzaga (2017), Paiva (2018), Pereira (2018), Silva (2018) e Abreu (2019) quando colocam a BE como espaço de aprendizagem, então já passou o tempo do espaço-depósito, do espaço-castigo e do espaço-silêncio, agora é o momento do espaço-aprendizagem, espaço-interação, espaço-vivência, espaço-convivências e ciberespaço entrelaçadas pela leitura e ColInfo como estratégias de ensino, pois se contextualiza com a aprendizagem significativa e crescimento do educando em todos os aspectos.

Outro quesito a ser considerado no espaço físico, foi a composição do acervo da BE. Foi apontada nos estudos de Paiva (2018), Santos (2018), Abreu (2019), Pereira (2019), Paula (2019) e Silva (2019) como um aspecto importante na composição do espaço físico. Essa questão já era referendada pela IFLA, quando comenta sobre a importância da coleção de materiais que compõe o acervo. Acrescenta que sua gestão é um “esforço colaborativo entre professores, especialistas das disciplinas e bibliotecários, com o propósito de fortalecer a relação

do currículo com temas atuais, culturais, linguísticos e sociais de seus usuários” (IFLA, 2015, p. 40), assim, o documento de políticas deve entender a finalidade da BE no ambiente escolar, definir a forma de crescimento, os temas da proposta curricular e indicar as pessoas responsáveis pela sua criação, atualização e manutenção.

A criação de uma política para formação da coleção deve estabelecer os parâmetros para o processo de seleção, aquisição, atualização e descarte, pois o acervo é dinâmico, isto é, ter materiais úteis para apoio as atividades curriculares.

O acervo da BE é constituído por materiais nos diversos suportes e formatos, porém o maior acervo, é o literário. Ele é composto pela variedade de literaturas em sua diversidade de gêneros com o intuito de incentivar a leitura e os demais materiais complementam os conteúdos curriculares. Silva (2018, p. 18), ao abordar sobre o acervo, coloca que a política de uma coleção de materiais deve estar presente no “currículo escolar, considerando que as aprendizagens que ali se realizam constituem parte de um currículo, mesmo que não formal”, dada a sua importância.

Cabe destacar a necessidade de procedimentos para descarte dos materiais, pois atualmente alguns tem ficado obsoletos devido a atualização tecnológica e do desuso dos equipamentos. Ainda se considera como critérios, a atualização seguida da usabilidade. O uso constante dos materiais durante o período da circulação traz desgastes físicos, os quais justificam o descarte, ainda mais quando o acervo é destinado ao público infantil e juvenil.

Ainda sobre o espaço da BE, os autores destacam a importância de investimentos, pois eles confirmam a sua existência. São os investimentos que viabilizam o crescimento da BE, por isso há necessidade da previsão orçamentária anual.

Sobre essa questão, o guia da IFLA (2015, p. 7) orienta que é preciso acompanhar a época do ciclo orçamentário da escola, os responsáveis e acompanhar se as necessidades da BE foram asseguradas. Também aponta que o planejamento do orçamento deve incluir valores para o acervo em seus diversos suportes, para atividades, projetos e divulgação, para infraestrutura (mobiliário, equipamentos, TDICS) e pessoal, caso não estejam no orçamento geral da escola. Ainda recomenda que a composição do orçamento da BE seja de 5% do valor gasto com um estudante, portanto a ausência de investimentos ocorre pela falta de gestão. E orienta que os investimentos das BEs públicas devem excluir salários, educação especial e transporte.

Dos autores analisados, sete comentaram em seus estudos sobre a questão de investimentos na BE, entre eles, Gonzaga (2017, p.127), que aponta a necessidade de investimentos no acervo, em projetos e na manutenção de profissionais; Paiva (2018, p. 76) comenta sobre investimentos no acervo; Amorin (2017, p. 48) cita a falta de investimentos na esfera pública e que interferem na realização das atividades e na ausência dos usuários; Silva (2019, p. 119) coloca que o investimento é “um compromisso com um trabalho em longo prazo”, por isso esse processo necessita de seriedade; continuando, Sala (p. 37) diz que há necessidade de “maior investimento nos ambientes estruturais e na qualificação dos profissionais”; Pereira (2019, p. 64), fala de “investimentos sistematizados à BE e da estruturação de programas de educação de interagentes”; e Jesus (2020, p. 105) que em seu estudo percebeu a necessidade de investimentos em acervo e nas pessoas (bibliotecários e auxiliares de biblioteca) que atuam na BE. Investimento em pessoal envolve a formação continuada dos profissionais, é isso que diferencia este estudo dos demais, pois sempre o foco é apenas em acervo e no espaço físico.

Com esses posicionamentos percebe-se o quanto pouco tem se investido na BE no contexto brasileiro, por isso esses estudos apontam a sua precariedade nos espaços, nos acervos, nas atividades e ausências de bibliotecários. A falta de investimentos tem comprometido o desenvolvimento e a existência da BE, nas esferas pública e privada.

Com esse panorama do espaço físico e hora de abordar o espaço digital da BE. O espaço físico, se refere a BE tradicional, que envolve uma sala no ambiente escolar que acomoda o acervo, a circulação dos usuários, atividades, serviços, equipamentos, internet e o trabalho do bibliotecário.

Contudo, o espaço digital, também conhecido como ciberespaço, que na concepção de Levy (1999, p. 92), “é um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”, aqui se constata a virtualização das informações, que implica em uma nova relação de tempo e de espaço, pois eles tomam novas dimensões.

O tempo não é mais linear, cronológico, porém é real e imediato, e o espaço tem um lugar indefinido, sem território e é ilimitado. Com essas características, o ciberespaço é um,

mundo virtual, onde são disponibilizados variados meios de comunicação e interação em sociedade. Um universo virtual onde se encontram quantidades massivas de dados, informações e conhecimento em que os textos são "mixados" a imagens e sons, em um hipertexto fluido e cheio de possibilidades, ou seja, um ambiente não físico, mas real, um espaço aberto, cheio de devires, onde tudo acontece instantaneamente, em tempo real e de durabilidade incerta. (MONTEIRO, 2007, p. 14).

Por isso, no ciberespaço se destaca a virtualidade de dados, informação e conhecimento em diversos formatos de mídias e que o acesso pode ser feito por meio de conexões com a internet.

Neste cenário, Castells (1999, p. 108) aponta para os paradigmas dessa sociedade voltada para informação e o conhecimento,

a **usabilidade** da informação, agora ela é matéria-prima, em que a tecnologia passa a agir sobre ela;
a **penetrabilidade** dos efeitos da informação, pois é parte integral da atividade humana;
a **logicidade** das redes, tudo está conectado;
a **flexibilidade**, onde tudo pode ser modificado, alterado, reorganizado, reconfigurado, onde acontece constantes mudanças e fluidez;
e **convergência** das tecnologias para sistemas altamente integrados.

Com esses paradigmas se percebe a abrangência, a complexidade e disposição por meio da integratividade das redes, este cenário trouxe muitas mudanças que fazem parte do cotidiano das pessoas, pois muitos serviços passaram a ser virtuais e a pandemia em 2020 acelerou esse processo do uso das tecnologias digitais em todos os ramos da atividade humana.

Com a BE não poderia ser diferente, pois nos últimos tempos tem passado por diversas mudanças, uma delas foi o desenvolvimento de bases de dados para descrever materiais do acervo e facilitar o acesso, assim entraram em cena os catálogos virtuais e *on-line*, depois vieram os formatos dos livros, os chamados *e-books*, nos formatos PDF e *e-pubs*, seguidos das plataformas digitais, para armazenar uma diversidade e quantidade de livros, todos com o intuito de facilitar a leitura e agilizar o acesso à informação para seus usuários.

Com o uso das TDICs, o perfil do usuário também se transformou, de acordo com Paiva (2018, p. 46), hoje as crianças e adolescentes tem mais contato com a

tecnologias digitais, pois tem domínio no uso dos equipamentos, de redes sociais e aplicativos variados. Serra (2014, p. 18), coloca que para essa geração as bibliotecas são dispensáveis, pois quando necessitam de informações é mais fácil usar o Google, tanto é que até virou verbo “gloogar” e complementando esse pensamento, Amorim (2017, p. 152) acrescenta que o uso das ferramentas digitais para leitura encontra rejeição por parte das crianças e adolescentes, pois o primeiro uso é para entretenimentos ou jogos, e que o foco para leitura deverá demorar, até elas entenderem o seu papel no desenvolvimento estudantil.

Correndo atrás dos usuários, muitas BEs começaram a disponibilizar arquivos em PDFs para os usuários por meio do *Software* da própria biblioteca ou aplicativos com plataformas de leituras. No decorrer desse processo outros problemas se tornaram visíveis em relação as bibliotecas digitais, como o respeito aos direitos autorais, a questão financeira para aquisição dos *e-books* e plataformas digitais para leitura, Serra (2014, p. 34) ainda coloca que o mercado editorial não está preparado para atender as demandas das bibliotecas quanto aos livros digitais, pois seu foco está na aquisição individual, um leitor de cada vez.

Apesar das dificuldades de acesso aos materiais digitais, a IFLA (2015, p. 39), esclarece que os serviços digitais estão disponíveis 24/7, assim, a biblioteca ficou acessível e visível ao usuário em qualquer momento e que “os recursos digitais, como *e-books* (de referência, ficção, não-ficção), bases de dados, jornais e revistas *on-line*, jogos educativos e materiais de aprendizagem em multimídia constituem uma parte cada vez mais substancial dos recursos da biblioteca”, por isso os materiais digitais, não precisam ser visto como espaços separados ou outro espaço, na verdade eles se complementam na riqueza de recursos para os usuários.

Tanto é, que a IFLA (2015, p. 41), quando fala sobre o desenvolvimento do acervo digital coloca que são utilizados os mesmos critérios de curadoria da coleção impressa e acrescenta que na coleção digital é preciso considerar, as questões técnicas (internet, plataformas, entre outras), financeiras, jurídicas, de licenciamento e segurança.

Ainda nesse contexto virtual, se constituem espaços digitais para uso em bibliotecas, os metaversos, isto é, os mundos virtuais que replicam a realidade em nuvem e são acessados por meio de dispositivos. De acordo com Campello *et al* (2022, p. 6), a conceituação sobre o metaverso não é definitiva, pois implica nos

avanços das TDCIs que ocorrem constantemente e alteram as possibilidades do metaverso, porém diz que pode ser entendido como um,

espaço virtual persistente e compartilhado que promoverá uma integração cada vez mais autêntica entre a realidade virtual e a realidade física, tudo isso em tempo real. Nesse novo ambiente, poderemos realizar nossas atividades mais cotidianas, como trabalhar, fazer compras, apreciar museus, assistir shows, jogar, ter aulas e socializar de modo geral, de uma maneira muito mais imersiva do que já fazemos hoje em dia.

Isso mesmo, um mundo paralelo onde se pode realizar muitas atividades, como negócios (e-commerce), marketing, educação, trabalho remoto, socialização e entretenimento, portanto a participação no metaverso gera impacto e mudanças na forma de interagir, pois possibilitam acesso a serviços e oportunidades na promoção do conhecimento. Para isso acontecer, é necessário acompanhar os avanços tecnológicos que hoje estão na vanguarda, como a Realidade Aumentada, Realidade Virtual, *Blockchain* (criptomoedas ou *Non-Fungible Tokens - NFT*), Tecnologias espaciais, Internet das Coisas (IoT), a Web 3.0, tudo contribui para o avanço do metaverso (CAMPELLO *et al*, 2022, p. 6).

Numa breve contextualização histórica, o metaverso vem sendo desenvolvido desde a década de 70, quando teve início a criação dos mundos virtuais para melhorar a interação em jogos *on-line*, com o propósito de interagir com o público jovem. A proposta deu tão certo, que ao longo dos anos as empresas desenvolveram diversos mundos em formato, como o *multiplayer*, o *multiplayer* cooperativo e o *role-playing*, sendo os mais conhecidos: Active Worlds (1997), Habbo Hotel (2000), The Sims (2000), Second Life (2003), World of Warcraft (2004), Club Penguin (2005) e o Fortnite (2017), entre outros.

Nesses mundos, o participante assume uma personagem pré-definida, um avatar, com determinadas características que lhes permite avançar seguindo determinados objetivos e missões, pois a proposta é aumentar a interatividade com os demais participantes em ambientes 3D, por isso alguns não são considerados jogos, pois possuem objetivos e missões para cumprir e não níveis a serem vencidos, pois não tem regras pré-estabelecidas (CORREIA; EIRAS, 2010, p. 72 e CAMPELLO, 2022, p. 11).

A temática sobre o metaverso é muito complexa, profunda e com muitas variáveis para análise, portanto se fará um recorte para conhecer sua aplicação em bibliotecas.

O mundo virtual *Second Life* é um dos mais utilizados na organização de bibliotecas no metaverso. A experiência teve início em 2006, quando foi adquirido o primeiro terreno virtual para a construção de uma biblioteca, na época era conhecida como Library 2.0. Com o apoio da American Library Association (ALA), em 2007 passou a ter um arquipélago de informação virtual, a *Info Island* que durante esse tempo vem desenvolvendo e criando projetos, como *Hypergrid Resource Library* que auxilia o usuário a encontrar conteúdos educacionais nos mundos virtuais e presta orientações a bibliotecários e bibliotecas sobre o metaverso. Agora essa biblioteca é conhecida como a *Alliance Virtual Library* (AVL) e gerenciada pela *Community Virtual Library* (CVL) com o objetivo de colaborar com bibliotecários de todo o mundo e providenciar um “serviço de bibliotecas em mundos virtuais através do esforço colaborativo e acesso a recursos e serviços de biblioteca gratuitos aos residentes do *Second Life*”, como bibliotecas desse espaço encontra-se a Biblioteca da University College Dublin (UCD), a Biblioteca Caledon, o Museu da Cidadania Digital em Kitley e Biblioteca Seanchai, de acordo com Correia e Eiras (2010, p. 80).

A mais de uma década a CVL tem sido um centro de apoio para os bibliotecários em mundos virtuais, um dos objetivos é a incorporação das ColInfo em ambientes de aprendizagem imersivos com foco no desenvolvimento da cidadania, por isso a CVL está “expandindo para outros mundos, como Inworldz e Kitley, como parte das Bibliotecas Metaverso”, que envolve um esforço combinado entre educadores e profissionais da informação para conectar as comunidades virtuais orientadas à educação de alta qualidade como recursos (LIBRARIES, 2022, p. 1).

Sobre BE no metaverso não foram encontrados estudos nessa área, porém notícias em websites e artigos sobre a temática recomendam o seu uso em colaboração com a educação no processo de aprendizagem.

Nos mundos virtuais encontra-se mais a participação de bibliotecários com a aplicação sobre metaliteracy, direitos na cidadania digital, curadoria de conteúdo digital, segurança digital com explicações sobre as temáticas, palestras e cursos.

Esse é um novo campo de atuação do bibliotecário e aqui se abre a possibilidade de pesquisas na área da BE, pois uma parte dos usuários de mundos

virtuais se encontra na escola. Criar uma BE no metaverso proporcionará muitas interações com os estudantes.

Diante da construção desse panorama, se percebeu que a estrutura espacial da BE é muito abrangente e demanda um estudo mais detalhado, porém foi possível verificar as variáveis que envolve esse espaço (Fig.4).

Figura 4 – Como se configura a estrutura espacial da biblioteca escolar



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Em suma, a estrutura espacial é formada pelo espaço físico e digital que se unem para atender as demandas dos usuários da sua comunidade. Como já foi dito, um espaço não substitui o outro, eles se complementam para proporcionar uma experiência informacional mais rica e interativa para o estudante.

Os dois espaços são formados por acervos que possuem formatos e suportes diferenciados, porém ambos carecem de investimentos para sua instalação, manutenção e atualização para a realização de atividades e serviços relacionados a leitura e as ColInfo.

Cabe reforçar ainda que faltam diretrizes e orientações sobre a organização das BE no contexto brasileiro, apesar das orientações dos documentos da IFLA, do GEBE e da legislação. Os serviços e atividades da BE exigem o uso de tecnologias, pois seus usuários são nativos digitais e respondem melhores quando há interações tecnológicas. Com essa contextualização se constata a importância da organização

da estrutura espacial da BE no ambiente educacional e o quanto pode contribuir para uma aprendizagem mais significativa para crianças e adolescentes.

Em continuidade a construção do panorama da BE, na próxima subseção será abordado sobre os atores que fazem parte do processo de estruturação da biblioteca, o bibliotecário, o professor e o diretor escolar.

4.2 Panorama da Estrutura Formativa

A formação é imprescindível em qualquer área do conhecimento, desde a formal, continuada e informal, e cada uma delas com suas características contribuem para o desenvolvimento profissional. A formação passa pela escolha da pessoa, suas afinidades e projeto de vida, pois a profissão é a forma de cada um contribuir para a vida em sociedade.

No ambiente escolar existem muitos profissionais, porém para esse estudo o direcionamento será nos profissionais que estão diretamente ligados ao processo formativo da BE, o bibliotecário, o professor e o diretor da escola. No levantamento da BDTD, as publicações citaram esses profissionais e a sua relação com a BE.

Por ser responsável pelo desenvolvimento da BE, a primeira abordagem será sobre a atuação do profissional bibliotecário (Quadro 5).

Quadro 5 – Posicionamento dos autores sobre os profissionais da biblioteca escolar – Bibliotecário

| Autor | Ano | Ponto de Vista |
|--------------|------------|--|
| Gonzaga | 2017 | A presença do profissional bibliotecário na escola é de fundamental relevância, [...] é essencial que o bibliotecário faça parte das discussões pedagógicas [...] e da participação coletiva da comunidade escolar na construção do projeto político-pedagógico. |
| Aguiar | 2018 | Função de mediadores na comunicação entre os usuários que necessitam de conhecimento para seu processo de desenvolvimento pessoal e social. O trabalho colaborativo do bibliotecário com a comunidade escolar, é, portanto, indispensável para o avanço do reconhecimento do papel educativo da biblioteca escolar e do potencial educador do bibliotecário. |
| Ferreira | 2018 | Profissional bibliotecário com formação superior [...], que trabalhe junto aos professores e de acordo com o currículo pedagógico da escola, ofereça orientações, pesquisas guiadas, desenvolva a leitura, competências, pensamento crítico e o conhecimento dos alunos. |
| Paiva | 2018 | O trabalho do bibliotecário aponta para uma [...] dicotomia: se por um lado os bibliotecários demonstram ter um maior preparo para atuação na área técnica biblioteconômica, por outro apresentam dificuldades para embasarem uma prática pedagógica. |
| Sala | 2018 | Uma biblioteca escolar bem equipada, que conte com a colaboração de bibliotecários e profissionais especializados pode proporcionar uma boa formação dos alunos, dos professores e da comunidade local. |

| | | |
|---------|------|--|
| | | O bibliotecário escolar é um professor cuja disciplina é ensinar a aprender. É fundamental que o bibliotecário também faça parte das discussões e dos planejamentos pedagógicos. O bibliotecário, profissional habilitado para trabalhar com fontes e recursos informacionais, pode beneficiar o planejamento escolar e conseqüentemente, o trabalho realizado pelos professores. |
| Santos | 2018 | A função do bibliotecário escolar não é somente o guardião dos livros, alguém para organizar e catalogar o acervo, suas funções vão além. p. 62. |
| Abreu | 2019 | O bibliotecário, como agente formador de leitores. Mediador da leitura, o papel do bibliotecário como mediador social, que auxilia no desenvolvimento do gosto pela leitura. |
| Paula | 2019 | O PUB é o professor do uso da biblioteca, não é um bibliotecário com formação e sim, um professor das séries iniciais, que atua orientando os alunos na biblioteca. |
| Pereira | 2019 | [...] dos escassos bibliotecários nesse cenário, é inoperante, pois não recebe o valor devido, tornando-a incapaz de contribuir significativamente a aprendizagem. |
| Silva | 2019 | Construir reflexões que contribuam com a necessária aproximação das práticas educativas promovidas por bibliotecários escolares em suas diversidades de espaços-tempos de atuação com os demais educadores da escola. |
| Jesus | 2020 | A formação dos bibliotecários é realizada não apenas quando este inicia seu trabalho na Rede, mas também, durante toda sua permanência como colaborador da mesma. Ela se dá em momentos individuais e coletivos, presenciais e por videoconferência, sempre com temas pré-determinados e buscando sanar dúvidas pontuais. |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Com base nas publicações segue as considerações dos autores, em relação ao bibliotecário, Aguiar (2018, p. 143) e Sala (2018 p. 75) citam a Lei N. 4.084 de junho de 1962, que regulamenta o exercício do profissional bibliotecário, com alterações feitas pela Lei N. 9.674/1998, dessa forma se pontua a legalidade da profissão, que em 2022 comemorou 60 anos.

Por isso, a estranheza quando Ferreira (2018, p. 21) e Santos 2018, p. 36) comentam em seus estudos sobre o papel do bibliotecário e da necessidade do bibliotecário ter formação superior, cabe reafirmar que a lei da profissão já prevê esse tipo de formação, pois sem a graduação em Biblioteconomia, não existe bibliotecário no contexto brasileiro.

Por meio desses comentários se constata duas situações, a primeira é o desconhecimento da lei da profissão do bibliotecário e a segunda é o entendimento que todos os que trabalham na biblioteca são bibliotecários, independente da formação. Santos, 2018, p. 36) traz o esclarecimento sobre a última situação, pois diz em seu estudo que

o bibliotecário é substituído pelo professor readaptado, este doente e afastado das suas funções na sala de aula, em algumas vezes, sem formação

nenhuma para este trabalho e sem paciência para lidar com o ambiente, fazendo com que os alunos se afastem da biblioteca.

Paula (2019, p. 41), reitera esse posicionamento, ao dizer que o professor que atua na BE, “não é um bibliotecário com formação e sim, um professor das séries iniciais, que atua orientando os alunos na biblioteca”, portanto se constata um “pseudo-bibliotecário” atuando na BE e que obscurece o papel do bibliotecário nesse espaço e sua participação no processo de aprendizagem do educando. Também se constata uma omissão velada do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) e dos Conselhos Regionais quanto ao exercício ilegal da profissão, pois possuem um processo fiscalizatório frágil que permite a atuação de profissionais sem formação nas BEs, essa atitude confunde a comunidade escolar sobre a importância do bibliotecário e da sua presença na escola.

Os estudos de Aguiar (2018, p. 148), Sala (2018 p. 75), Pereira (2019, p. 33) também destacam a falta de garantia da atuação dos bibliotecários nas BEs e a sua ausência como profissional desse espaço. As possíveis justificativas apontadas remetem as seguintes razões, a falta de políticas públicas sobre a BE brasileira, a inserção do bibliotecário como educador nos documentos legais norteadores da Educação e de acordo com Sala (2018, p.186), os poucos “investimentos para contratação e formação de bibliotecários”, também contribui para ausência desse profissional na escola.

A figura e o trabalho do bibliotecário escolar são poucos conhecidos no ambiente escolar, pois a sua presença se deu após a organização das bibliotecas universitárias, onde o profissional bibliotecário ficou em evidência devido a organização do acervo, da informação e da disseminação do conhecimento (GONZAGA, 2017, p. 129), com esse cenário se constatou a necessidade desse profissional também na escola.

A profissão do bibliotecário é intensa, pois ao trabalhar no cenário da informação e do conhecimento precisa dominar os novos recursos disponíveis para desenvolver um bom trabalho, assim exige constantes atualizações. Portanto, o bibliotecário é um profissional que se reinventa com o propósito de acompanhar as mudanças que ocorrem na sociedade, pois a sua área de atuação é bem diversificada, envolve a tipologia das bibliotecas, bem como a opção do trabalho liberal.

A BE é um dos espaços de trabalho do bibliotecário, pois segundo Gonzaga (2017, p. 129), a “presença do profissional bibliotecário na escola é de fundamental relevância, [...] é essencial que o bibliotecário faça parte das discussões pedagógicas e [...] da participação coletiva da comunidade escolar na construção do projeto político-pedagógico”, com esse posicionamento se destaca a importância do bibliotecário na escola.

De acordo com os estudos realizados e do ponto de vista dos autores o bibliotecário exerce um papel educativo no espaço escolar que abrange atitudes, funções, serviços e perfil. Na opinião de Santos (2018, p. 62), “a função do bibliotecário escolar não é somente o guardião dos livros, alguém para organizar e catalogar o acervo, suas funções vão além”, esse pensamento induz que o bibliotecário deve estar envolvido com os profissionais da educação e atividades curriculares que fazem parte do ambiente escolar.

Nessa perspectiva, Silva (2019, p. 15), completa sobre a necessidade de se “construir reflexões que contribuam com a necessária aproximação das práticas educativas promovidas por bibliotecários escolares em suas diversidades de espaços-tempos de atuação com os demais educadores da escola”, então o bibliotecário atua no aspecto pedagógico e nos diversos espaços da escola em parceria.

Em vista disso, Ferreira (2018, p. 21), acrescenta que o bibliotecário deve “trabalhar junto aos professores e de acordo com o currículo pedagógico da escola, e que ofereça orientações, pesquisas guiadas, desenvolva a leitura, competências, pensamento crítico e o conhecimento dos alunos”, além do papel colaborativo, aponta o alinhamento com o currículo e cita as atividades que podem ser desenvolvidas pelo bibliotecário.

Já Sala (2018, p. 114) afirma que uma BE deve ser “constituída por uma equipe bem formada, com bibliotecários e profissionais especializados, a fim de contribuir para a formação dos alunos, dos professores e da comunidade local” e ainda acrescenta que o “bibliotecário escolar é um professor cuja disciplina é ensinar a aprender” (p. 129), isso se deve pelo domínio que tem no uso de fontes e recursos informacionais, com esses conhecimentos pode contribuir com o planejamento escolar e nas atividades com os professores.

Por sua vez, Aguiar (2018, p. 40), diz que o bibliotecário é um “mediador de comunicação entre o usuário e o conhecimento”, assim se torna o “protagonista nas atividades” da BE e “proativo em desenvolver as atividades de CoInfo” (p.130). Paiva

(2018, p. 18) segue nessa mesma linha e coloca que o bibliotecário deve ser atuante e acrescenta a mediação e a comunicação com o usuário (p. 170). Ainda sobre o papel de mediador, Abreu (2019, p. 17), coloca que o bibliotecário é “formador de leitores”, por isso é “mediador da leitura”, e no processo da democratização do conhecimento se torna um “mediador social”, ampliando ainda mais seu campo de atuação.

Portanto, a formação do bibliotecário escolar merece atenção, pois o trabalho na escola é complexo, assim, Paiva (2018, p. 18) coloca que há uma “dicotomia nas atividades apresentada pelo bibliotecário escolar: se por um lado os bibliotecários demonstram ter um maior preparo para atuação na área técnica biblioteconômica, por outro apresentam dificuldades para embasarem uma prática pedagógica”. Esse ponto de vista mostra a necessidade de uma formação mais ampla, com a inclusão de disciplinas pedagógicas afim de suprir essa lacuna na sua formação e melhorar a atuação como educador, pois para o bibliotecário escolar a formação bibliotecômica já não é suficiente.

Por outro lado, Jesus (2020, p. 105) descreve a formação de bibliotecários em redes de ensino e destaca a necessidade constante em investimentos, tanto para a formação inicial na rede, como durante a sua permanência. E acrescenta que a formação acontece “em momentos individuais e coletivos, presenciais e por videoconferência, sempre com temas pré-determinados e buscando sanar dúvidas pontuais”, por isso destaca a importância da “aprendizagem ao longo da vida, a autoformação e a formação continuada” (p. 106), assim, o bibliotecário escolar está sempre estudando e aprendendo, pois, seu conhecimento está em construção, ainda mais que a escola é um espaço de muitas interações, aprendizagens e mudanças.

Nas pontuações realizadas pelos autores é possível verificar que o papel do bibliotecário como educador é pouco conhecido na comunidade escolar, bem como a participação do processo educativo.

Nessa situação, o bibliotecário escolar parece o “patinho feio” do conto de Andersen, contudo nesse contexto precisa de tempo para amadurecer o seu trabalho no ambiente escolar e assim se tornar um belo cisne.

Para tanto, é necessário que o bibliotecário aprimore a sua formação no viés pedagógico; melhore a comunicação com os parceiros/profissionais da escola; conheça os usuários da BE; planeje serviços e atividades que envolvam toda a comunidade; utilize recursos da TDICs; participe de reuniões administrativas e

pedagógicas para apontar o trabalho da BE como espaço de aprendizagem e estratégia de ensino; e auxilie na organização do PPP e regimento da escola.

Em relação ao perfil, se destaca a proatividade do bibliotecário na busca por mudanças, a visão de futuro, antecipação de problemas e possíveis soluções que contribuam para a confirmação do bibliotecário como educador.

A comunicação também foi comentada, pois o bibliotecário não é mais o profissional que fica apenas cuidando do acervo, por isso precisa se envolver com todos da comunidade, pois ao se comunicar fica conhecido e melhora as interações, com essas características se torna o protagonista desse espaço, a BE.

O professor é outro profissional que participa da formação da BE. Ele é responsável pela mediação dos conteúdos, das interações e vivências do educando, com o propósito de facilitar a construção do conhecimento e a formação cidadã.

De acordo com as publicações da BDTD, 11 delas abordaram a temática relacionada ao professor e se obteve os seguintes posicionamentos sobre o papel do professor e a BE, e a parceria entre professor-bibliotecário (Quadro 6).

Quadro 6 - Posicionamento dos autores sobre os profissionais da biblioteca escolar – Parceria Professor-Bibliotecário

| Autor | Ano | Ponto de Vista |
|--------------|------------|--|
| Gonzaga | 2017 | <p>A participação do bibliotecário [...] no planejamento pedagógico da escola contribuirá para que os professores conheçam os acervos literários, os materiais de pesquisa que poderão lhes auxiliar no sentido de ampliar o trabalho de sala de aula.</p> <p>A presença do bibliotecário na escola poderia garantir um trabalho conjunto com professores, pois ele tem um importante papel como mediador de leitura literária, trabalhar as habilidades informacionais, além das tarefas de rotina.</p> <p>A participação do bibliotecário na construção do projeto político pedagógico, bem como no planejamento diário, proporcionaria uma ação pedagógica integradora do trabalho da biblioteca e da sala de aula.</p> |
| Aguiar | 2018 | <p>Desse modo, tanto o professor, quanto o bibliotecário da atualidade, passam a ter uma função de mediadores na comunicação entre os usuários que necessitam de conhecimento para seu processo de desenvolvimento pessoal e social [...].</p> <p>Os bibliotecários se tornam mediadores da formação de leitores e pesquisadores em parceria com os professores e demais membros da equipe pedagógica da escola.</p> |
| Ferreira | 2018 | <p>A importância da parceria entre professores e bibliotecários na formação intelectual e literacia do aluno.</p> |

| | | |
|---------|------|---|
| Paiva | 2018 | Falta de interação entre o bibliotecário e o professor. O pouco conhecimento das possibilidades de atuação da biblioteca no contexto escolar, além do pouco conhecimento por parte dos docentes a respeito das atividades do bibliotecário. [...] a pouca especialização do bibliotecário para atuar na BE dentro de suas especificidades. |
| Sala | 2018 | No PNE a BE está relacionada com a qualidade da educação básica, além de ser percebida como importante equipamento de educação e cultura no ambiente escolar. Na meta 7 fica mais evidente a importância do trabalho colaborativo entre bibliotecários e professores enquanto mediadores da informação. Essa meta é considerada, ainda, forte estratégia para a elevação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). |
| Santos | 2018 | Desse modo, na formação do leitor não somente o professor/bibliotecário/professor de leitura faz o papel de mediador, mas também afirmamos que o objeto livro cumpre essa missão, assim como o próprio espaço da biblioteca do mesmo modo é capaz de fazer essa mediação. |
| Abreu | 2019 | Professor e bibliotecário, trabalhando juntos, devem buscar mais informações e objetivos. Porém, cada qual terá responsabilidades e atividades específicas, empenhando-se no que sua formação e experiência permitem fazer melhor. |
| Paula | 2019 | Utilizando a BE como ambiente dinamizador da prática da leitura literária e como lugar de encontro do leitor e obra, tendo o professor como mediador dessa prática de leitura. |
| Pereira | 2019 | O mais importante deles é tê-lo, o bibliotecário, como um professor de e para informação, mobilizada aos conteúdos curriculares de maneira articulado, potencializando as perspectivas de aprendizagem, contribuindo às novas modalidade de ensino para a culminância dos objetivos educacionais. Fortalecem o discurso colaborativo entre bibliotecários e professores, os quais necessitarão mobilizar suas estratégias de ensino, em um cenário de múltiplas possibilidades, coordenando esforços, cooperando na ação pedagógica, educando efetivamente aos objetivos comuns do próprio projeto pedagógico das respectivas escolas. Espaços que oportunizam novas possibilidades de aprendizagem, demandam por comportamentos e atitudes colaborativas, interdisciplinares e experimentais, lançado novas perspectivas a ação do aluno. |
| Silva | 2019 | Destaca-se a importância de formações iniciais e continuadas para bibliotecários e professores que despertem a consciência desses profissionais para que se trabalhe sob a premissa do “aprender a aprender”, principalmente no que diz respeito à intensificação da tentativa de se integrar a biblioteca ao currículo escolar. Bibliotecários e professores têm se tornado mais conscientes da importância de oferecerem disciplinas que desenvolvam habilidades de comunicação e pesquisa. Contudo, a necessidade desses sujeitos se integrarem está emergindo recentemente, juntamente com a necessidade de se compreender o que leva ao êxito nos processos de colaboração. A parceria firmada entre professores e bibliotecários, ratifica a continuidade do trabalho educativo. O papel dos bibliotecários como sujeitos corresponsáveis pela missão de promover integradamente com os professores o ensino-aprendizagem de habilidades informacionais em todos os níveis de ensino. A efetivação da colaboração ocorre quando bibliotecários e professores atuam conjuntamente planejando atividades de ensino-aprendizagem, além de ensinar e avaliar seus alunos. |

| | | |
|-------|------|--|
| Jesus | 2020 | Parcerias realizadas entre professores e bibliotecários vão além de todas as expectativas iniciais da implantação de uma biblioteca, fortalecendo-a unitária e coletivamente, potencializando as redes BEs a oferecerem uma gama de serviços que as tornam inspiradoras para as crianças e adolescentes. |
|-------|------|--|

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Foi possível verificar na fala dos autores, a importância da parceria entre o professor e o bibliotecário no desenvolvimento das atividades da BE.

Isso se constata no estudo de Gonzaga (2017, p. 68) e de Ferreira (2018, p. 17) quando justificam a presença do bibliotecário no espaço escolar a fim de “garantir um trabalho em conjunto com os professores” e contribuir na “formação dos estudantes”, principalmente no desenvolvimento das ColInfo.

Aguiar (2018, p. 40) também concorda com essa postura e diz que, “tanto o professor, quanto o bibliotecário da atualidade, passam a ter uma função de mediadores na comunicação entre os usuários que necessitam de conhecimento para seu processo de desenvolvimento pessoal e social”, então, a “mediação” passa a ser tarefa de ambos, com vista ao desenvolvimento dos estudantes na aquisição do conhecimento e no uso da informação.

Em contrapartida, Sala (2018, p.70) acrescenta que no Plano Nacional de Educação (PNE) especificamente a meta 7 coloca em evidência “a importância do trabalho colaborativo entre bibliotecários e professores enquanto mediadores da informação”, portanto essa meta fortalece a parceria, professor e bibliotecário e ainda coloca a BE como uma estratégia de ensino e aprendizagem. Por isso, Silva (2019, p. 48) confirma que a “parceria firmada entre professores e bibliotecários, ratifica a continuidade do trabalho educativo” da BE.

Reforça esse pensamento, o estudo de Abreu (2019, p. 43) quando diz que o “professor e bibliotecário, trabalhando juntos, devem buscar mais informações e objetivos. Porém, cada qual terá responsabilidades e atividades específicas, empenhando-se no que sua formação e experiência permitem fazer melhor”, por isso compete a cada um unir esforços para trabalhar em prol do aprendizado dos educandos.

O trabalho em parceria aproxima os dois profissionais que passam a conhecer as especificidades de cada área e sua forma de atuação, bem como a oportunidade de trabalhar na construção da formação que integre os dois profissionais.

Silva (2019, p. 43) também pontua a importância da formação entre professor e bibliotecário e coloca que as “formações iniciais e continuadas” devem despertar “a consciência desses profissionais para que se trabalhe sob a premissa do ‘aprender a aprender’, [...] à intensificação da tentativa de se integrar a biblioteca ao currículo escolar”, portanto a formação é o elo que aproxima esses profissionais e valoriza o papel da BE na escola.

Por outro lado, Pereira (2019, p. 38) diz que além de ter o bibliotecário no ambiente escolar, é importante que ele atue como “professor de e para informação, mobilizada aos conteúdos curriculares de maneira articulado, potencializando as perspectivas de aprendizagem, contribuindo às novas modalidades de ensino para a culminância dos objetivos educacionais”, e ainda acrescenta que essa é uma das tendências para o trabalho do bibliotecário escolar, pois essa atividade fortalece

o discurso colaborativo entre bibliotecários e professores, os quais necessitarão mobilizar suas estratégias de ensino, em um cenário de múltiplas possibilidades, coordenando esforços, cooperando na ação pedagógica, educando efetivamente aos objetivos comuns do próprio projeto pedagógico das respectivas escolas. Espaços que oportunizam novas possibilidades de aprendizagem, demandam por comportamentos e atitudes colaborativas, interdisciplinares e experimentais, lançando novas perspectivas a ação do aluno. (PEREIRA, 2019, p.76).

Silva (2019, p. 45) concorda com esse posicionamento em que os bibliotecários atuem como professores em disciplinas “que desenvolvam habilidades de comunicação e pesquisa”, contudo, alerta para a “necessidade desses sujeitos se integrarem está emergindo recentemente, juntamente com a necessidade de se compreender o que leva ao êxito nos processos de colaboração”, assim há uma caminhada para estabelecer procedimentos e atividades que fortaleçam essa parceria, que Silva (2019, p. 49), chama de “missão de corresponsabilidade”.

Por outro viés, Jesus (2020, p. 16) ao abordar o trabalho das BEs em redes, acrescenta que a parceria entre professor e bibliotecário fortalece o trabalho da BE de forma “unitária e coletivamente”, potencializando o seu desenvolvimento no ambiente escolar e favorecendo a aprendizagem dos educandos.

Outra situação é apontada por Paiva (2018, p. 17), ao analisar a parceria entre professor e bibliotecário, a falta de “interação” entre os mesmos e acrescenta que há “pouco conhecimento das possibilidades de atuação da biblioteca no contexto escolar, além do pouco conhecimento por parte dos docentes a respeito das atividades do

bibliotecário. [...] e a pouca especialização do bibliotecário para atuar na BE dentro de suas especificidades”, a constatação de Paiva (2018) faz sentido, pois é fato a falta da cultura no uso da BE pelos professores, bem como a falta de formação dos bibliotecários escolares sobre o fazer pedagógico.

A essa confirmação se constata a necessidade de formações para os profissionais afim de suprir essa demanda. A falta de formação não é o único problema a ser identificado nessa parceria, mas também a ausência do bibliotecário em reuniões de planejamento.

Gonzaga (2017, p. 39) acrescenta que o bibliotecário deve participar do “planejamento pedagógico”, pois só assim conhecerá os conteúdos que serão desenvolvidas pelo professor em sala de aula, pois é nesse momento que acontecem as discussões, a partilha dos conhecimentos específicos e a viabilização das atividades para sistematização e produção do conhecimento.

A participação no planejamento facilita a comunicação, por isso é necessário que o bibliotecário faça parte de todas as reuniões pedagógicas, administrativas e de reuniões individuais com os professores a fim de alinhar o trabalho. Gonzaga (2017, p. 80) ainda complementa que a “participação do bibliotecário na construção do projeto político pedagógico, bem como no planejamento diário, proporcionaria uma ação pedagógica integradora do trabalho da biblioteca e da sala de aula” e Silva (2019, p. 50) coloca que a “efetivação da colaboração ocorre quando bibliotecários e professores atuam conjuntamente planejando atividades de ensino-aprendizagem, além de ensinar e avaliar seus alunos”, portanto a parceria do professor e bibliotecário passa pela participação e organização dos documentos legais da escola como o PPP e o planejamento.

Ao planejar as atividades para a BE, o bibliotecário em parceria com o professor deve levar em consideração o incentivo à leitura, a formação do leitor literário e o desenvolvimento de habilidades das ColInfo, isso se constata no estudo de Gonzaga (2017, p. 68), Aguiar (2018, p. 121), Santos (2018, p. 81), Paula (2019, p.20) e Jesus (2020), essas atividades trazem transformações na parceria, bem como uma visão disruptiva para os estudantes do papel da BE. Portanto, a parceria professor-bibliotecário abrirá caminho para o desenvolvimento mais abrangente da BE.

Após análise da importância do bibliotecário na escola e da parceria professor-bibliotecário ainda faz parte da estrutura formativa, o diretor escolar. É ele quem faz a gestão do ambiente e toma decisões para o bom funcionamento da escola.

Por isso, no processo de gestão democrática se faz necessário o envolvimento de todos os profissionais para a realização de um trabalho mais colaborativo. O diretor é responsável pela organização do trabalho educacional, que envolve o gerenciamento de processos, a coordenação e a orientação escolar.

Nos estudos em análise, 8 (oito) autores, Gonzaga (2017), Paiva (2018), Sala (2018), Santos (2018), Abreu (2019), Pereira (2019), Silva (2019) e Jesus (2020) abordaram a temática do envolvimento do diretor com a BE e se obteve os seguintes comentários (Quadro 7).

Quadro 7 - Posicionamento dos autores sobre os profissionais da biblioteca escolar – Diretor

| Autor | Ano | Ponto de Vista |
|--------------|------------|--|
| Gonzaga | 2017 | A articulação entre o conjunto dos professores, coordenador pedagógico, diretor e bibliotecário é importante no sentido de desenvolver uma proposta sobre leitura e, conseqüentemente, sobre o uso da biblioteca como projeto da escola [...]. Esse envolvimento é positivo, pois, na política educacional, o gestor é o responsável pela unidade de ensino, e, é ele também, junto à comunidade escolar quem toma decisões e administra a escola. |
| Paiva | 2018 | As ações da Direção da escola fazem parecer que a biblioteca é feita apenas de acervo. |
| Sala | 2018 | A importância de realizar projetos de leitura para a formação de leitores. |
| Santos | 2018 | Uma visão restrita da biblioteca escolar, como se somente fosse necessária a presença de livros e só estes fossem materiais de informação. |
| Abreu | 2019 | Desempenho da biblioteca é impactado de forma positiva pelo apoio e presença dos diretores no setor. Tais elementos articulados mostram que há um ambiente cultural escolar favorável, que permite a existência de uma biblioteca efetiva. |
| Pereira | 2019 | Nessa perspectiva, o papel do diretor escolar é determinante, pois, sobre ele, repousa o “poder” da proposição, articulação pedagógica, determinação de procedimentos e parâmetros pedagógicos que nuclearão o fazer escolar. [...] a BE como instrumento pedagógico aos seus discentes e docentes. Para que isso seja realizado, é preciso que diretores escolares sejam educados a compreender o papel da BE [...] um papel educativo que está para muito além do simples fomento à leitura. Parte-se do pressuposto de que um diretor convencido da ação da BE, é capaz de mobilizar toda a escola. Essa mobilização ganha força, notoriedade e, sobretudo, tornar-se real, quando o docente entra em cena. Com docentes mobilizados em função da BE, inevitavelmente ela será lembrada, requerida e, existindo, utilizada por eles. De fato, o processo de aculturação para um novo sentido de BE é um movimento conceitual, comportamental e atitudinal, perfazendo toda a estrutura hierárquica da escola. |
| Silva | 2019 | Mostra-se fundamental para sustentar e motivar essa perspectiva de trabalho integrador, pois a mesma valoriza a importância da atuação da bibliotecária para além da simples organização da biblioteca. É nesse contexto também que é possível perceber outra linha de atuação do coordenador pedagógico, que procura atuar de forma a ser um canal de diálogo entre todas as equipes da escola e a direção. |

| | | |
|-------|------|---|
| Jesus | 2020 | Assim, para que a biblioteca consiga mobilizar toda a comunidade escolar é de extrema importância que os gestores (diretor e coordenador) reconheçam e apoiem o profissional responsável pelo setor e as atividades propostas pelo mesmo. |
|-------|------|---|

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O trabalho na escola se desenvolve por meio da interação entre os profissionais da educação, entre esses profissionais se destaca o diretor escolar. A sua função é gerenciar o espaço escolar, por isso é responsável pela organização do trabalho educacional, processos administrativos e pedagógicos, com vistas à eficácia e a equidade no aprendizado do educando.

Ao considerar o papel do diretor e a relação com a BE, Gonzaga (2017, p. 96) destaca que a liderança desse profissional faz a diferença na escola, principalmente durante a execução do PPP, pois o seu “envolvimento é positivo [...], na política educacional, o gestor é o responsável pela unidade de ensino, e, é ele também, junto à comunidade escolar quem toma decisões e administra a escola”, a visão de educação do diretor contribui para a eficácia do processo pedagógico e administrativo, bem como, do relacionamento com a comunidade.

Compartilha desse posicionamento, Pereira (2019, p. 37) quando diz que o “papel do diretor escolar é determinante, pois, sobre ele, repousa o “poder” da proposição, articulação pedagógica, determinação de procedimentos e parâmetros pedagógicos que nuclearão o fazer escolar”, assim demonstra a abrangência do trabalho do diretor. Esse poder e articulação pedagógica oportunizam ao diretor o acompanhamento do trabalho da BE.

Abreu (2019, p. 27) acrescenta que o “desempenho da biblioteca é impactado de forma positiva pelo apoio e presença dos diretores no setor. Tais elementos articulados mostram que há um ambiente cultural escolar favorável, que permite a existência de uma biblioteca efetiva”, essa constatação mostra como é grande a influência do diretor no desempenho da BE.

Ainda segundo Gonzaga (2017, p. 56), essa “articulação entre o conjunto dos professores, coordenador pedagógico, diretor e bibliotecário é importante no sentido de desenvolver uma proposta sobre leitura e, conseqüentemente, sobre o uso da biblioteca como projeto da escola [...]”, assim se confirma mais uma vez a importância do envolvimento de todos os profissionais no desenvolvimento da BE, tanto na realização de projetos, como na sua manutenção.

Já Sala (2018, p. 160) aponta que os projetos de leitura devem ter como foco a “formação de leitores”, pois o aprendizado da leitura exige a mediação do professor com o educando por meio de textos impressos e digitais.

Por outro lado, Pereira (2019, p. 37) coloca que o diretor deve disponibilizar “[...] a BE como instrumento pedagógico aos seus discentes e docentes. Para que isso seja realizado, é preciso que diretores escolares sejam educados a compreender o papel da BE [...] um papel educativo que está para muito além do simples fomento à leitura”, realmente se percebe que muitos diretores não têm esse conhecimento do papel da BE para a aprendizagem.

Esse desconhecimento sobre o uso da BE por parte dos diretores também é citado no estudo de Paiva (2018, p. 77) quando diz que “as ações da Direção da escola fazem parecer que a biblioteca é feita apenas de acervo” e de Santos (2018, p. 95) quando faz a análise das falas das diretoras, pois tem “uma visão restrita da biblioteca escolar, como se somente fosse necessária a presença de livros e só estes fossem materiais de informação”, assim se constata que há necessidade de uma formação específica para o diretor quanto a BE, para que a mesma seja considerada um espaço de aprendizagem, de lazer e de projetos educativos e culturais organizado para atender a comunidade escolar. E Pereira (2019, p.38) acrescenta que,

parte-se do pressuposto de que um diretor convencido da ação da BE, é capaz de mobilizar toda a escola. Essa mobilização ganha força, notoriedade e, sobretudo, tornar-se real, quando o docente entra em cena. Com docentes mobilizados em função da BE, inevitavelmente ela será lembrada, requerida e, existindo, utilizada por eles. De fato, o processo de aculturação para um novo sentido de BE é um movimento conceitual, comportamental e atitudinal, perfazendo toda a estrutura hierárquica da escola.

Portanto, o desenvolvimento da BE passa pela concepção conceitual que o diretor tem da mesma. Na citação, é possível destacar a fala, “o diretor precisa ser convencido sobre a ação da BE”, esse posicionamento demonstra falta de preparo administrativo e pedagógico, pois a BE está sob o seu poder e inserida no ambiente escolar.

Assim, a atitude do diretor em apoiar e mobilizar as ações da BE faz a diferença, pois ele é o exemplo, dessa forma, comportamentos e atitudes são observadas pela comunidade escolar e tomados como referência quanto ao uso da BE.

Inclusive Silva (2019, p. 117), destaca que o papel do diretor escolar é essencial para sustentar e motivar o “trabalho integrador”, pois é seu papel envolver e integrar

as equipes pedagógica e da BE para a execução da proposta pedagógica. Ainda comenta que em escolas maiores o diretor não tem tempo de verificar e acompanhar todas as atividades que a BE realiza, por isso entra em cena o coordenador pedagógico. Este profissional desenvolve seu papel quando “procura atuar de forma a ser um canal de diálogo entre todas as equipes da escola e a direção” (p. 123), nesse tipo de trabalho integrativo, diretor, coordenador pedagógico e bibliotecário passam a ser responsáveis pelo trabalho da BE.

Ainda nesse pensamento, Jesus (2020, p. 107) reforça a importância da mobilização da BE para “toda a comunidade” e destaca que os “gestores (diretor e coordenador) reconheçam e apoiem o trabalho do profissional”, isto é, a valorização do bibliotecário escolar.

Após a análise dos trabalhos se pontua algumas reflexões sobre atuação desses profissionais da educação, bibliotecário, professor, coordenador pedagógico e diretor escolar.

Essas reflexões podem ser identificadas por palavras que descrevem as situações analisadas nos textos. Uma delas é a palavra “desconhecimento”, pode parecer estranho, mas ela está relacionada ao bibliotecário escolar no sentido de desconhecer a organização do trabalho pedagógico e sua atuação enquanto educador.

Essa palavra também se aplica em relação ao professor, pois desconhece a necessidade da parceria professor-bibliotecário e a BE como estratégia de ensino. Quanto ao diretor, o desconhecimento do potencial da BE no processo de ensino-aprendizagem e de suas contribuições no ambiente escolar.

Talvez esse desconhecimento se justifique devido ao pouco tempo da presença do bibliotecário na escola, também devido a formação mais técnica do profissional. Quanto a parceria do professor-bibliotecário aconteça porque em muitas escolas não há bibliotecas e nem bibliotecários, por isso o professor sempre trabalhou sozinho em busca dos resultados da aprendizagem dos alunos. E por parte dos diretores, sempre há a questão do tempo para desenvolver atividades com a BE devido as rotinas escolares, a falta de investimentos e pessoal.

Outra palavra que se destaca é a “ausência” do bibliotecário escolar das escolas e sua substituição por pseudo-bibliotecário, bem como a falta de trabalho colaborativo entre os profissionais da educação e os profissionais da BE.

Também pode-se listar a ausência de políticas públicas para o desenvolvimento da BE no país e da participação do bibliotecário no PPP e nas reuniões de planejamento, tanto pedagógica como administrativa.

A ausência do bibliotecário na escola se dá pelo entendimento e orientações dos gestores escolares de que qualquer pessoa pode “guardar e emprestar livros”, aqui se retoma a visão da BE como depósito (controle de entrada e saída), tanto a BE e o bibliotecário não têm função pedagógica.

Outra questão utilizada para ausência desse profissional está ligada aos investimentos da unidade escolar, pois envolve salários e não a questão pedagógica e muitas vezes se pagam anos de salário para ter uma pessoa que não entende de BE. Nessa situação ocorre mau investimento e sem retorno pedagógico, quando o gestor opta por não contratar o bibliotecário escolar.

E completando essa reflexão sobre os profissionais da educação, a palavra “formação”, como necessidade de melhoria contínua do trabalho pedagógico do professor, do bibliotecário, do coordenador e do diretor.

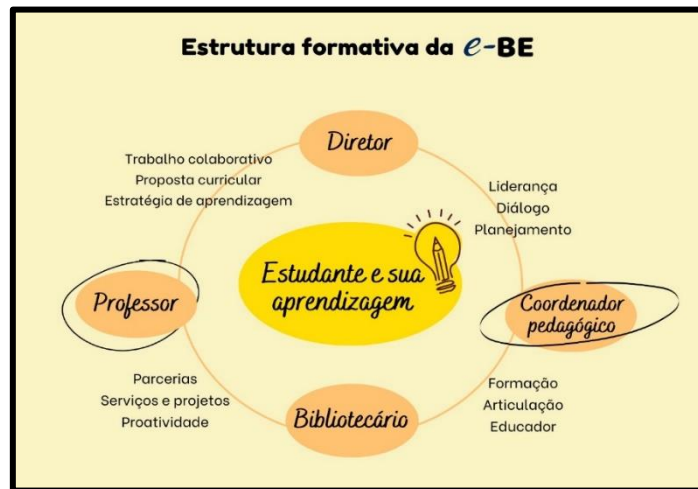
A formação continuada envolve todos os profissionais da escola, um aprendendo sobre a área do outro e contribuindo para a interação e integração no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Por isso, para esses profissionais são palavras de ordem, liderança, diálogo, planejamento, formação, articulação pedagógica, papel de educador, proatividade, serviços e projetos, parceria, estratégia de aprendizagem, proposta curricular e muito trabalho colaborativo.

A integração desses profissionais contribuirá para serviços e atividades da BE com mais eficiência e equidade na comunidade escolar. Essa estrutura precisa ser solidificada em sua formação pedagógica, pois também formará estudantes para aprender sempre.

Portanto, a estrutura formativa da BE (Fig. 5) precisa que os profissionais da educação trabalhem juntos para o desenvolvimento da BE como estratégia de ensino-aprendizagem.

Figura 5 - Como se configura a estrutura formativa da biblioteca escolar



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Após análise do espaço e dos atores da BE, a próxima subseção abordará as atividades pedagógicas que podem ser realizadas com foco no incentivo à leitura e ColInfo.

4.3 Panorama da Estrutura Pedagógica

A presença da BE na escola se caracteriza como um espaço de aprendizagem e de convivências. Para sistematizar a sua organização, serviços, atividades e produtos é necessário que a BE esteja descrita no PPP, pois esse documento é que define a estrutura e direciona atividades pedagógicas que serão desenvolvidas em prol da comunidade escolar.

De acordo com Aguiar (2018, p. 175), a construção do PPP é estruturada em princípios, os quais a BE deve considerar em suas atividades ao fazer o planejamento. Um desses princípios, é o da igualdade, isto é, oportunizar o acesso à informação para todos, a fim de favorecer a inclusão social e digital. Como exemplo, para a consecução desse princípio, a BE deve estar disponível (aberta) em todos os períodos e horários, assim todos os usuários terão acesso ao espaço.

Outro princípio a ser respeitado, é o da liberdade, pois oportuniza a intervenção no espaço educativo e contribui no desenvolvimento do processo pedagógico. Paiva (2018, p. 27) complementa esse posicionamento ao dizer que “é sabido que a biblioteca é uma forma de garantir ao cidadão o direito de acesso à leitura [...]”, esses

princípios valorizam o trabalho do bibliotecário como educador. Junto aos princípios da igualdade e liberdade, há o princípio da equidade, que busca processos mais justos de acesso a informação e a educação.

Para intervenção no processo educativo, o bibliotecário deve participar da gestão escolar, na esfera administrativa e pedagógica de modo a estruturar as propostas de serviços e produtos, com a premissa de um trabalho mais integrado e colaborativo.

Esse tipo de trabalho se percebe na fala de Gonzaga (2017, p. 17), quando diz que é necessário

identificar a percepção que gestor, professor, bibliotecário, orientador pedagógico e Conselho de escola têm do trabalho conjunto com vistas à inserção da biblioteca no projeto político-pedagógico da escola bem como o desenvolvimento de atividades planejadas em conjunto, de forma a apoiar o ensino e a aprendizagem, principalmente, da leitura.

Com base nos princípios, a elaboração dos serviços, produtos e atividades da BE envolve o fomento a leitura, a escrita, a pesquisa e o desenvolvimento das ColInfo, pois são atividades que fortalecem a aprendizagem dos estudantes. Assim, é preciso considerar os serviços tradicionais das bibliotecas, tanto para as físicas como as digitais.

Um dos serviços realizado é a formação do acervo e na BE ele deve estar vinculado ao PPP da escola, as políticas e propostas educacionais e as diretrizes biblioteconômicas. A formação do acervo envolve a aquisição de suportes impressos e digitais que contribuirão para o desenvolvimento da leitura. Nesse serviço se faz necessário a seleção dos materiais, a curadoria, para identificar as obras que atendam as metodologias utilizadas pelos professores e auxiliem na formação do leitor e do leitor literários, por isso, o acervo é composto de várias obras literárias e gêneros. Aqui também acontece o processo de compra dos materiais, contato com editoras e distribuidoras, negociações dos valores, recebimento e controle.

Após a formação e aquisição do acervo, o próximo passo é a realização o tratamento dos conteúdos/informações disponível nos materiais, nesse serviço entram padrões, códigos, vocabulários que identificam os principais itens/campos que serão utilizadas para divulgação na comunidade escolar. Aqui são definidos os recursos tecnológicos que envolve a escolha de softwares, aplicativos,

armazenamento físico e em nuvens, equipamentos para o trabalho técnico e para os usuários.

Compõe ainda os serviços, o atendimento aos usuários, conhecimento sobre o funcionamento dos serviços da biblioteca, o processo de circulação dos materiais impressos (regras e localização) e o acesso ao acervo digital (acesso a sistemas/plataformas, catálogos). Esses serviços são divulgados na comunidade por meio de recursos físicos (murais, folders etc.) e digitais (redes sociais, e-mail e aplicativos), pois para a aprendizagem, a comunicação é fundamental e o acervo deve ser conhecido por seus usuários para que o uso seja completo.

No contexto da BE, o atendimento aos usuários é muito importante e deve acontecer sistematicamente, pois estão em processo de formação e precisam de informações pontuais que complemente a construção do seu conhecimento e o desenvolvimento de atitudes cidadãs. Isso passa pela mediação do bibliotecário, num primeiro momento ao explicar o funcionamento da BE e depois no desenvolvimento de atividades que incentive a leitura e habilidades no acesso e uso da informação.

Portanto, o posicionamento de Santos (2018, p. 23) diz que,

é inquestionável que a aquisição dos conhecimentos leitores propicia ao homem, tanto o seu desenvolvimento individual, como sua inserção social, pois é pela leitura que dialogamos com tempos, espaços e contextos diversos. Entendemos que é por ela também que os alunos ampliam sua visão sobre o mundo e sua capacidade crítica e criativa na busca de transformações e construção do novo.

E Abreu (2019, p. 33) nessa temática sobre a importância da leitura diz que “o texto é uma espécie de ponte lançada entre conexões de saberes, que permite ao leitor visualizar sentidos que estão interligados a outros textos”, assim, fomento à leitura faz parte dos serviços da BE e pode estar presente em programas, projetos e planos de aula, complementando a ação pedagógica do professor e a aprendizagem do estudante, um ambiente incentivador da leitura, por isso é considerado um serviço tradicional.

Sala (2018, p. 137) em seu estudo sobre políticas públicas municipais do livro e a leitura descreve atividades que podem ser desenvolvidas com as crianças em idade escolar no estímulo a leitura, para isso, lista o cantinho da leitura em sala de aula, contação de histórias, varal literário, caminhada literária, sarais literários, salão do livro, conversa com autores, encontros intergeracionais entre crianças e idosos.

Santos (2018, p. 25) também acrescenta, leitura em voz alta, empréstimo de livros, roda de leituras, biblioteca circulante, sessão simultânea de leitura. Já Abreu (2019, p. 72, 75) indica clube de leitura, virada cultural, gincana literária entre outras, porém essas atividades precisam ser contínuas e alinhada ao trabalho do professor em sala de aula.

Paula (2019, p. 29) destaca que além da leitura, também é importante trabalhar com os estudantes a leitura literária, pois este tipo de leitura “molda os sentimentos”, “abre janelas em que surgem novos horizontes”, isto é, abre novos caminhos.

Tanto o incentivo à leitura e a leitura literária necessitam do processo de mediação, que consiste nas interações entre sujeitos e o ambiente, em se tratando da BE Abreu (2019, p. 41 e 46) coloca que

o bibliotecário mediador tem uma função social essencial na formação do leitor, ao interpretar os conteúdos informacionais que se encontram em sua unidade de informação, na tentativa de tornar mais acessível ao usuário as informações que demanda.

O bibliotecário como mediador social deve utilizar da biblioteca com todas as possibilidades que essa unidade de informação e formação permite. Sendo um lugar de guarda, preservação, organização e disseminação do conhecimento de um povo, nesse ambiente o leitor poderá ter contato com o saber que lhe permitirá a efetivação da formação cultural, social e identitária, proporcionando um conhecimento da realidade sociocultural que lhe possibilitará tomar decisões mais assertivas em sua vida. Ao bibliotecário cabe, ainda, tornar possível o acesso à informação, de forma eficaz, a esse leitor do mundo.

Aqui se destaca o papel do bibliotecário como mediador da leitura ao proporcionar vivências que contribuam para o desenvolvimento cognitivo, social e cultural dos estudantes. A mediação do bibliotecário valoriza a BE como espaço de aprendizagem, pois traz novos significados ao estudante que busca a sua identidade no mundo.

Apesar do discurso sobre a importância da leitura, a realidade brasileira é constrangedora, pois em avaliações nacionais e internacionais apresentam resultados baixos, Paula (2018, p. 37) descreve que

os estudantes brasileiros ainda leem mal, não conseguem interpretar, e se encontram entre os piores leitores nas pesquisas sobre leitura e produção no *ranking* internacional. O que faz ficar cada vez mais evidente que nossos alunos necessitam de práticas inovadoras que os direcionem a desenvolver habilidades de leitura mais consistentes e eficazes.

Realmente, é preciso fazer mais e diferente, intensificar a mediação entre bibliotecários, professores e estudantes com o intuito de melhorar o nível de leitura e interpretação dos estudantes brasileiros.

Contribui para essa melhoria as ColInfo indicada como atividades pedagógicas nos estudos de Gonzaga (2017), Aguiar (2018), Ferreira (2018), Abreu (2019) e Jesus (2020).

Atualmente, algumas BE têm desenvolvido o uso de recursos informacionais nas atividades pedagógicas, isto é visto no estudo de Aguiar (2018, p. 114) quando coloca a importância dos multiletramentos, pois os considera

capazes de construir cidadãos mais conscientes, éticos, críticos, reflexivos, criativos, proativos e empreendedores, para atenderem às exigências da atual sociedade. É pelo desenvolvimento de tais cidadãos, que a biblioteca escolar contribuirá para a efetivação de sua responsabilidade política e social na contemporaneidade.

Essa proposta de trabalho está aliada as competências elencadas na BNCC, pois também vê o estudante como produtor de conteúdo e que domine o uso de recursos informacionais e digitais, com o intuito de comunicar, transmitir e disseminar conteúdos e ideias.

Existem alguns programas que foram organizados em estágios que facilitam o desenvolvimento das ColInfo, entre eles se pode citar o modelo de Kuhlthau⁵, o Information Search Process (1 – Início; 2 – Seleção; 3 – Exploração; 4 – Formulação; 5 – Coleta e 6 – Apresentação) e o Big6⁶ desenvolvido por Michael B. Eisenberg e Robert E. Berkowitz (1- Definição da tarefa; 2 – Estratégia de busca da informação; 3 – Localização e acesso; 4 – Uso da informação; 5 – Síntese; 6 – Avaliação), esses programas estão organizados em 6 estágios, porém existe as versões com estágios simplificados. Por isso, Jesus (2020, p. 43) comenta que

⁵ SILVA, Carlos Robson Souza da *et al.* Contribuições do Modelo de Carol Kuhlthau para a pesquisa sobre Comportamento Informacional e Competência em Informação no Brasil. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 25, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/147/14763386007/html/>. Acesso em: 14 ago. 2022.

⁶ Fonte: INQUIRY Every Day and Every Way with the Big6! Disponível em: <https://thebig6.org/>. Acesso em: 14 ago. 2022.

existe ainda um longo caminho a ser percorrido nessa área educacional, constroem-se e aperfeiçoam-se métodos que são capazes de contribuir significativamente para a formação do estudante. Entretanto, os resultados já obtidos evidenciam que práticas como essas devem ser lapidadas e multiplicadas. Durante o ano letivo, os estudantes conseguem desenvolver competências que os tornem aptos a delimitar termos de busca, escolher as fontes que serão consultadas, selecionar o material a ser pesquisado, analisar, interpretar, reproduzir e argumentar sobre o conhecimento que acabaram de adquirir.

Com o desenvolvimento das ColInfo os estudantes aprendem a criar hipóteses, organizar conceitos e estruturas, a serem protagonistas na construção do conhecimento e participante da cultura letrada. E nesse cenário, mais uma vez o papel educativo do bibliotecário entra em cena.

Portanto, faz parte da estrutura pedagógica (Fig.6) da BE os serviços tradicionais como a formação do acervo, tratamento, organização e circulação dos materiais, esses serviços estabelecem a base para as demais atividades pedagógicas de incentivo à leitura e o desenvolvimento das ColInfo.

Figura 6 - Como se configura a estrutura pedagógica da biblioteca escolar



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Assim, as atividades da BE passam pela mediação do bibliotecário e de parceiros, com a finalidade de fortalecimento da estrutura pedagógica, pois elas devem ser intencionais e planejadas.

Na próxima subseção a temática abordada será sobre os usuários, as pessoas que fazem parte da comunidade e utilizam a BE. É importante saber quem são esses usuários e quais são as suas demandas escolares, informacionais e culturais.

4.4 Panorama da estrutura humana

O espaço e os serviços da BE existem para interagir com seus usuários. São considerados usuários os membros da comunidade escolar e segmentados da seguinte forma: profissionais da educação (professores e funcionários), estudantes (todos os níveis de ensino), a família e a comunidade ao redor da escola.

Portanto, para atender as demandas informacionais dos usuários é necessário conhecê-los, saber o que gostam de fazer, quais são os interesses, se gostam ou não de ler, como fazem uso da tecnologia, entre outros aspectos, tudo isso com o propósito de prepará-los para aprender ao longo da vida.

Assim, a formação humana da BE se estrutura no conhecimento desses usuários, porém neste estudo serão apontadas as principais características dos estudantes, justifica-se a análise desse grupo por ser o maior na escola.

A BNCC apresenta a importância da Educação Infantil, pois é o início do processo educacional da criança. É nesse período que a criança começa a participar da vida escolar de forma estruturada, também ocorre a separação por um período de tempo do vínculo afetivo familiar. São crianças de 4 a 5 anos e 11 meses, crianças pequenas, por isso o foco é educar e cuidar, com o objetivo de acolher as vivências e conhecimentos adquiridos no ambiente familiar e da comunidade, com o propósito de articulação pedagógica (BRASIL, 2019, p. 36).

Dentro desse contexto, fica assegurado na aprendizagem da Educação Infantil, o direito de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se que são aplicados com intencionalidade educativa. Por isso, a aprendizagem está estruturada em campos de experiências, um arranjo curricular que permite entrelaçar as vivências da criança com o conhecimento e saberes que fazem parte do patrimônio cultural. Esses direitos estão organizados em campos da seguinte forma: eu, os outros e nós, que envolve a interação com os pares e adultos; corpos, gestos e movimentos, ocorre a descoberta da centralidade do corpo no uso do espaço; escuta, fala, pensamento e imaginação, que possibilita as vivências de fala e escrita, estabelece as noções da cultura letrada; traços, sons, cores e formas, possibilita a convivências com

manifestações artísticas, culturais e científicas; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações, o conhecimento do espaço onde está inserida (BRASIL, 2019, p. 38-43).

Os estudantes do Ensino Fundamental têm entre 6 e 14 anos, são crianças e adolescentes, que fazem parte da maior etapa da Educação Básica. Este nível de ensino está organizado em duas fases, do 1º ao 5º Ano são crianças que fazem parte dos Anos Iniciais e do 6º ao 9º Ano dos Anos Finais.

É o período de transição entre a infância a adolescência, por isso as características desse nível de ensino são marcadas por diversas mudanças relacionadas a aspectos físicos, cognitivos, afetivos, sociais, emocionais, entre outros. Dentro das aprendizagens para esse grupo continua o desenvolvimento por meio de experiências com base na sistematização de conteúdos e nas novas relações com o mundo. Nos Anos Finais do Ensino Fundamental ocorre a consolidação das aprendizagens anteriores e ampliação práticas que propicia a autonomia intelectual (BRASIL, 2019, p. 60).

O Ensino Médio é a última etapa de formação básica, são jovens que estão com o foco na universidade e no mercado de trabalho, passam a ser protagonistas de suas aprendizagens para o “enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentadas” (BRASIL, 2019, p. 463). Nessa fase acontece o aprofundamento dos conhecimentos, a compreensão dos processos produtivos e conscientização das atitudes para uma prática cidadã.

Após essa contextualização da BNCC, se apresenta o posicionamento dos autores sobre os usuários. Amorin (2017) ao escrever sobre o *design* da BE, aponta a necessidade de espaços convidativos onde os estudantes tenham o desejo de permanecer no ambiente, por isso comenta sobre as cores e o mobiliário adequado para cada idade. É comum de se observar nas BEs o uso de carteiras e cadeiras para uso das crianças da Educação Infantil que ficam com as perninhas balançando... ou muitas vezes sentadas no chão por um período até terminar a história ou outras atividades, essas situações mostram o despreparo para uso do espaço e desconhecimento do desenvolvimento da criança.

Ainda se observa estantes tortas, abarrotadas de livros didáticos, caixas empilhadas com materiais, pois o espaço da BE dedicado aos estudantes não é nada

aconchegante em muitas escolas brasileiras, não se valoriza o belo, em ter um espaço harmônico que produza admiração e deleite, o estético.

Ainda nesse estudo, Amorim (2017, p. 162), pediu a participação das crianças por meio de desenhos, colagens e *storytellings* com temática “eu gostaria que minha biblioteca fosse assim” e as respostas foram pontuais. Entre elas se destaca a ludicidade, objetos para brincar e se distrair; organização espacial com espaços maiores, mobiliário e equipamentos adequados; e atividades interativas, entre elas a contação de histórias. Apesar de pequenas, as crianças já têm a noção do que é uma BE.

Além da qualidade do espaço para atender os usuários também se faz necessário conhecer as características desses públicos que vivem na sociedade da informação e do conhecimento, Paiva (2018, p. 44) apresenta as seguintes características,

é uma geração que domina bem a tecnologia, usa o celular, o *tablet*, o controle remoto da televisão. [...] são aqueles nascidos depois da invenção das tecnologias da informação e da comunicação, passam boa parte de seu tempo conectados, o que torna a diferenciação entre real e digital nem sempre clara.

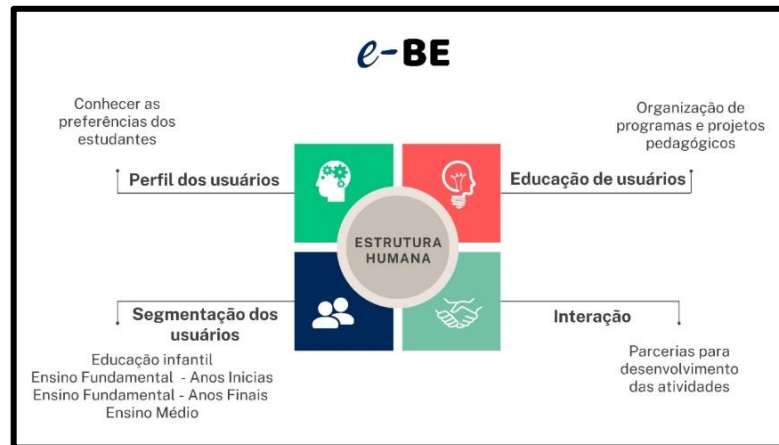
São crianças e adolescentes que vivem no imediatismo, pois o acesso a informação é cada vez mais rápido, pois no mercado das TDICs há sempre novidades, avanços que trazem versões mais interativas e fáceis de usar. É visível a familiaridade com a tecnologia, porém apresentam dificuldades em avaliar/interpretar as informações que entram em contato.

Em relação ao uso e utilidade da biblioteca (Paiva, 2018, p. 84) apontou que os estudantes se consideram usuários mais do acervo da biblioteca do espaço, mesmo assim, muitos a utilizam para “passar o recreio, ler um livro, ficar quieto descansando, fazer ou terminar tarefas. Esse também é eleito um espaço para o estudo, devido a seu ambiente tranquilo”, portanto a BE ainda é vista como o lugar do livro e pequenos momentos de leitura, sem muitas interações para a aprendizagem.

Outro aspecto que se destaca neste estudo é a percepção dos estudantes sobre o bibliotecário ou muitas vezes do pseudo-bibliotecário, na forma de acolhimento desses usuários, comentaram que precisa ser mais “social”, interagir com os usuários, por exemplo, cumprimentar, conversar e sorrir.

A estrutura humana (Fig.7) da BE envolve o conhecimento dos usuários, com a identificação do seu perfil, preferências e a segmentação do nível de ensino que traz as características estudantis.

Figura 7 – Como se configura a estrutura humana da biblioteca escolar



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Por isso, Pereira (2019, p. 21) ao analisar a mudança do perfil dos usuários “concebidos como nativos digitais”, coloca que compete a BE “ressignificar suas práticas e se reinventar”, pois nesse momento da sociedade, mais fluída e digital, exige uma postura de mudança.

Silva (2019, p. 152) destaca a necessidade de não apenas conhecer os usuários, mas de criar programas de “educação de usuários”, pois é um recurso que favorece a integração da BE com os estudantes e, também, com a proposta curricular.

Pereira (2019, p. 44) complementa ao dizer que os estudantes “desejam participar da aprendizagem, protagonizar o aprender, promover saberes, serem os interlocutores nos processos de ensinar e aprender”, assim tendo em vista esses posicionamentos cabe ao bibliotecário criar atividades que oportunizem mais interação com os usuários, pois eles são o centro do processo de aprendizagem.

A BE precisa organizar programas e projetos que atendam as competências leitoras e de informação, por meio de parcerias com os demais profissionais da educação.

Em sua pesquisa, Abreu (2019, p. 77) descreve a criação de um clube de livro com estudantes do 6º Ano do Ensino Fundamental, apesar dos comentários que indicam que eles não gostam de ler, com essa iniciativa foi possível constatar que

houve uma aproximação com a leitura. Os estudantes interagiram com as propostas organizadas pelos mediadores e apresentaram melhorias na leitura, escrita e desenvolvimento oral. Ao compartilhar sobre as leituras, os estudantes fortaleceram a sua identidade e o sentimento de pertencimento, uma das características dos adolescentes, saber quem é e de se encontrar na sociedade; a apropriação do espaço da BE contribuiu para um relacionamento mais sociável e um local para compartilhar ideias e sentimentos.

Portanto, a fala de que os estudantes não gostam de ler se percebe pela falta de engajamento nas atividades de leitura e de mediadores com esse perfil para a interação com os estudantes.

Para entender e melhorar o engajamento dos estudantes com a BE, Ferreira (2018, p.) indica o instrumento do *Student Learning through Ohio School Libraries* que possibilita a identificação da opinião dos mesmos. Este instrumento é dividido em 6 blocos: a biblioteca e a informação que precisa, a biblioteca e a leitura, a biblioteca e trabalhos escolares, a biblioteca e uso dos computadores, a biblioteca e a utilidade fora da escola e a biblioteca em coisas gerais, assim com o panorama de respostas dos estudantes é possível identificar as preferências e criar relacionamentos e atividades mais assertivas para os segmentos de usuários.

Para entender o que fazer na BE é necessário conhecer para quem, só a partir desse entendimento de quem é o estudante da Educação Básica será possível ter uma biblioteca mais interativa.

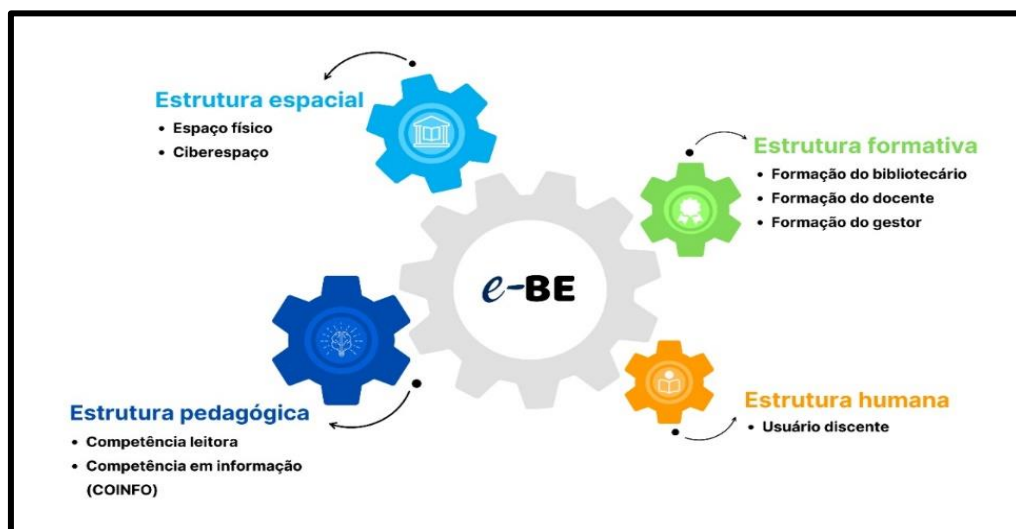
Na próxima seção, serão relacionados exemplos de boas práticas bibliotecárias que apontam para o desenvolvimento das e-BE.

5 LINDEZAS DA BIBLIOTECA ESCOLAR: PRODUTO DE APLICABILIDADE PEDAGÓGICA

Após estabelecer as estruturas, se optou por mapear bons exemplos e práticas bibliotecárias que acontecem no mundo das BEs nos contextos brasileiro e mundial, a fim de ter um panorama do que tem sido realizado sobre o seu desenvolvimento.

Ao analisar essas práticas elas nos sensibilizam para a beleza do trabalho realizado nas BEs e nos levam a reflexão sobre a importância desse espaço na escola, a partir da base espaço-formação-pedagogia-humanização (Fig. 7) que forma as estruturas do e-BE. No primeiro modelo foi apresentado uma imagem com as macroestruturas, mas agora é possível visualizar o panorama completo da BE.

Figura 8 – Como se configura as estruturas da biblioteca escolar



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Assim, é possível observar a necessidade eminente de se conhecer BEs que contemplem espaços físicos e *on-line* ao formar sua fonte formativa de bibliotecários, docentes, gestores por meio de competências leitoras e de informação, mas com foco de prosperar a aprendizagem humanizada dos estudantes.

Portanto, é por meio da reflexão que criamos mundos, e isso vemos nas palavras de Gadotti (2011, p. 97), quando coloca que “educar para outros mundos possíveis é educar para a qualidade humana”, e dessa forma articular as rebeldias entorno das relações sociais para a construção de um mundo melhor.

Ainda acrescenta que não se pode “mudar o mundo sem mudar as pessoas” (GADOTTI, 2011, p. 98), e que esses são processos interligados, assim quando conhecemos o outro, é possível ter mais consciência da sua necessidade e dar voz ao seu problema, por isso se aponta bons exemplos e práticas que darão voz a outras comunidades que desejam ter uma BE ou melhorá-la.

Nesta perspectiva, ao considerar esta base, o produto aqui apresentado é um e-mapeamento de boas práticas (reais) de Bibliotecas Escolares em suas estruturas espacial, formativa, pedagógica e humana.

A coleta foi realizada por meio de pesquisa em dados abertos (websites) de instituições e/ou projetos que se destacam como bons exemplos e práticas bibliotecárias, após o levantamento e a seleção das instituições e projetos foi organizado um guia com o mapeamento desses modelos.

O guia foi organizado no Canva que é uma ferramenta online que possibilita a criação de design para publicação em qualquer lugar. O guia apresenta uma breve explicação sobre as e-BE, foi dividido em duas partes (nacionais e internacionais) com as seguintes indicações: nome da instituição ou título do projeto, breve descrição (características, atividade e destaque), localização (Google Maps), endereço eletrônico (URL) para saber mais informações, uma imagem do local ou de interações e a indicação sobre em qual estrutura da BE (e-BE) esse modelo é mais forte.

A publicação foi realizada na plataforma Issuu, uma rede social que possibilita a leitura de publicações digitais com as características da “ação de folhear” com o uso do mouse. O seu cadastro é gratuito e pode ser usado nas versões para celulares iOS e Android e computadores com sistema operacional Windows e Mac, pois deixa a leitura mais interativa com o uso do Flipbook. Para isso, utiliza arquivos em PDF e passa para o Flash (SWF) que permite o compartilhamento, comentários, publicações, com a criação do link para acesso⁷.

A organização do guia também possibilitou a inserção do *International Standard Book Number* (Padrão Internacional de Numeração de Livro – ISBN) que identifica, individualiza e cataloga as informações particulares e específicas de cada uma das diversas publicações produzidas no mundo.

⁷ Link de acesso para o produto de aplicabilidade pedagógica Biblioteca escolar: boas práticas: e-mapeamento. https://issuu.com/kelcorreia/docs/boas_pr_ticas_-_biblioteca_escolar_produto_22

A análise desses bons exemplos e práticas nos inspira a valorizar e divulgar cada vez mais as bibliotecas, principalmente as escolares, e nesse momento cabe as palavras de Silva *et al* (2021, p. 9) quando descrevem as bonitezas da BE, pois

boniteza é a qualidade do que é bonito, do que é belo, harmônico e agradável aos sentidos. A boniteza desperta atenção, prazer e admiração. É essa boniteza, que desperta interesse e admiração, que destaca a potencialidade e a maestria, a que nos referimos ao olhar a biblioteca escolar.

Isso mesmo, esse termo utilizado por Paulo Freire e Moacir Gadotti quando falam da boniteza de ensinar e de aprender, e no cotidiano da BE não é diferente, às vezes não se percebe a boniteza das relações que acontecem neste espaço, falo das interações que ocorrem com o estudante, a descoberta do conhecimento e a sua autonomia para a sua construção, ler o que se gosta, ler aquilo que quer ou interessa, mas também envolve as interações com as pessoas ou profissionais que fazem parte deste espaço.

Quando se admira o belo, os bons exemplos e práticas, também é possível encontrar soluções e reaprender com eles. Nos exemplos citados acima, é possível destacar:

- a organização das BEs em rede, principalmente dentro da esfera municipal, com a criação de legislações que asseguram a sua existência e o reconhecimento do profissional bibliotecário com a criação de concursos públicos;
- a BE como um espaço de aprendizagem, vivências leitoras, informacionais e culturais por meio de diversos serviços;
- o papel do bibliotecário no desenvolvimento da BE, a sua formação, os relacionamentos com os estudantes e atuação pedagógica;
- o trabalho colaborativo, pois a existência da BE é de corresponsabilidade de todos: gestores, coordenadores pedagógicos, orientadores educacionais, professores, bibliotecários, auxiliares de biblioteca, demais profissionais da educação, tanto na esfera pública e privada, e da família;
- os diversos espaços de atuação da biblioteca que vai desde o físico com suas estruturas diversas ao ciberespaço com as interações digitais, bem como os demais espaços móveis que encurtam as distâncias entre os estudantes e o conhecimento, variedade de territórios que possibilitam interações com conhecimento;
- o uso de recursos tecnológicos para a organização dos acervos físicos e digitais, e para o desenvolvimento de ColInfo;

- a adaptabilidade das bibliotecas nos diversos contextos e situações, (pandemia, guerras) onde estão inseridas ao criar serviços para atender as necessidades da comunidade, o seu papel social.

Aproveite e desfrute desse produto/guia ao conhecer ou rever ideias, atividades, atitudes e projetos que fizeram e fazem a diferença no contexto das BEs e das bibliotecas em geral.

Na próxima subseção são indicadas 5 instituições com boas práticas realizadas e vivenciadas no cenário brasileiro.

5.1 Bons exemplos de práticas nacionais

Para os exemplos brasileiros foram selecionados seis, dentre eles, a Prefeitura Municipal de Florianópolis/SC, o Resource Center da Casa Thomas Jefferson que fazem parte das escolas de língua inglesa, a Biblioteca Escolar Alberta Lyra que faz parte da Prefeitura Municipal de Seara/SC, a Rede de Bibliotecas Escolares da Prefeitura Municipal de Minas Gerais/BH, as bibliotecas Farol do Saber da Prefeitura Municipal de Curitiba/PR e as Bibliotecas escolares da Educação Adventista na Região Central do Paraná, esses exemplos mostram como as prefeituras e instituições educacionais tem se preocupado com a existência de BEs em suas unidades.

5.1.1 Prefeitura Municipal de Florianópolis/SC – Bibliotecas escolares

As bibliotecas são organismos vivos e por isso estão em constante movimento, principalmente uma BE, isso pode ser observado no texto de Duarte e Spudeit (2018) que descrevem as atividades das BEs da Prefeitura Municipal de Florianópolis em Santa Catarina.

Dentre as atividades indicadas na pesquisa, 74% dos entrevistados apontaram: as aulas no espaço da biblioteca com os professores; hora do conto, com narrativas diferenciadas que chamaram a atenção dos estudantes; orientação a pesquisa com roteiros na construção de trabalhos escolares; exposições culturais; clube de livros; e conversa com autores (DUARTE; SPUDEIT, 2018, p. 116). Com essa dinâmica, se constata que as BEs são ambientes de aprendizagem, pesquisa e formação.

A Rede Municipal de Ensino de Florianópolis/Santa Catarina (RME) implantou o Departamento das Bibliotecas Escolares e Comunitárias (DEBEC) a partir de 1984, com a função de

planejar, organizar e assessorar ações relativas à rede de bibliotecas, oferecer formação continuada aos profissionais bibliotecários e auxiliares de biblioteca, fomentar ações literárias, planejar e realizar ações na Semana Municipal do Livro Infantil, mediar as ações do Programa Nacional do Livro Didático, bem como articular a aquisição de acervo, mobiliário e equipamentos para as bibliotecas escolares e salas de leitura das unidades educativas da rede municipal de ensino. (FLORIANÓPOLIS, 2022, p. 1).

Atualmente possui 29 bibliotecas escolares dentro das unidades educativas de Ensino Fundamental e conta trinta bibliotecários concursados que formam a rede de atendimento as unidades (FLORIANÓPOLIS, 2022). Nssa prática, se destaca o apoio do governo municipal na criação de uma estrutura de acompanhamento e desenvolvimento das bibliotecas e presença marcante de profissionais bibliotecários.

5.1.2 Resource Center - Casa Thomas Jefferson

Como uma boa prática, cabe destacar o trabalho desenvolvido nas bibliotecas da Casa Thomas Jefferson, ou *Resource Center*, como são denominadas. São unidade do Centro Binacional de Língua inglesa com apoio da Embaixada Americana no Brasil. Esses espaços contam com ampla estrutura física e tecnológica, espaço maker e um vasto acervo físico e digital.

As atividades do *Resource Center* ultrapassam as BEs tradicionais, pois tem um acervo com 900 recursos que formam a *Library of Things* (Biblioteca das Coisas) para uso nas unidades e empréstimos.

Em 2016 foi implantado o “espaço maker” com a parceria dos museus Smithsonian Institution com a proposta de conectar pessoas a outras pessoas, ideias, cultura americana, projetos e ferramentas, com o propósito de aprender novas habilidades e desenvolver capacidades para transformar a forma de aprender e de ensinar.

Por isso, promove atividades de capacitação para educadores, professores, bibliotecários e gestores, com consultoria para implementação de espaços Maker, treinamento de máquinas, oficinas diversas e palestras na elaboração de planos de aula para todas as disciplinas que envolvem as áreas STEAM (Ciências, Tecnologia,

Engenharia, Artes e Matemática), além de temas como empreendedorismo, raciocínio lógico, pensamento crítico, design e inglês (CASA, 2022).

Aqui se destaca o “espaço maker”, uso de recursos tecnológicos, capacitação de professores no ambiente da biblioteca como forma de aprender fazendo aliado ao processo de leitura e a aprendizagem de uma nova língua.

5.1.3 Prefeitura Municipal de Seara/SC – Biblioteca Escolar Alberta Lyra

Uma BE que faz a diferença em sua comunidade, é a Alberta Lyra do município de Seara, Santa Catarina, em 2018 disponibilizou um espaço aberto a comunidade 24h, tem um acervo de 5.000 exemplares, possui wi-fi, com decoração atrativa e confortável e está localizada em uma comunidade carente. A reestruturação da biblioteca e do espaço para a comunidade foi desenvolvido com apoio da Associação de Pais e Professores (APP).

Não apenas a Biblioteca Alberta Lyra tem trazido resultados positivos, mas a organização e atuação das bibliotecas escolares do município de Seara/SC tem contribuído para aumento do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), pois de acordo com Oliveira, Bedin e Sena (2021, p. 686) apresentam,

bons resultados nos últimos anos, pois está aumentando, por exemplo, de 2015: 6,2 e 2017: 7,1. Índice este referente a competências gerais sobre rendimento escolar (aprovação). Além de estudantes que têm se destacado em olimpíadas de matemática, língua portuguesa, astronomia, xadrez e danças.

Nesse relato é possível perceber o envolvimento da comunidade na organização da biblioteca e o uso de recursos tecnológicos e como a BE tem contribuído para o crescimento do IDEB em áreas com população carente, o fato da biblioteca ficar aberta 24h possibilita que tanto os estudantes da escola como os membros da comunidade tenham acesso à leitura independente do horário e wi-fi liberado para consultas e pesquisas.

5.1.4 Bibliotecas Escolares – Prefeitura Municipal de Belo Horizonte/MG

Comemorando 25 anos de existência e como exemplo de uma boa prática no contexto da BE, cabe falar sobre a Rede de Bibliotecas Escolares de Belo Horizonte/MG, pois tem sido um modelo no trabalho de estruturação e organização das BEs no Brasil.

De acordo com Martimiano e Miranda (2021, p. 195-197), a rede tem três momentos de destaque, o primeiro, antes de 1997, quando as BEs não tinham bibliotecários, espaços inadequados, acervos em sua maioria composto de livros didáticos e o distanciamento da sala de aula.

O segundo momento se refere ao início da rede, 1997 quando foi realizada uma revitalização das BEs, reestruturação dos espaços das bibliotecas, a criação do cargo de bibliotecário na rede municipal de ensino, a organização de uma coordenação centralizada para gestão do trabalho dos bibliotecários, concurso público para auxiliares de bibliotecas, implantação de uma proposta pedagógica com foco no desenvolvimento da leitura.

O terceiro momento acontece em 2017, quando a leitura passou a ser um eixo da política pedagógica do município e a BE como estratégia para a leitura. Nesse período a coordenação passa a ser Gerência de Bibliotecas da Secretaria de Educação⁸ gerenciada por um bibliotecário que busca a padronização de produtos e serviços e a equidade entre as bibliotecas escolares, trabalho em rede.

Com base nos dados de 2020, a rede conta, com 173 escolas com Ensino Fundamental, 3 de educação especial e 145 com Educação Infantil, todas com bibliotecas, num total de 321 unidade, e atualmente são 30 bibliotecários atuando na supervisão dessas BEs. Nessa boa prática, cabe ressaltar o reconhecimento do bibliotecário na estruturação da BE, bem como o seu papel de educador no incentivo à leitura.

5.1.5 Farol do Saber – Curitiba/PR

Com o objetivo de oportunizar espaços diversificados de acesso ao saber e expandir a aprendizagem formal, a Prefeitura Municipal de Curitiba/PR, construiu

⁸ <https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/bibliotecas>

várias bibliotecas com prédios modulares, chamadas de Farol do Saber, elas evocam a Biblioteca de Alexandria, pois trazem luz ao conhecimento.

De acordo com Dalla-Bona e Lima (2018, p. 52), a rede é formada por 178 unidades, sendo algumas com a estrutura do farol e outras em salas adaptadas para a biblioteca, isso representa 96,7% das escolas com bibliotecas, o que diferencia Curitiba das demais cidades do país.

A arquitetura do Farol apresenta um piso térreo, onde fica o acervo físico dos livros e controle da circulação dos materiais, um mezanino para atividades práticas e equipamentos para acesso à internet, e uma torre com o farol que ilumina o bairro a noite.

Dentre as atividades descritas está a ação cultural, Hora do Conto, momento de interação com a leitura por meio da contação de histórias e empréstimos de livros. Segundo Dalla-Bona e Lima (2018, p. 65) o “Farol do Saber cumpriu sua função como biblioteca escolar nos momentos em que foi vivenciado pelos alunos como local de leitura, de convivência, de liberdade, de debate, de reflexão e ludicidade” e já são quase 28 anos realizando esse serviço para os estudantes da rede municipal e da comunidade ao entorno do Farol.

Esse foi um dos destaques das bibliotecas do Farol do Saber que começou na década de 90, mas com a chegada do século XXI, outra proposta se apresentou, o Farol do saber e Inovação, são assim chamados porque o mezanino foi transformado em um espaço *maker*, reforçando a referência das bibliotecas como centros de pesquisa e produção, como lugares de descoberta, exploração e encantamento.

Esse projeto incentiva:

- a construção de projetos pessoais e em grupo com base nos interesses e paixões dos participantes;
- a troca de ideias e reflexão sobre o processo;
- a colaboração e o respeito mútuo;
- a exploração lúdica, a brincadeira e a percepção do erro não como fracasso e sim como parte do processo de aprendizagem;
- a criação com alta ou baixa tecnologia (CURITIBA, 2022, p. 1).

As atividades são realizadas no contraturno e a população também pode participar com agendamento prévio. Nas oficinas é possível “desenvolver protótipos, aprender sobre modelagem 3D e ainda criar jogos, instalações artísticas, histórias, apresentações e animações, seja por meio da linguagem de programação ou de baixa tecnologia, entre outras atividades” (CURITIBA, 2022).

Nesse contexto, se percebe que as BEs passam por constantes transformações que acompanham o desenvolvimento da sociedade criando atividades para o espaço e interações entre os usuários da comunidade.

5.1.6 Bibliotecas Escolares – Educação Adventista – Região Central do Estado do Paraná

A rede da Educação Adventista está presente em 165 países, representada por 7.842 instituições que vão da Educação Infantil ao Ensino Superior. Aqui no Paraná, a sede administrativa Central Paranaense é constituída por 9 escolas/bibliotecas que atende mais de 6.000 alunos.

Desenvolve atividades de incentivo à leitura, a orientação de trabalhos e investigação científica organizada em projetos para atender os níveis de ensino de cada unidade. O projeto Eureka! atende as crianças da Educação Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais que visa trabalhar as ColInfo, com base na contação de histórias e no desenvolvimento de habilidades informacionais.

Ainda são realizadas oficinas com orientação a organização de trabalhos escolares com estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais, essas oficinas são denominadas PoTE (Potencialize o seu Trabalho Escolar). E para o Ensino Médio são desenvolvidas trilhas para a construção de artigos com base na metodologia científica. Ainda há outros projetos, como a Feiras de Livros que facilita o acesso as novidades do mercado editorial ao disponibilizar no espaço escolar a feira para breve leituras e aquisição; Momentos com o Autor proporciona conversas com os autores dos livros indicados na Revista Literária (ReLi) da escola, as quais possibilita ricos momentos de convivências e interações.

As atividades são planejadas e organizadas por duas bibliotecárias e 13 auxiliares de biblioteca, com o apoio da coordenação pedagógica e administrativa de cada unidade e da sede administrativa.

Neste ano se destaca o crescente uso da BE pelos estudantes, pois até julho de 2022 já foram realizados mais de 120.000 empréstimos, esse número ultrapassa a quantidade do ano de 2019, referência antes da pandemia.

A parceria professores-bibliotecárias é muito grande tanto no incentivo as atividades de incentivo à leitura como nas atividades de sala de aula. Dentre as instituições educacionais, essa se destaca pelo apoio dos gestores na ampliação e

revitalização dos espaços da BE, bem como nos investimentos e orçamentos destinados para formação do acervo e projetos.

Na próxima subseção estão relacionadas boas práticas internacionais entre elas de destaca o trabalho da bibliotecária escolar Erika Long e as adaptações das bibliotecas durante a guerra.

5.2 Bons exemplos e práticas internacionais

Para os exemplos internacionais foram escolhidos: os Centros de Recursos de Aprendizagem (CRAs) do Chile, a rede de Bibliotecas Escolares de Portugal, o trabalho da bibliotecária escolar do Thurgood Marshall Middle School, as bibliotecas itinerantes que podem ser consideradas como territórios de leitura e conhecimento, como o caminhão que leva livros na região de Negev, no sul de Israel e outras iniciativas que promovem a leitura em diversos lugares do mundo onde a educação formal não alcança as pessoas. E finalizando os exemplos, estão as bibliotecas da Ucrânia e o seu papel em período de guerra. Esses modelos nos mostram como as bibliotecas escolares e em geral tem contribuído para suavizar a vida de pessoas oprimidas no mundo em tempos pandêmicos e de guerra.

5.2.1 Centro de Recursos de Aprendizagem – Chile

O Chile é um país que vem investindo nas bibliotecas escolares desde 1999, um programa realizado pelo Ministério da Educação, e lá se vão 23 anos de trabalho. A atuação no desenvolvimento das bibliotecas cresceu ao longo dos anos e trouxe a concepção da biblioteca como Centro de Recursos de Aprendizagem (CRA).

Os CRAs são espaços com uma diversidade de recursos que apoiam a aprendizagem da comunidade escolar e são abertos a vizinhança em torno da escola. O foco é o desenvolvimento estudantil por meio do fomento à leitura e a alfabetização digital, além disso visa o desenvolvimento social e cultural dos educandos.

Durante esse tempo de existência, os CRAs encontraram grandes desafios para manutenção e organização de seus espaços, dentre eles, cito o compromisso pedagógico e administrativo de cada escola; a continuidade dos CRAs por processos de autoavaliação; a figura do responsável e coordenador do CRAs; a sua formação inicial e permanente dos funcionários; a reposição e a renovação dos recursos

materiais para a composição dos acervos; falta de padrões para criação dos espaços e sua sustentabilidade financeira, alguns desses desafios foram superados com o fortalecimento de políticas públicas realizadas pelo governo (LAS BIBLIOTECAS, 2010).

Anualmente os CRAs se inscrevem para continuar recebendo o patrocínio do Ministério, onde também são apresentadas as metas com projetos de incentivo à leitura e suas premiações (CHILE, 2022).

Nesse exemplo, há um apoio do Ministério da Educação do Chile que estabeleceu políticas públicas para a BE, porém há a necessidade da participação e envolvimento da comunidade escolar ao apresentar as metas, projetos e relatórios para receber o auxílio financeiro.

5.2.2 Rede de Bibliotecas Escolares – Portugal

Portugal tem se destacado na biblioteconomia escolar com o Programa de Rede de Bibliotecas Escolares (PRBE)⁹, desde seu início vem contribuindo com a valorização e organização das BEs no país. Em 1996, o programa foi lançado pelo Ministério da Educação e Cultura com a finalidade de desenvolver BEs em todas as escolas públicas e nos diversos níveis de ensino.

Castro Filho, (2018, p. 27), ao descrever o PRBE como um bom modelo aponta os seguintes aspectos:

apoio de pessoal especializado em Biblioteconomia e Ciência da Informação que garante para produtos, serviços, ações padrões com qualidade;
conjunto de práticas de leitura e de competência em informação que envolve toda a família, em suas atividades rotineiras, em casa e na comunidade;
diversos projetos em parceria com entidades governamentais, entidade privadas e entidades internacionais. Esses projetos são voltados para o desenvolvimento da leitura e competências em informação com foco nas crianças, jovens e adultos;
continuidade de ações com o estabelecimento de novos objetivos e metas no decorrer dos anos;
criação de instrumentos de avaliação para saber se o que está sendo feito tem apresentado bons resultados;
formação do professor-bibliotecário para que tenha conhecimentos específicos e habilidades para mediar o acervo, que entenda as suas responsabilidades para diminuir a exclusão digital, o acesso a informação, com postura crítica, social e política sobre as mudanças que contribuem para a sociedade.

⁹ Rede de Bibliotecas Escolares de Portugal – Fonte: <https://www.rbe.mec.pt/np4/home.html>

Cabe reforçar a importância do bibliotecário no apoio, organização e desenvolvimento das BEs, em suas atividades, bem a necessidade de formação específica, o fortalecimento das práticas leitoras e de Colnfo com o envolvimento da família, a continuidade dos projetos por meio de parcerias e avaliações.

No exemplo das BEs em Portugal, cabe acrescentar as palavras de Castro Filho (2018, p. 33), quando diz,

se considerarmos que o professor bibliotecário faz parte de uma biblioteca escolar, que, por sua vez, faz parte de uma rede de bibliotecas escolares, que, por sua vez, faz parte de um programa de rede de bibliotecas escolares, que, por sua vez, faz parte de um plano nacional de leitura... Enfim, que essa concatenação de elementos, além de configurar uma associação em conexões coerentes e contínuas, possa funcionar como matriz e motor de um mundo mais humano, com menos desigualdades e mais justiça. Isso tudo por meio de um instrumento civilizador formado por: biblioteca, livro, leitura e leitor em rede.

O entendimento do compromisso do papel da BE faz a diferença, pois com a visão ampliada em nível micro e macro permite o desenvolvimento de muitas interações com a comunidade. O modelo de gestão das bibliotecas portuguesas tem auxiliado na valorização das BEs pelo mundo a fora, além de apresentar publicações esclarecedoras sobre o encaminhamento do trabalho nas bibliotecas.

5.2.3 Thurgood Marshall Middle School –The library is the heart of the school

Não é em toda escola que você encontra uma bibliotecária como Erika Long, ela é especial de acordo com a sua comunidade escolar. Ela é a bibliotecária do Thurgood Marshall Middle School, em Nashville/TN. Relata que a melhor parte do seu dia é fazer conexões com as pessoas, principalmente com os estudantes. Por isso, adora indicar livros para estudantes que vão gostar de ler, isto é, “encontrar o livro certo, para pessoa certa”, esse é um dos objetivos do seu trabalho, ela ama o que faz. Long, ainda completa,

não passo um dia se quer em que um estudante venha pedir uma recomendação de livro, geralmente são os do Ensino Médio, pois eles ainda estão se descobrindo, por isso é primordial a importância de um educador ou pai para apreciar suas características únicas e suas necessidades de aprendizagem. (ALA, 2020).

Conta que num final de semana, estava em casa quando encontrou um livro sobre blogs e imediatamente se lembrou de um estudante que era mais tecnológico e não tinha encontrado o amor pela leitura, mas tinha a paixão por conteúdos digitais. Long (2020) completa, "quando lhe dei o livro, ele estava realmente animado!" e ainda continua, "tento manter todos os tipos de alunos em mente; alguns podem preferir ouvir um livro, ler passagens curtas, escanear um jornal ou assistir a um autor lendo um livro ao vivo", há muitas maneiras de envolver os estudantes na leitura.

A vivência de Long, os depoimentos dos estudantes e do diretor apontam para um trabalho diferenciado do bibliotecário escolar. O relacionamento é o destaque no seu trabalho, pois oferece aos estudantes um espaço equitativo, diversificado e inclusivo, pois os ajuda a terem sucesso no uso da BE e ir além.

A American Library Association (ALA) (2020), em sua campanha "I love libraries" fez um vídeo para mostrar o trabalho de Long e destacou a importância da biblioteca escolar, pois em Thurgood Marshall, os estudantes dizem que a biblioteca é o coração da escola, um espaço interativo e dinâmico. O exemplo de Long, mostra a importância do bibliotecário no ambiente escolar e como pode fazer a diferença na vida dos estudantes.

5.2.4 Biblioteca itinerantes – Territórios de conhecimento

Nesse modelo de bom exemplo não poderia ficar de fora as atitudes de pessoas ou instituições que levam oportunidades, ou melhor, que levam acesso ao conhecimento por meio dos livros, são famosas bibliotecas itinerantes. Elas são diversificadas quanto ao formato, transporte e usuários, em alguns momentos se relacionam com a BE, quando atendem crianças, por isso nesse tópico serão citadas como exemplos que procuram auxiliar as comunidades, com pouco ou nenhum acesso ao conhecimento, e assim tentar diminuir as mazelas sociais por meio da leitura e favorecer a aquisição do conhecimento.

Uma dessas bibliotecas itinerantes está na região de Negev, no Sul de Israel e é conhecida como biblioteca móvel. Ela é destinada a preencher as lacunas educacionais em cidades beduínas que são consideradas ilegais pelo governo, embora seus moradores sejam cidadãos israelenses, não dispõem de água encanada,

eletricidade, centros médicos, escolas ou bibliotecas, este é caso dos vilarejos Abu Kef, Owajan e Alatresh.

Na divisa entre as regiões, em Lakiya foi organizada a associação, Melhoria da Situação da Mulher, que visa dar suporte para as mulheres que vivem nessas aldeias, pois muitas delas não têm a acesso à educação.

Dentre as atividades se encontra uma biblioteca itinerante, um caminhão foi adaptado para ser uma biblioteca, carrega livros infantis em árabe, hebraico e inglês para atender 1.750 crianças, três vezes por semana. A biblioteca sobre rodas é uma oportunidade para as meninas que vivem na região a terem um pouco de conhecimento (LIDDELL, 2016) por meio da leitura.

A biblioteca sobre rodas, também é conhecida como biblioteca itinerante, esse modelo, objetiva encurtar as distâncias entre livros e leitores, assim esse tipo de biblioteca leva livros para uma comunidade, com pouco acesso a materiais de leitura.

Não apenas em Israel, mas em todo o mundo há vários modelos dessas bibliotecas. Há as bibliotecas itinerantes em Bogotá, Colômbia que ficam em pontos de ônibus e assim incentivam a leitura e a equipe da biblioteca central também ajuda nas tarefas escolares. Em Portland, Estados Unidos, há bicicleta/biblioteca destinada aos moradores de rua, chamada de “Livros de Rua”. Já em Portugal há a Van Azul que tem livros de escritores portugueses que objetiva divulgar e incentivar a literatura nacional. Nas Filipinas foi criado Beep, Beep Books, um jipe que levou livros para incentivar as crianças a lerem depois que sua região sofreu um desastre natural e as escolas foram destruídas.

No deserto de Gobi, na Mongólia, há o trabalho de Dashdondog, que há mais de 20 anos leva livros para as crianças lerem montado em um camelo. Em Curitiba/PR, há a Tuboteca, elas são minibibliotecas disponibilizadas em tubos, pontos de ônibus. Os livros são disponibilizados para que as pessoas lerem, não há nenhuma indicação de controle, a recomendação é que quando terminarem a leitura, o livro seja devolvido em outra Estação Tubo, também conhecido como o livro andante.

Muitas são as ideias para promover acesso aos livros, as bibliotecas itinerantes utilizam vários tipos de suportes: carros, caminhões, ônibus, cavalos, camelos, elefantes, barcos, bicicletas, geladeiras, caixas, sacolas entre outros, todas as iniciativas visam aproximar as pessoas, em especial as crianças, da leitura e assim descobrir um mundo de conhecimentos.

Essas iniciativas encurtam a distância e objetivam a equidade social e a democratização da leitura (BUURS, 2005). Todavia, o seu uso é recomendado quando não se tem o espaço físico da BE ou de uma biblioteca pública.

5.2.5 Bibliotecas da Ucrânia – Livros, sim!

E no atual cenário ucraniano, não poderia ficar de fora o papel das bibliotecas neste momento devastador. Deve ser terrível e assustador ter seu país bombardeado, enfim, destruído, foi isso que aconteceu com a Ucrânia, no dia 24 de fevereiro de 2022, quando a Rússia iniciou a invasão. O desespero, o medo e a tristeza da destruição das cidades fizeram com que todos os ucranianos tivessem suas vidas mudadas de uma hora para outra, muitos perderam tudo o que tinham, alguns fugiram para outros países, e aqueles que permaneceram buscaram segurança contra os bombardeios nos abrigos antiaéreos.

Os motivos da guerra entre Rússia e Ucrânia não fazem parte do estudo, mas mostrar o trabalho desenvolvido pelos bibliotecários ucranianos durante o conflito e sua mobilidade em contribuir para a proteção das pessoas mesmo em situações adversas.

Em meio a esse caos, várias atitudes surpreenderam as pessoas que acompanham as notícias sobre a guerra e entre elas pode se destacar o trabalho dos bibliotecários ucranianos durante esse período de guerra.

De acordo com Nikolaevna, presidente da Associação de Bibliotecas da Ucrânia (CHAPPELL, 2022), os bibliotecários foram desafiados e estão lutando na linha de frente, mas sem armas, isto é, com armas diferentes. Uma atividade é o combate a dualidade informação/desinformação, pois a manipulação informativa faz parte da guerra com propósito de atrapalhar, confundir e controlar as pessoas.

Nesse caso, os bibliotecários estão guerreando contra a desinformação, utilizam todos os recursos para apresentar informações verdadeiras, tanto no espaço físico como no ciberespaço e assim orientar os ucranianos sobre a verdade, com esse trabalho promovem a liberdade de acesso à informação e contribuem para a tomada de decisão e posicionamento em relação a guerra.

Os bibliotecários estavam auxiliando na publicação de livros sobre a guerra, mas agora também se tornaram escritores ao contar histórias sobre a resistência ucraniana.

Muitas bibliotecas ucranianas possuem abrigos antiaéreos que foram usados no período da guerra fria, e que agora estão sendo reutilizados para proteção das pessoas.

Em Mykolaiv, ao Sul da Ucrânia algumas famílias estão sendo mantidas em segurança no abrigo de uma biblioteca infantil, durante o tempo que permanecem no espaço aproveitam para ler, pois os livros foram levados para lá. A biblioteca de Liv, a Oeste da Ucrânia, o espaço foi cedido para que mulheres e adolescentes confeccionassem redes para a camuflagem dos militares, outras bibliotecas fazem rodas de conversas com psicólogos com orientações para lidar com as questões advindas da guerra, principalmente a vida emocional (CHAPPELL, 2022).

Esses exemplos, foram selecionados para apontar as características e serviços da BE, mas também permitir a reflexão sobre o seu papel na sociedade, mais especificamente nas escolas. As BE e as bibliotecas em geral quando são instaladas e organizadas mudam a vida da comunidade, pois trazem crescimento e desenvolvido para as pessoas, principalmente nos aspectos: cognitivos e sociais.

Na próxima seção apresenta-se à guisa de considerações. Não é um esgotamento do assunto, mas possibilidades de reflexão para a prática.

6 CONSIDERAÇÕES (PARA RECOMEÇAR)

O Mestrado Profissional em Educação pretende formar os profissionais da área educacional para o aprimoramento das práticas pedagógicas. No que diz respeito a essa formação, encontrei aqui a oportunidade de adquirir conhecimentos teóricos imprescindíveis e essenciais para a compreensão da necessidade de práticas inovadoras na BE.

Apresentar as considerações desta trajetória de pesquisa – fruto de muitas inquietações enquanto bibliotecária escolar se configura um momento fundamental na conclusão de um ciclo e início de novos, que se constituem como frutos nessa dissertação.

Este texto tem a finalidade de registrar os avanços e estagnações sobre as BEs nos últimos cinco anos, bem como a atuação do bibliotecário. A análise teve como ponto de partida as publicações (teses e dissertações) da BDTD do IBICT.

Num primeiro momento, a BE foi revisitada com base em documentos internacionais e nacionais, como o Manifesto e as diretrizes da IFLA, a Lei e do modelo criado pelo GEBE que apresentam propostas de implantação e organização das BEs.

O primeiro objetivo desse estudo foi levantar e analisar as publicações sobre BE a fim de identificar as principais temáticas pesquisadas sobre a área com o propósito de verificar os possíveis avanços e estagnações. As publicações são únicas, no sentido que apresenta a visão do autor sobre o assunto e a realidade que pesquisaram, para esse estudo foram selecionados 12 trabalhos apresentado nas melhores universidades brasileiras com a temática da BE.

O segundo objetivo foi desenhar um panorama sobre a BE com base nas publicações, a partir de uma revisão sistemática de literatura. Nesse processo foram organizados quadros e figuras com a finalidade de identificar e mostrar o que era destaque e comparar o posicionamento dos autores afim de verificar se o tema faria parte da estrutura ou não. Os trabalhos se apresentam contexto diferentes, porém a problemática enfrentada é similar, como a questão do espaço, projetos e atividades, inclusão do papel da BE em documentos oficiais da escola, o desenvolvimento das ColInfo, características dos usuários, entre outros, isso facilitou a construção das estruturas.

As estruturas foram organizadas em quatro partes, a espacial que descreve o espaço físico e digital, onde se encontra a BE, em alguns trabalhos se constatou a

precariedade desses espaços, principalmente do físico, pois é visível e de fácil acesso para a constatação do problema.

A estrutura formativa passa pelos profissionais da educação, com destaque para o bibliotecário, professor e gestor, parceiros que devem atuar de forma colaborativa para o desenvolvimento da BE. Nessa parceria, é preciso levar em conta a visão e as atitudes desses profissionais em relação a BE, pois são exemplos para os estudantes sobre a valorização desse espaço e mudança da cultura escolar. Ainda sobre a formação desses profissionais se destaca a importância da formação continuada que acontece nas reuniões (administrativa e pedagógica) da escola, pois é nesses momentos que se fortalece o trabalho do bibliotecário como educador, as parcerias entre professor-bibliotecário, gestor-bibliotecário e o desenvolvimento da proposta curricular.

A estrutura pedagógica é estabelecida por meio das competências leitora e de informação, são atividades que fortalecem o processo de aprendizagem. Os projetos desenvolvidos que envolve a participação dos estudantes trazem vida a BE, pois há interação e compartilhamento das ideias.

A estrutura humana aborda para quem a BE é organizada e planejada, isto é, para o estudante. Atualmente os estudantes apresentam novas características, principalmente quanto ao uso das TDICs, os chamados nativos digitais. É preciso conhecer o perfil desses usuários, pois tem acesso ao mundo de informação, porém precisam de guias que os oriente nessa caminhada. Portanto, o bibliotecário deve realizar um estudo para identificar as suas preferências, a fim de organizar as atividades que alie os interesses do usuário com as atividades pedagógicas, assim as atividades serão prazerosas e fáceis de aprender.

O terceiro objetivo consistiu em mapear ações nos cenários nacional e internacional com bons exemplos e práticas bibliotecárias. Esses bons exemplos também apontam para as estruturas da BE, dessa forma se solidifica a importância da BE na escola.

Nesse momento o trabalho se encerra, porém, cabe destacar a importância da BE como uma estratégia de aprendizagem e do profissional bibliotecário em seu papel educativo e que ele se aproprie desse espaço, como lugar do conhecimento, da leitura, das ColInfo e da cultura.

Ao apresentar a análise dos estudos e organizar as estruturas da BE se percebe que há muitos desafios, e que podem ser vistos como oportunidades para

novas pesquisas e para reflexão dos bibliotecários escolares, no sentido de avançar para a concretização da BE com um agente de aprendizagem e transformação.

Espero que esta pesquisa sirva de inspiração para os bibliotecários escolares dispostos a experimentar novas práticas e que a formação dos educandos seja encarada como uma necessidade urgente e de grande importância para a educação no país.

Ainda nessa análise foi possível identificar os avanços e estagnações no desenvolvimento da BE brasileira e na atuação do bibliotecário. Após consideração dos 12 trabalhos da BDTD, se constatou que os avanços e estagnações estão relacionados com a estruturação da BE e que dependem de muitas variáveis, uma delas a diversidade regional, o entendimento dos responsáveis administrativo e pedagógico sobre o que é e que se pode fazer na BE, a questão dos investimentos em acervo, mobiliários, equipamentos e espaços. A BE escolar está ligada a conjunção condicional “Se”, tudo depende, se tiver espaço, se tiver orçamento, se tiver acervo, se... assim vai a ladainha, por isso em algumas situações se observa avanços em outras estagnações.

As principais estagnações observadas nas publicações analisadas são:

- ainda há muitas escolas brasileiras sem uma BE, realidade constata devido à ausência de dados estatísticos confiáveis;
- muitos municípios ainda não possuem um programa para organização e funcionamento da BE aliado ao PPP, isso também acontece nas escolas privadas, pois não há um acompanhamento e orientações do Ministério da Educação;
- a Lei da BE ainda não entrou em vigor, pois teve o prazo de execução prorrogado para mais 4 anos, com a justificativa que a esfera pública ainda não está preparada e ao contexto pandêmico. Também a falta de diálogo entre bibliotecários, educadores e legisladores contribui para a fragilidades da Lei;
- ausência do profissional bibliotecário nas BEs;
- pseudos-bibliotecários atuando nas BE sem compromisso com o seu desenvolvimento;
- a ideia da substituição da BE física pela digital, sem considerar o desenvolvimento escolar das crianças e adolescentes;
- falta de apoio administrativo e pedagógico para desenvolvimento das atividades pedagógicas;
- a confusão entre o que é uma BE e uma sala de leitura;
- ausência da parceria professor-bibliotecário e gestor-bibliotecário.

Quanto aos principais avanços se se encontram as seguintes situações identificadas:

- o bibliotecário escolar com a visão de educador e o entendimento da sua atuação pedagógica;
- o uso do Manifesto, as diretrizes da IFLA e do GEBE como base para implantação e organização da BE como espaço de aprendizagem;
- o fortalecimento do trabalho de BEs em redes institucionais (públicas e privadas);
- aumento de projetos e atividade de incentivo à leitura e a leitura literária. Essas iniciativas demonstram a importância da leitura para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes;
- o desenvolvimento das ColInfo em diversas BE com a supervisão do bibliotecário;
- o aumento da parceria professor-bibliotecário em algumas escolas. O crescimento dessas parcerias se deve a postura do bibliotecário como educador e dos professores que veem a BE como recurso de aprendizagem e aos cursos de Pedagogia e de Biblioteconomia que estão inseridas disciplinas dessas áreas em seus cursos;
- o diálogo entre gestores e bibliotecários sobre planejamentos e orçamentos para a BE;
- o bibliotecário escolar desenvolvendo atividades com os usos das TDICs;
- bons exemplos e práticas de sucesso das BEs.

Nessas comparações sobre estagnações e avanços, ainda há muito trabalho a ser realizado para assegurar a presença da BE no espaço pedagógico, o papel do bibliotecário como educador e o fortalecimento das atividades que contribuem para o desenvolvimento dos educandos, enfim o seu reconhecimento como espaço de aprendizagem.

Cabe destacar que para mudar o cenário apontado nos últimos cinco anos (2017-2022), se constata a melhoria no processo formativo dos atores (bibliotecário, professor e gestor) que atuam nesse espaço, bem como o esclarecimento da sua função no ambiente escolar para a comunidade. Entrelaçando os avanços, estagnações e e-BE é preciso refletir as seguintes questões no desenvolvimento da BE.

O espaço, a primeira estrutura se refere a localização espacial da BE que pode ser física, física-digital ou digital, isso vai depender das características da escola, os investimentos, pessoal e tipo de atividades pedagógicas.

Outra estrutura importante é a formativa, pois considera os profissionais da educação como responsáveis pela formação integral do educando no desenvolvimento da aprendizagem. Por outro lado, a formação também envolve os profissionais na construção do conhecimento individual e coletivo sobre a atuação da BE e do bibliotecário enquanto educador. Ainda se destaca a necessidade da formação pedagógica do bibliotecário, pois facilita a comunicação com os usuários e os demais profissionais da educação. E nesse novo contexto, pós pandemia, cabe a conscientização do bibliotecário em atuar como educador e trabalhar para o desenvolvimento da formação cidadã.

A estrutura pedagógica contempla as competências, leitora, de Colnfo e de investigação científica a serem desenvolvidas pelo bibliotecário em parceria com o professor, estratégias de ensino para a aprendizagem do educando. Assim, a BE tem que ser dinâmica com muito movimento e circulação dos usuários e muitas interações que proporcionem vivências de aprendizagem no uso das TDICs e uso da informação.

E a estrutura humana com foco no educando/usuário em identificar preferências e demandas informacionais a serem respondidas. Essas necessidades serão atendidas com base na organização da estrutura espacial, formativa e pedagógica, pois contribuirá para o desenvolvimento escolar dos estudantes, pois o uso adequado da BE o habilitará para uma cidadania mais plena.

A visualização das e-BE visa contribuir com os bibliotecários escolares no gerenciamento da biblioteca. Ao ter um panorama dos principais aspectos e itens de cada estrutura, assim será fácil identificar as ações que devem ser efetuadas para a solução dos possíveis problemas encontrados. Essas estruturas não são cíclicas e nenhuma é mais importante que a outra, porém precisam ser desenvolvidas para que a BE seja vista como um espaço dinâmico de aprendizagem.

No início desse estudo se questionou o paralelismo entre Educação e Biblioteconomia, o hiato entre as duas áreas que atuam com o mesmo propósito, a formação dos educandos. Essa é uma preocupação dos bibliotecários, por isso atualmente no meio acadêmico biblioteconômico tem se discutido o termo Biblioeducação com a finalidade de fortalecer a interconexão entre elas, o

alargamento de fronteiras, a quebra de territórios, o andar junto de mãos dadas. Um sonho...

As considerações aqui colocadas são reflexões que nos levam para um novo recomeço, um novo jeito de caminhar.

7 REFERÊNCIAS

ABREU, Flávia Ferreira. **Mediação e leitura na biblioteca escolar**: estudo de casos múltiplos. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VAFA-BE5HSH>. Acesso em: 15 nov. 2021.

AGUIAR, Niliane Cunha de. **O letramento para a competência informacional em bibliotecas escolares**: estudo a partir dos projetos políticos-pedagógicos dos colégios de aplicação das universidades federais brasileiras. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B6PFSK>. Acesso em: 15 nov. 2021.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). **Thurgood Marshall Middle School**: the library is the heart of the school. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bKwePnkjGgM>. Acesso em: 22 abr. 2022.

AMORIN, Aline Pessoa de Oliveira. **Design e Arquitetura**: a criança e as bibliotecas pública infantil e escolar. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-21122017093737/pt-br.php>. Acesso em: 15 nov. 2021.

BRASIL. Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm. Acesso em: 11 abr. 2022.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 9.484, de 10 de outubro de 2018**. Altera artigos da Lei nº 12.244/2010 que institui a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 2018. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichaDetramitacao?idProposicao=2167716>. Acesso em: 11 abr. 2022.

BUURS, Magriet. **My librarian is a camel**: how books are brought to children around the world. Honesdale, PA: Boyds Mills, 2005. Disponível em: <https://www.orange.k12.nj.us/cms/lib/NJ01000601/Centricity/Domain/1020/My%20Librarian%20is%20a%20Camel.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2022.

CAMPELLO, Bernadete. A função educativa da biblioteca escolar no Brasil: perspectivas para o seu aperfeiçoamento. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. CD-ROM. Disponível em: <http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/ENAN054.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

CAMPELLO, Bernadete; BARBOSA, Ricardo Rodrigues; PROENÇA, Samuel Gonçalves. Biblioteca escolares no Brasil: uma análise dos dados estatísticos do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **RICI: R. Ibero-amer. Ci. Inf.**,

Brasília, v. 11, n. 3, p. 609-624, set./dez. 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/89629>. Acesso em: 10 abr. 2022.

CAMPELLO, Tatiana *et al.* **Propriedade intelectual no metaverso**. São Paulo: Demarest, 2022. Disponível em: <https://www.demarest.com.br/propriedade-intelectual-no-metaverso/>. Acesso em: 7 jul. 2022.

CASA THOMAS JEFFERSON. **Resource Centers abertos à comunidade**. 2021. Disponível em: <https://thomas.org.br/responsabilidade-social/Resource-Centers-abertos-a-comunidade-539-1931.shtml>. Acesso em: 17 abr. 2022.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO FILHO, Claudio Marcondes. Rede de bibliotecas escolares em Portugal: um programa modelo. **Inf. & Soc.**, João Pessoa, v. 28, n. 3, p. 23-34, set./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/38058/21798>. Acesso em: 17 abr. 2022.

CERDEIRA, Theodolindo. A biblioteca escolar no planejamento educacional. **R. Bibliotecon**. Brasília, v. 5, n. 1, p. 35-41, jan./jun. 1977. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2011/05/pdf_acaa1c0754_0016705.pdf. Acesso em: 23 jun. 2022.

CHAPPELL, Bill. Ukraine's libraries are offering bomb shelters, camouflage classes and, yes, books. **NPR**, Washington, 9 mar. 2022. Disponível em: <https://www.npr.org/2022/03/09/1085220209/ukrainelibrariesbombshelters#:~:text=Ukraine's%20libraries%20are%20offering%20bomb%20shelters%20and%20camouflage%20classes%20One,to%20refugees%20who%20have%20fled>. Acesso em: 23 abr. 2022.

CORREIA, Miguel Mimoso; EIRAS, Bruno Duarte. Mundos virtuais: que vida existe no *Second Life*?. **Cadernos BAD**, p. 69-83, 2009/2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/86437>. Acesso em: 5 jun. 2022.

CHILE. Ministério da Educação. **Bibliotecas Escolares CRA**. Disponível em: <https://bibliotecas-cra.cl/fomento-lector-2022>. Acesso em: 17 abr. 2022.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**. 3. ed. Porto Alegre: Grupo A, 2014.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. ed. São Paulo: Grupo A, 2021.

CURITIBA. Prefeitura. **Projeto Faróis do Saber e Inovação**. O que são os Faróis do Saber e Inovação?. Disponível em: <https://sites.google.com/educacao.curitiba.pr.gov.br/faroisdosabereinovacao/sobre>. Acesso em: 21 abr. 2022.

DALLA-BONA, Eliza Maria; LIMA, Charlene da Silva Andrade de. Farol do Saber: limites e possibilidades de uma biblioteca escolar na formação de leitores literários. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 43, n. 1, p. 51-69, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/49941>. Acesso em: 21 abr. 2022.

DUARTE, Thayná; SPUDEIT, Daniela. Práticas inovadoras nas bibliotecas escolares em Florianópolis: empreendedorismo cultural em foco. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.23, n.3, p.104-123, jul./set. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/PZ89RPQgCVwTNdYZ866xmKx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 abr. 2022.

DUARTE, Yaciara Mendes. A base nacional comum curricular e as possibilidades para a biblioteca escolar. **Revista Eletrônica da ABDF**, v. 5, n. 1, p. 29-47, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://revista.abdf.org.br/abdf/article/view/158/152>. Acesso em: 10 abr. 2022.

EDUCAÇÃO ADVENTISTA. **Nossa história**. Disponível em: <https://www.educacaoadventista.org.br/nossa-historia/>. Acesso em: 17 abr. 2022

FERREIRA, Thaís Guedes. **Contribuição das bibliotecas escolares para construção do conhecimento**: estudo para adaptação de um instrumento de avaliação. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, SP, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/154268>. Acesso em: 15 nov. 2021.

FLORIANÓPOLIS/SC. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. Departamento de bibliotecas escolares e comunitárias. **Bibliotecas escolares**. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?cms=debec&menu=13&submenuid=253>. Acesso em: 17 abr. 2022.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. 2. ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011. Disponível em: https://www.paulofreire.org/download/boniteza_ebook.pdf. Acesso em: 2 jun. 2022.

GALLEGO, Rita de Cássia; SILVA, Vivian Batista da. **A gestão do tempo e do espaço da escola**. Disponível em: https://midia.atp.usp.br/impressos/redefor/GestaoDiretores/Tempo_Espaco_2011_2012/Tempo_Espaco_completo.pdf. Acesso em: 17 jun.2022.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Luiz Marques. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 6 n. 1, p. 57-73, set. 2019/fev. 2020. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinfa/article/view/4835/4187>. Acesso em: 14 abr. 2022.

GIL, Antônio C. **Como fazer pesquisa qualitativa**. São Paulo: Grupo GEN, 2021.

GONZAGA, Maria Marismene. **Biblioteca escolar e projeto político-pedagógico**: um estudo de caso. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, SP, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/150624>. Acesso em: 15 nov. 2021.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Anima Educação, 2014. Disponível em: <https://docente.ifsc.edu.br/luciane>.

oliveira/MaterialDidatico/P%C3%B3s%20Gest%C3%A3o%20Escolar/Legisla%C3%A7%C3%A3o%20e%20Pol%C3%ADticas%20P%C3%ABlicas/Manual%20de%20Pesquisa%20Qualitativa.pdf. Acesso em: 14 abr. 2022.

GUIDA, Rosemarilany Barbosa. Breve histórico da biblioteca escolar no Brasil. **Repositório/FEBAB**, (2019). Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/2993>. Acesso em: 23 jun. 2022.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **IFLA School Library Guidelines**. (2015). Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>. Acesso em: 26 maio 2022.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Manifesto da biblioteca escolar**. (2000). Disponível em: <https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2022.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura em biblioteca escolar**. (2019). Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/apresentac%C3%A7%C3%A3o%20parapublicar2019.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

JESUS, Miriam Fernandes de. **A Competência em Informação na Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo**: uma reflexão e análise sobre a ação integrada entre bibliotecários e professores, 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, SP, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/192502>. Acesso em: 15 nov. 2021.

LAS BIBLIOTECAS escolares en Chile: visión de la comunidad escolar. México: IDEA, (2010). Disponível em: <https://bibliotecas-cra.cl/sites/default/files/publicaciones/estudiobibliotecasescolaresenchile.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2022.

LIBRARIES in virtual worlds. *In*: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Libraries_in_virtual_worlds. Acesso em: 5 jun. 2022.

LIDDELL, Graham. Library on wheels: delivering literacy to Israel's unrecognised villages. **Middle East Eye**, 2016. Disponível em: <https://www.middleeasteye.net/features/library-wheels-delivering-literacy-israels-unrecognised-villages>. Acesso em: 23 abr. 2022.

MACEDO, Neusa Dias (org.). **Biblioteca escolar brasileira em debate**: da memória profissional a um fórum virtual. São Paulo: Senac, 2005.

MAIA, Cristina Marchetti. **Introdução à Revisão Sistemática de Literatura (RSL)**. Araras, SP, 2020. (Apresentação de slides). Disponível em: <https://www.bar.ufscar.br/arquivos/treinamento-rsl-ufscar.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2022.

MARTIMIANO, Adriana Pedrosa; MIRANDA, Ricardo José. Gestão de bibliotecas escolares: a experiência da rede de belo horizonte. *In*: SILVA, Eduardo Valadares da

et al (Org.). **Bonitezas da biblioteca escolar**: um guia para boas práticas. Belo Horizonte: KMA, 2021. Disponível em: <https://nersi.eci.ufmg.br/livros/bonitezas-da-biblioteca-escolar/>. Acesso em: 21 abr. 2022.

MARTINEZ-SILVEIRA, Martha Silvia. **Bibliotecários são parceiros valiosos em equipes de revisões sistemáticas em saúde**. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/3696>. Acesso em: 14 abr. 2022.

METRO NASHVILLE PUBLIC SCHOOLS. **Erika Long, Thurgood Marshall Middle School Librarian**. (2020). Disponível em: https://www.mnps.org/news/archived_news/mnpsvoices_erika_long_thurgood_marshall_middle. Acesso em 22 abr. 2022.

MONTEIRO, Silvana Drumond. O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. **DataGramZero, Revista de Ciência da Informação**, v.8, n. 3, jun. 2007. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/7547>. Acesso em: 5 jun. 2022.

OLIVEIRA, Marinês Martins de; BEDIN, Jéssica; SENA, Priscila Machado Borges. Projetos inovadores nas escolas municipais de Seara por meio de suas bibliotecas. **RICI: R. Ibero-amer. Ci. Inf.**, Brasília, v. 14, n. 3, p. 679-701, set./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/33862/31348>. Acesso em: 14 abr. 2022.

PAIVA, Raquel Miranda Vilela. **A biblioteca escolar e os nativos digitais**. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-BCVN84>. Acesso em: 15 nov. 2021.

PAULA, Cristiane Dias Gonçalves. **Formação do leitor literário e a dinamização da biblioteca escolar**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-BAPHMQ>. Acesso em: 15 nov. 2021.

PEREIRA, Gleice; COLA, Roberta; COSTA, Fabíola Pereira da. A biblioteca escolar na lei de diretrizes e base da educação nacional. **RICI: R. Ibero-amer. Ci. Inf.**, Brasília, v. 14, n. 3, p. 808-823, set./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/36842/31364>. Acesso em: 10 abr. 2022.

PEREIRA, Rodrigo. **Biblioteca escolar Sul-Mato-Grossense**: cenários e perspectivas. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, SP, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/181419>. Acesso em: 15 nov. 2021.

PIERRE, Lévy. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

SALA, Fabiana. **Políticas públicas do livro, leitura e biblioteca escolar no Brasil**: das iniciativas federais à implementação municipal. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual

Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, SP, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/154102>. Acesso em: 15 nov. 2021.

SANTOS, Izabele Dias dos. **Um lugar onde moram e se escondem os livros: as bibliotecas escolares e a formação de leitores**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, SP, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/157203>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SERRA, Liliana Giusti. **Livro digital e bibliotecas**. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Lei de Universalização das Bibliotecas Escolares (12.244/10): concepções, aplicações e proposição de política pública. **R. Inf. Cult.**, Mossoró, v.1, n.1, p. 60-93, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/ric/article/view/8521>. Acesso em: 11 abr. 2022.

SILVA, Eduardo Valadares da *et al* (Org.). **Bonitezas da biblioteca escolar: um guia para boas práticas**. Belo Horizonte: KMA, 2021. Disponível em: <https://nersi.eci.ufmg.br/livros/bonitezas-da-biblioteca-escolar/>. Acesso em: 21 abr. 2022.

SILVA, Eduardo Valadares da. **O processo de integração entre a biblioteca escolar e o currículo**. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/31679/1/tese%20eduardo%20valadares%20da%20silva%20ppgci%202019%202.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021.

TRINDADE, Christiane Coutheux. John Dewey: o lugar da Educação na sociedade democrática. *In*: BOTO, Carlota. (Org.). **Clássicos do pensamento pedagógico: olhares entrecruzados**. Uberlândia: EDUFU, 2019, p. 115-140. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/fjnhs/pdf/boto-9786558240273-07.pdf>. Acesso em: 12 maio 2022.

VALIO, Else Benetti Marques. Biblioteca escolar: visão histórica. **Trans-in-formação** v. 2, n.1, p. 15-23, jan./abr. 1990. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2011/02/pdf_00ca17bd49_0014455.pdf. Acesso em: 14 abr. 2022.

ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 65, p. 149-166, jul./set. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/9GBmR7D7z6DDv7zKkrndSDs/?lang=pt>. Acesso em: 14 abr. 2022.